

JOYCE KIMARCE DO CARMO PEREIRA

ENTRE FESTEJOS E OFÍCIOS:

um olhar acerca das manifestações culturais do Toque dos Sinos de São João
del-Rei/Minas Gerais

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2017

JOYCE KIMARCE DO CARMO PEREIRA

ENTRE FESTEJOS E OFÍCIOS:

um olhar acerca das manifestações culturais do Toque dos Sinos de São João
del-Rei/Minas Gerais

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2017

P436e Pereira, Joyce Kimarce do Carmo
2017 Entre festejos e ofícios: um olhar acerca das manifestações culturais do Toque dos Sinos de São João del-Rei/Minas Gerais. [manuscrito] / Joyce Kimarce do Carmo Pereira – 2017.
168f., enc.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 154-163.

1. Lazer - Aspectos sociais - Teses. 2. Festas religiosas - Teses. 3. Cultura popular - Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



ATA DA 123ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JOYCE KIMARCE DO CARMO PEREIRA

Às 09h00min do dia 19 de julho de 2017 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*Entre festejos e ofícios: Um olhar acerca das manifestações culturais do Toque dos Sinos de São João del-Rey/ Minas Gerais.*”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	
Profa. Dra. Sônia Cristina de Assis (UEMG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: APROVADA

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo/a Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 19 de julho de 2017.

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli 

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva 

Profa. Dra. Sônia Cristina de Assis 

AGRADECIMENTOS

Gratidão, essa é palavra que define essa etapa da minha vida. E assim finalizo mais uma conquista, realizando um sonho que se tornou realidade. Porém ele não teria sido possível sem a presença de Deus em minha vida, me auxiliando, me acolhendo e me ajudando a fortalecer minha fé diariamente. Um dia manifestei para Deus minha vontade de ter uma fé semelhante a da minha madrinha minha querida Dindinha Marisa (*in memoriam*) que mesmo diante das limitações físicas de uma doença, sua fé era inabalável, sua sede de viver e alegria em estar viva eram contagiantes, era emocionante. **Gratidão a Deus e a minha Dindinha!**

Não foi fácil a caminhada, tiveram percalços, tropeços e a vida docemente me pregou peças. E todo esse processo me permitiu crescer, amadurecer e aprender com cada uma das experiências vividas. Na verdade me trouxeram lições valiosas, ensinamentos que levarei por toda vida. **Gratidão às dificuldades que me possibilitaram crescimento pessoal!**

Abracei essa pesquisa como minha vida, com toda minh' alma, desfrutei de cada minuto, aplicando a lição mais valiosa que o meu querido orientador José Alfredo Debortoli me ensinou: a vivenciar os processos, a curtir os processos, valorizar o meio e não o fim que chegará de qualquer forma. E foi assim que levei minha vida e essa dissertação, me delicieei com as descobertas, acolhi cada experiência e curti cada um dos processos. **Gratidão às experiências!**

Gratidão a minha família (Lú, Mãezinha, Tia Pi, Vozinha, Paulinho nosso anjinho - *in memoriam* e Biel), por todo apoio, carinho, compreensão, dedicação e amor, muito amor e união são as palavras que nos definem. Sem vocês com o amor e o apoio incondicional eu não teria conseguido trilhar por esse caminho. **Gratidão a minha família!**

Gratidão ao meu pai Flávio, pelo carinho e amor, sempre torcendo por mim e se alegrando com minhas conquistas. Gratidão ao meu segundo pai Keyroga, por todo apoio, amizade e carinho. **Gratidão aos meus pais!**

Gratidão a todos os meus amigos que me apoiaram e torceram por mim, e aos amigos que o mestrado me presenteou carinhosamente. **Gratidão aos meus amigos!**

Gratidão ao meu orientador querido, que se tornou um amigo, obrigada por acreditar em mim e abraçar meu tema e minha pesquisa de maneira tão doce. Agradeço sua ternura, sabedoria e todos os ensinamentos. **Gratidão ao meu orientador!**

Gratidão à professora Cláudia Freitas (Claudinha) e ao professor Bernardo Gontijo (Be), por me abrirem as portas, me acolhendo e auxiliando no processo de me tornar professora. Gratidão eterna a professora Christianne Gomes (Chris) por sempre me apoiar e acreditar em meu potencial e a professora Ana Paula Guimarães, pela ajuda e conselhos. **Gratidão aos meus professores!**

Gratidão aos sineiros são-joanenses, por tanta prontidão e por me receberem de maneira tão acolhedora e carinhosa. Com vocês aprendi o valor de se colocar a alma em tudo que a gente faz na vida. Gratidão a cidade de São João del-Rei, por ser essa comunidade sempre tão hospitaleira, prestativa e carinhosa. **Gratidão aos sineiros são-joanenses e a cidade de São João del-Rei!**

“Tudo que se tem é isto, esse instante agora”!

Zeca Baleiro

“Põe a sua alma em tudo”.

Zeca Baleiro



“É em São João del-Rei que o som dos sinos se faz ouvir mais forte, mais rico, cultivado e renovado como arte, ofício e devoção, sustentado por uma teia de relações que une irmandades e gerações de sineiros”. Dôia Freire

O Toque dos Sinos de São João del-Rei

Quando ouvi o toque do sino pela primeira vez ele tocou fundo. Tocou alto, intenso compassado, não foi um toque qualquer, tocou minha vida.

Quando olhei o sino pela primeira vez achei-o um objeto um tanto imponente talvez pela religiosidade que nele também se esconde, talvez pelos segredos guardados e histórias que o cerca.

Mas quando conheci o sino mais intensamente, descobri vidas, vidas que se entrelaçam até o sino chegar a ser sino, até o toque chegar a ser o toque do sino.

Não teve jeito tive que mergulhar cada vez mais fundo, entender aquele objeto, pois não era um simples objeto tinha muita, muita história para contar.

E então, o sino me tocou de novo, mas dessa vez, regado de africanidade, fundido pelo suor de meus ancestrais escravizados.

O sino tocado por meus irmãos era com emoção, ecoando cânticos talvez de tristeza de saudosismo a terra mãe, do berço África da humanidade.

Ou talvez fosse um tocar nostálgico de alegria por resgatar a história, imprimir a resistência e resgate cultural nos toques, seguindo a musicalidade candomblecista.

Ai não teve jeito mesmo, o sino tocou fundo demais. Quando escuto ele tocar, sei que não é um toque simplesmente, porque ele toca histórias de um tempo longínquo que se faz presente tecendo novas histórias...

São João del-Rei, “Terra onde os sinos falam?” Terra onde os sinos cantam! Terra onde os sinos conversam! Terra onde os sinos tocam!

O toque dos sinos de São João del-Rei, tocou minha vida, tocou meu coração, tocou minh'alma.

Joyce K. C. Pereira



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

FUNREI – Universidade Federal de São João del-Rei

MTUR – Ministério do Turismo

SEC – Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais.

SJDR – São João del-Rei

SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO – Organização das Nações Unidas

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Código sonoro da Linguagem do Toque dos Sinos de São João del-Rei	71
TABELA 2: Nomenclatura dos toques de São João del-Rei	77
TABELA 3: Nomenclatura dos toques de São João del-Rei	78
TABELA 4: Dobres são-joanenses.....	79
TABELA 5: Repiques fúnebres de São João del-Rei	80

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Localização de São João del-Rei em Minas Gerais.....	23
FIGURA 2: Localização de São João del-Rei no Campo das Vertentes	24
FIGURA 3: Municípios limítrofes	24
FIGURA 4: Fabricação de sinos século XVIII.....	38
FIGURA 5: Vibração do sino, classificação musical e frequência	39
FIGURA 6: Catedral de Notre Dame, Paris.....	45
FIGURA 7: Igreja Paroquial de Obidos, Portugal	45
FIGURA 8: Tipologias de contrapesos dos sinos ibéricos: “Valência; Lisboa; Rio de Janeiro e São João del-Rei	46
FIGURA 9: Festejo da Malhação de Judas pelos negros (Sábado de Aleluia no Rio de Janeiro).....	52
FIGURA 10: Negros em um dia de Festa no Rio de Janeiro do século XIX.....	53
FIGURA 11: Coleta de donativos para a Irmandade Nossa Senhora do Rosário (alguns membros da confraria: rei, rainha, princesa e mestre-sala).....	54
FIGURA 12: Referência ao sino na Semana Santa	57
FIGURA 13: Situações para o toque dos sinos	58
FIGURA 14: Toque dos sinos para procissões dos defuntos	58
FIGURA 15: Toque dos sinos para os mortos.....	59
FIGURA 16: Partes do sino de São João del-Rei.....	65
FIGURA 17: Coroa do sino batizado de Elias – Igreja Nossa Senhora do Carmo – São João del-Rei Minas Gerais.....	66
FIGURA 18: Coroa do sino batizado de João Batista – Igreja Nossa Senhora do Carmo – São João del-Rei Minas Gerais	66
FIGURA 19: Abertura simétrica das torres são-joanenses – Igreja Nossa Senhora do Carmo	69
FIGURA 20: Cruzetas das torres são-joanenses	69
FIGURA 21: Chegada dos sineiros a torre	107
FIGURA 22: Nosso Senhor dos Passos – Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar	108
FIGURA 23: Aprendiz do ofício de sineiro com o pano vermelho do combate dos sinos	108

FIGURA 24: Decoração da entrada da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar	110
FIGURA 25: Decoração do interior da Igreja da Nossa Senhora do Carmo	110
FIGURA 26: Martelo marcador das horas	112
FIGURA 27: Dobrando os sinos são-joanenses.....	139

RESUMO

O presente estudo propôs investigar as manifestações culturais emergidas a partir do Toque dos Sinos da cidade de São João del-Rei. Dessa forma, a pesquisa aqui compreendida visa entender como se dá o ofício de sineiro em relação às festividades, descrever o ofício de sineiro e compreender a dinâmica de experiências constituídas pelo toque cotidiano dos sinos são-joanenses. A metodologia fundamentou-se na abordagem qualitativa, na pesquisa bibliográfica e realização de entrevistas e pesquisa de campo. O roteiro de entrevista semiestruturado contou com a participação de 6 sineiros, sendo 5 tocadores de sino e 1 fundidor de sino. Os dados coletados foram analisados, apresentando como resultados que as manifestações culturais que emergem do toque dos sinos se desembocam em festiva religiosa, função comunicativa e o ofício do sineiro. A festiva religiosa é exemplificada por meio do combate dos sinos, por ser um momento festivo mais esperado pelos sineiros, no qual possibilita encontros, aprendizado, partilha e troca de experiências. Na função comunicativa os depoentes alegam que os sinos são um meio de transmissão na cidade, anunciando as horas, as festividades religiosas e notícias pertinentes para a comunidade além de convidar a população para as celebrações. No ofício de sineiro os entrevistados afirmam ser uma prática iniciada na infância e a aprendizagem se dá por meio da observação e prática constante. É um ofício no qual o sineiro mantém uma relação de identidade, de afeto e devoção pelos sinos e os toques, além de estabelecer uma conexão lúdica e corporal com o objeto sino. Para os sineiros o toque dos sinos traz sentido e significado para a vida, levando-os a um processo de ressignificação humana na própria história, na cultura e na experiência vivida.

Palavras - chave: São João del-Rei. Toque dos Sinos. Manifestações culturais. Ofício de sineiro.

RESUMEN

El presente estudio propuso investigar las manifestaciones culturales surgidas a partir del Toque de las Campanas de la ciudad de São João del-Rei. De esta forma, la investigación aquí comprendida pretende entender cómo se da el oficio del campanero en relación a las festividades, describir el oficio del campanero y comprender la dinámica de experiencias constituidas por el toque cotidiano de las campanas são-joanenses. La metodología se fundamentó en el abordaje cualitativo, en la investigación bibliográfica y realización de entrevistas y investigación de campo. El guión de entrevista semiestructurada contó con la participación de 6 campaneros, siendo 5 tocadores de campana y 1 fundidor de campana. Los datos recogidos fueron analizados, presentando como resultados que las manifestaciones culturales que emergen del toque de las campanas se desembocan en festiva religiosa, función comunicativa y el oficio del campanero. La festiva religiosa es ejemplificada por medio del combate de las campanas, por ser un momento festivo más esperado por los campaneros, en el que posibilita encuentros, aprendizaje e intercambio de experiencias. En la función comunicativa los exponentes alegan que las campanas son un medio de transmisión en la ciudad, anunciando las horas, las festividades religiosas y las noticias pertinentes para la comunidad además de invitar a la población a las celebraciones. En el oficio del campanero los entrevistados afirman ser una práctica iniciada en la infancia y el aprendizaje se da por medio de la observación y práctica constante. Es un oficio en el que el campanario mantiene una relación de identidad, de afecto y devoción por las campanas y los toques, además de establecer una conexión lúdica y corporal con el objeto campanario. Para los campaneros el toque de las campanas trae sentido y significado para la propia vida, llevándolos a un proceso de resignificación humana en la propia historia, la cultura y la experiencia vivida.

Palabras-clave: São João del-Rei. Toque de las Campanas. Manifestaciones culturales. Oficio del campanero.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	13
2 OBJETIVOS	18
2.1. OBJETIVOS GERAL	18
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
3 METODOLOGIA	19
4 CAPÍTULO 1 – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE SÃO JOÃO DEL-REI /MG: O CENÁRIO DO PERÍODO COLONIAL E DA MINEIRAÇÃO NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO	23
5 CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIA “SINÍSTICA”: DO SINO AO TOQUE	33
2.1. SINO: UMA MISCELÂNIA DE HISTÓRIAS.....	33
2.2. OS SINOS NO BRASIL: UMA INFLUÊNCIA LUSO IBÉRICO	41
2.3. TOQUE DOS SINOS NO BRASIL: UMA INFLUÊNCIA DE MATRIZ CULTURAL AFRICANA.....	46
6 CAPÍTULO 3 – O TOQUE DOS SINOS DE SÃO JOÃO DEL-REI : “A TERRA ONDE OS SINOS FALAM”	63
3.1. ESTRUTURA E LINGUAGEM DOS SINOS SÃO-JOANENSES.....	65
3.2. CARACTERÍSTICAS DO OFÍCIO DE SINEIRO SÃO-JOANENSE	81
7 CAPÍTULO 4 – UM PANORAMA ACERCA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL E MATERIAL	84
4.1. O PROCESSO DE REGISTRO DO TOQUE DOS SINOS DE SÃO JOÃO DEL-REI: “A COMUNIDADE É A MELHOR GUARDIÃ DE SEU PATRIMÔNIO”	98
8 CAPÍTULO 5 – AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO TOQUE DOS SINOS: AS NARRATIVAS DO SINEIRO SÃO-JOANENSE	103
5.1. O COMBATE DOS SINOS: O CENÁRIO FESTIVO RELIGIOSO SÃO-JOANENSE	105
5.2. OS SINOS SÃO-JOANENSES: “UM MEIO DE TRANSMISSÃO”	112

5.3. OFÍCIO DE SINEIRO: “UMA PAIXÃO INEXPLICÁVEL PELOS SINOS, AS TORRES E AS COISAS DO OFÍCIO”	115
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	154
ANEXOS	164

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A proposta apresentada neste trabalho foi influenciada por pesquisas de campo feitas em diversas cidades históricas mineiras durante a trajetória acadêmica da pesquisadora. Dessa forma, estes trabalhos de campo oportunizaram o conhecimento e (re) conhecimento de um universo histórico cultural rico, marcado pelas singularidades de um viver tradicionalmente mineiro nas cidades visitadas. Ao visitar São João del-Rei ter se deparado com as peculiaridades históricas e culturais que carrega, despertaram uma curiosidade em adentrar naquela cultura considerada viva seja nos objetos, nas ruas, nas edificações antigas, nas expressões populares, nas manifestações culturais, nas atitudes, nas histórias e memórias, dentre outras inúmeras possibilidades.

Tendo em vista a explanação supracitada, as inúmeras manifestações existentes no cotidiano das comunidades, se fazem cada vez mais necessárias de serem estudadas, vivenciadas e compreendidas, devido à complexidade e a dinâmica de cada contexto. Contextos estes permeados também, por práticas de lazer. Para abordar o tema do lazer, como observa Debortoli (2012, p.15) busca-se enfatizar e “dar centralidade às relações e aos processos éticos e estéticos, à arte e ao corpo, ao ritual e ao festivo na partilha e produção cotidiana de nossas experiências sociais”¹. Nesse sentido, o lazer enquanto dimensão da cultura é caracterizado por práticas que tendem a movimentos de sociabilidade nos mais distintos contextos, propiciando as diversas formas de expressão e manifestação humana. Conforme destaca Gomes (2011, p.2) o lazer:

Trata-se de um espaço político e social repleto de dimensões simbólicas que se materializam, culturalmente, no cotidiano de nossas percepções, imaginários sociais, identidades, subjetividades, sentimentos, atitudes, visões de mundo, projetos políticos de sociedade, construções intelectuais e modos de intervir em cada contexto. Tudo isso é permeado por complexas interações entre o local e global que são realizadas, pelos sujeitos, na multidimensionalidade do espaço geopolítico mundial. Todo conhecimento está marcado geo-historicamente, reforçando valores

¹ DEBORTOLI, José Alfredo. Lazer, Envelhecimento e Participação Social. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.

condizentes com as peculiaridades locais do contexto em que é produzido.

O toque dos sinos são-joanense, nesse cenário, consiste em uma expressão sonora de sinos presentes nas torres das igrejas, em sua grande maioria católicas. É uma forma de comunicação tradicional reiterada no cotidiano mineiro desde o período colonial. Basicamente, os toques são utilizados para anunciar festas religiosas, celebrações, eventos e datas litúrgicas como Semana Santa, Natal, dentre outras. Além disso, informam as horas e outros tipos de comunicações que sejam consideradas pertinentes para a comunidade.²

O município mineiro São João del-Rei/SJDR, é conhecido atualmente como a “terra onde os sinos falam”, por apresentar um vasto repertório de toques nos quais são anunciados cotidianamente para a comunidade. Mediante a isso, o toque dos sinos e o ofício de sineiro de São João del-Rei, são registrados como patrimônio imaterial pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como referência desde 2009³.

[...] podemos lembrar que há gerações que São João del-Rei é conhecida historicamente como “a terra onde os sinos falam”, tendo impressionado desde século XIX diversos visitantes que posteriormente tornaram-se ilustres memorialistas das tradições da histórica cidade. (IPHAN, 2009, p. 5-6 2009).

O principal responsável por esta prática é o sineiro, que além da habilidade, técnica e conhecimento, mantém uma relação afetiva e devocional com o objeto sino, dando vida aos mais variados tipos de toques. Dessa maneira, a prática sineira se faz presente na cidade, sendo repassada de geração em geração, com vistas instigar a valorização e perpetuar essa expressão da cultura. Assim sendo, o toque dos sinos, abrange um universo de relações, envolvendo os sineiros, os sinos, os aprendizes do ofício de sineiro, as festividades religiosas, práticas de lazer e a comunidade.

2

Disponível

em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos(1).pdf)

Acesso em 29 Abril 2017.

³ Além de São João del-Rei, outras 8 (oito) cidades mineiras cada qual com sua particularidade, em menor ou maior grau, apresentam o toque dos sinos, as cidades são: Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes.

Assim, o toque dos sinos se caracteriza como um elemento conformador da identidade são-joanense e facilitador de movimentos de sociabilidade. Pois, estão intimamente ligados as formas de experienciar o lazer no município por meio das festividades. Dessa forma, São João del-Rei vivencia o lazer em um sentido coletivo, de maneira singular em ampla relação com as festas religiosas anunciadas pelos sinos.

O toque dos sinos é concebido, portanto, como uma tradição histórica que mesmo com o avanço tecnológico perdura até os dias de hoje, tornando-se uma expressão reveladora do ser, saber e fazer são-joanense. O sineiro por sua vez, detém o papel de elo de um entrelaçamento de manifestações que emergem do toque dos sinos, sendo o promotor fundamental dessa prática.

Em face desse cenário, surgiram algumas indagações: Como se configura o universo do toque dos sinos? O que é ser sineiro em São João del-Rei? Como se dá o ofício de sineiro são-joanense em relação às festividades religiosas? Qual a relação do sineiro e o objeto sino? Como se dá o processo de aprendizagem do toque dos sinos? O toque dos sinos dispara um fluxo de relações? Quais as possíveis manifestações e experiências que o toque dos sinos gera? Neste sentido, a pesquisa fundamentou-se na seguinte pergunta de partida: Quais são as manifestações que emergem a partir do toque dos sinos são-joanense?

No que se refere às justificativas dessa pesquisa, destacam-se cinco delas. A primeira diz respeito à escolha do município de São João del-Rei/SJDR, em detrimento de outras cidades mineiras para a realização da pesquisa. Isso é devido ao fato, do toque dos sinos de São João del-Rei ser o que apresenta um dos maiores repertórios tocados em relação às outras cidades mineiras, além de ser a “principal referência, e um padrão de excelência, para estudiosos e sineiros”. (IPHAN, 2009, p.3).

Nesse sentido, caracteriza-se como um elemento de coesão sociocultural, sendo uma prática viva no cotidiano da comunidade são-joanense, por meio dos mais variados toques com distintas finalidades e peculiaridades. Um exemplo disso pode ser verificado na pesquisa elaborada pelo IPHAN, durante o processo de registro como bem imaterial:

É notório que em São João del-Rei os toques de sinos compõem um conjunto muito mais numeroso e complexo se comparado às demais cidades consideradas no inventário. Além disso, em São João del-Rei, os toques têm estrutura bem determinada e, ainda que se permitam pequenas variações ou ornamentos em sua execução, a sua estrutura permanece perfeitamente reconhecível. (IPHAN, 2009, p. 29).

[...] São João del-Rei guarda o código sonoro na sua versão mais íntegra e complexa, com uma gama de especificidades e singularidades no que se refere a prática dos seus toques dos sinos. (IPHAN, 2009, p.4).

Dos sinos de São João não se poderá dizer que como em outras cidades estão emudecidos pelo progresso dos tempos. Soam a miúdo e talvez mais frequentes. (IPHAN, 2009, p.6).

A segunda refere-se à iniciativa da comunidade são-joanense de registrar o toque dos sinos como patrimônio imaterial brasileiro com vistas a perpetuar este saber. Assim sendo, a investigação mostra-se ainda mais instigante para a pesquisadora, no sentido de compreender este universo do toque dos sinos também valorizado pela comunidade local.

Dito isso, como terceira justificativa, embora São João del-Rei apresente um leque de possibilidades de pesquisa, o toque dos sinos foi escolhido por ser uma riqueza cultural e social que pode contribuir para a sistematização de estudos do lazer, sobretudo de caráter cultural, uma vez que há certa escassez de trabalhos relacionados ao tema na área. Gomes (2014, p.12) aborda em seu trabalho “Lazer: Necessidade Humana e Dimensão da Cultura” a incipiência que permeiam os estudos do lazer enquanto dimensão cultural, para a autora este entendimento de lazer, versa sobre a possibilidade dos sujeitos vivenciá-lo de acordo com seus valores dentro do “contexto histórico, social e cultural” no qual estão inseridos.

Assim, aprofundar os estudos considerando as realidades históricas de cada contexto se faz cada vez mais urgente, dado o dinamismo e as particularidades de cada conjuntura social. Dessa forma, espera-se difundir o tema, sobretudo no meio acadêmico, com vistas a incentivar a formulação de novos estudos, estreitando os laços e ampliando debates sobre lazer, cultura e sociedade. Para além dessa escassez de pesquisas no campo do lazer

conforme mencionado verificou-se também a incipiência de trabalhos na área do toque dos sinos, temática ainda pouco explorada em estudos acadêmicos:

Se analisarmos a bibliografia e a documentação existentes sob o papel do sino e sua linguagem no Brasil Colonial e Imperial, como também em Portugal, percebe-se, de imediato, que é um tema quase inexplorado, não só dentro do campo de pesquisa da história cultural, mas também no nível técnico, histórico e social, pois é uma disciplina que agrega conteúdos de varias áreas como metalurgia, mecânica, música, carpintaria, além dos aspectos religiosos e sociais vinculados aos hábitos da sociedade, principalmente do antigo regime. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 41).

Dessa forma, a pesquisa aqui compreendida poderá contribuir para a ampliação de trabalhos que versem sobre a temática do toque dos sinos e suas nuances. Já como quarta justificativa, salienta-se que a partir das pesquisas encontradas, verificou-se que muitas trazem à tona a questão dos sinos como símbolo das festividades religiosas e em raras exceções mencionam a importância do papel do sineiro e sua relação com a prática dos toques. Sendo assim, há certa incipiência de trabalhos acadêmicos que tratem do ofício de sineiro e do sineiro enquanto protagonista, bem como o processo de apropriação e relação com esse saber, a aprendizagem dessa técnica e sua percepção diante de uma responsabilidade de viés social e cultural.

Deste modo, muito se notou referente à exaltação ao toque dos sinos e aos sinos em si e certa supressão atinente ao sujeito que dá vida aos toques: o sineiro. Assim sendo, esta pesquisa poderá contribuir para aprofundar os conhecimentos sobre o toque dos sinos, e, sobretudo dar vazão para explicar a atuação do sineiro e seu ofício, com vistas a valorizar o papel do guardião do saber do toque dos sinos de São João del-Rei.

Por fim, com o avanço tecnológico que revolucionou as formas de comunicação na sociedade, considera-se no mínimo curioso e instigante estudar uma expressão cultural, ainda presente nos dias atuais sobrevivendo nesta era das tecnologias e da informatização.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar as manifestações culturais que emergem do Toque dos Sinos de São João del-Rei, onde o ofício entrelaça uma temporalidade festiva e religiosa.

2.2 Objetivos Específicos

- Entender como se dá o ofício de sineiro em relação às festividades em que o toque dos sinos se faz presente como protagonista;
- Descrever o ofício de sineiro em meio a uma diversidade de manifestações culturais que (se) entrelaça;
- Compreender a dinâmica de experiências constituídas pelo toque cotidiano dos sinos de São João del-Rei, mobilizando pessoas e manifestações, tempos e relações.

3 METODOLOGIA

A investigação aqui apresentada fundamentou-se na abordagem qualitativa, a qual segundo Gaskell (2002) fornece elementos que irão propiciar a compreensão das relações sociais dos sujeitos bem como o contexto no qual estão inseridos. Para o autor, o objetivo de uma pesquisa qualitativa é: “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. (GASKELL, 2002, p. 65). Nesse sentido, a abordagem qualitativa se define a partir de uma ligação estreita com o contexto. Dessa forma, trabalhar qualitativamente nesta investigação implica em “entender/interpretar os sentidos e as significações” (TURATO, 2004, p.25) a partir de uma conjuntura sociocultural.

A pesquisa foi dividida em três etapas: na primeira foram feitas visitas de reconhecimento do objeto de estudo, onde foi possível identificar e selecionar os indivíduos que seriam entrevistados, apresentar-se para os sujeitos da pesquisa e por fim apresentar a proposta da investigação. A segunda etapa realizou-se as entrevistas com os sujeitos selecionados. Já a terceira etapa, consistiu no acompanhamento da festividade a qual abrangia o Combate dos Sinos, durante essa etapa foi possível realizar conversas informais com outros sineiros, bem como vivenciar um dos momentos festivos mais esperado por eles.

Assim, a coleta de dados se deu por meio da observação participante⁴, compreendendo duas técnicas: Na primeira, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com os sineiros das principais igrejas da cidade⁵ responsáveis pelo toque dos sinos de São João del-Rei. Além disso, foi

⁴ É importante ressaltar que a observação em uma pesquisa de campo é um elemento que requer inúmeros cuidados metodológicos, considero que o pesquisador pode se tornar parte do ambiente estudado e por isso a observação não está livre de julgamentos e pré-concepções advindas de quem a realiza. Assim, a observação aqui proposta irá se fazer de forma semelhante aquela proposta por May (2004), considerando alguns aspectos da técnica da observação participante.

⁵ Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja de São Francisco e a Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar são as principais protagonistas de uma das maiores festividade do município: A Festa de Passos é uma festa de grande repercussão e de maior duração na comunidade

possível conversar informalmente em vários momentos com os sineiros além de conhecer e conversar com outros sineiros.

A utilização de um roteiro de entrevista semi-estruturado foi escolhida, pois permitiu investigar e refletir acerca da percepção dos sineiros em relação ao toque dos sinos. Uma vez que este método é dotado de certa flexibilidade em que o “entrevistador pode e deve decidir, durante a entrevista, quando e em que sequência fazer quais perguntas”. (FLICK, 2004, p.106). Além disso, essa técnica permite a elaboração de questões abertas. Conforme aponta Flick (2004, p.106): “[...] é uma característica dessas entrevistas que questões mais ou menos abertas sejam levadas à situação de entrevista na forma de um guia da entrevista”. O autor acrescenta ainda, como vantagem desse método de pesquisa o aumento da “comparabilidade dos dados”, por meio deste guia de entrevista. Dessa forma, a pesquisa de deu por vias democráticas, pois facilitou o diálogo entre o pesquisador e o pesquisado, garantindo a livre manifestação dos entrevistados.

Nesse sentido, a pesquisa contou com a participação de 6 (seis) sineiros, sendo 5 (cinco) sineiros tocadores de sino cada qual atuante em uma igreja e 1 (um) sineiro fundidor de sino, responsável pela fundição de sinos da cidade. Para realizar as entrevistas apresentou-se para os sujeitos o termo de consentimento livre e esclarecido, além de pedir a autorização para gravar as falas.

É válido mencionar que as entrevistas duraram em média de 30 a 60 minutos, foram realizadas no local de trabalho dos sujeitos e cada um deles escolheu o dia e horário considerado melhor.

Ao utilizar o recurso de gravação, as entrevistas foram transcritas na íntegra e como forma de garantir a fidelidade dos relatos, respeitou-se o modo de falar, as pausas, bem como os vícios de linguagem dos sujeitos da

são-joanense, devido a sua celebração ocorrer separadamente do calendário litúrgico da Semana Santa. É também, um dos festejos históricos mais importantes para os sineiros são-joanenses, por ser o único onde ocorre o tradicional Combate dos Sinos (Guerra dos sinos) uma tradição peculiar da cidade, em que os sineiros responsáveis por cada igreja participante do festejo, disputam qual irmandade tocará os sinos por mais tempo, tendo em a habilidade, a técnica e a criatividade. Durante as pesquisas de campo constatou-se serem essas três igrejas as protagonistas no Combate dos Sinos. Além disso, essas três igrejas junto a Igreja Nossa Senhora das Mercês, são as quatro igrejas consideradas principais, pois apresentam uma maior frequência de toque dos sinos no cotidiano e nas festividades de São João del-Rei.

pesquisa. Priorizou-se ainda, a preservação da identidade dos depoentes, mantendo em sigilo o nome dos envolvidos, com vistas a garantir a integridade e anonimato dos mesmos.

Além disso, optou-se por criar uma regra a qual consiste na manutenção dos depoimentos dos entrevistados em itálico, como forma de diferenciar das demais citações presentes neste trabalho.

Já referente à segunda técnica de coleta de dados, a mesma se deu por meio de um trabalho empírico de registro em caderno de campo, no qual foram incluídas as observações e vivências da pesquisadora durante as incursões de pesquisa de campo. Essa técnica oportunizou descrever os detalhes das experiências e compreender o funcionamento do ofício de sineiro e do toque dos sinos são-joanenses. Assim sendo, foi possível focar nas nuances da prática, bem como as impressões geradas na pesquisadora pelo objeto de estudo aqui proposto. Dessa forma, o caderno de campo facilitou o registro das informações, no sentido de registrar a realidade dos sujeitos e aprofundar neste universo peculiar.

Os dados foram analisados por meio da análise de discurso, a qual segundo Maingueneau (2000, p.13) é a "disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu 'contexto', visa articular sua enunciação sobre um certo lugar social." Dessa forma, optou-se pela análise do discurso pois é uma metodologia que possibilitou compreender a realidade dos sujeitos da pesquisa, por meio da articulação de todo um cenário cultural, religioso e social em consonância com as narrativas do sineiros entrevistados.

Assim, a análise do discurso aqui compreendida, consistiu em "[...] considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária". (ORLANDI, 2000, p.34). Nesse sentido, procurou-se escutar as questões que não foram ditas quando ditas pelos sujeitos da pesquisa, por meio de uma interpretação cuidadosa e criteriosa. Pois, para além da realização de entrevistas, esse recurso promove o encontro de subjetividades, então mais do que escutar o

que os sujeitos falam, é preciso captar a linguagem corporal e suas infindáveis manifestações, sejam elas gestuais, posturais, as entonações, os olhares, as pausas e os silêncios, dentre inúmeras possibilidades; na tentativa de enxergar o que está por trás da fala, de perceber a expressão humana para além do ato de falar.

A dissertação dividiu-se em cinco capítulos, no primeiro é feita uma breve contextualização histórica do processo de formação e ocupação da região, onde hoje São João del-Rei faz parte, como forma de apresentar o cenário da mineração, o qual abriu caminhos para compreender a herança histórica, social e cultural são-joanense.

No capítulo dois realizou-se uma trajetória desde a origem da palavra sino até a formação do toque dos sinos e seus sentidos e significados ao longo da história. Procurando focar no percurso feito pelo sino ainda em cenário europeu e posteriormente no contexto brasileiro, apresentando as influências na estrutura e conformação dos toques.

Já no capítulo três o enfoque se dá em compreender a linguagem dos sinos da cidade de São João del-Rei, evidenciando a estrutura dos sinos, os tipos de toques e as solenidades em que cada um deles é tocado, bem como a influência e importância religiosa, social e cultural que os sinos apresentam no cenário são-joanense.

No capítulo quatro, é exposto um panorama sobre patrimônio material e imaterial, como forma de explicar essas temáticas uma vez que o toque dos sinos é registrado pelo IPHAN como patrimônio imaterial. Além disso, é feito um resgate do processo de patrimonialização do toque dos sinos de São João del-Rei.

O capítulo cinco sintetiza os resultados da pesquisa apresentando as narrativas dos sujeitos envolvidos e as observações realizadas durante as incursões de campo aliados ao universo do toque dos sinos são-joanenses, focando nas principais questões elencadas para apresentar as manifestações que emergem dos toques.

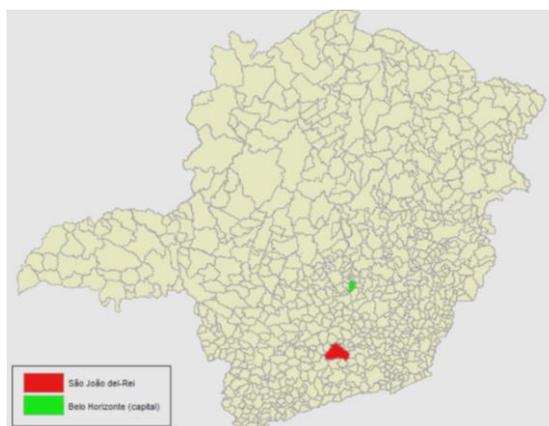
CAPÍTULO 1 - BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE SÃO JOÃO DEL-REI/MG: O CENÁRIO DO PERÍODO COLONIAL E DA MINERAÇÃO NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO

“Sacro e profano, herança atávica que carregamos conosco, nós, os que nascemos nas cidades do Ciclo do Ouro daquele século de ambição desvairada e religiosidade exacerbada. Somos, sim, festeiros, barrocos, ritualísticos”. Jota Dangelo

Localizada no estado de Minas Gerais, na mesorregião denominada Campos das Vertentes conforme figuras 1 e 2, a cidade de São João del-Rei, ocupa uma área de unidade territorial de 1.452,002 km² segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, estando a 181 km de Belo Horizonte. De acordo com o censo de 2016 do IBGE, a estimativa da população é de 89.832 habitantes.

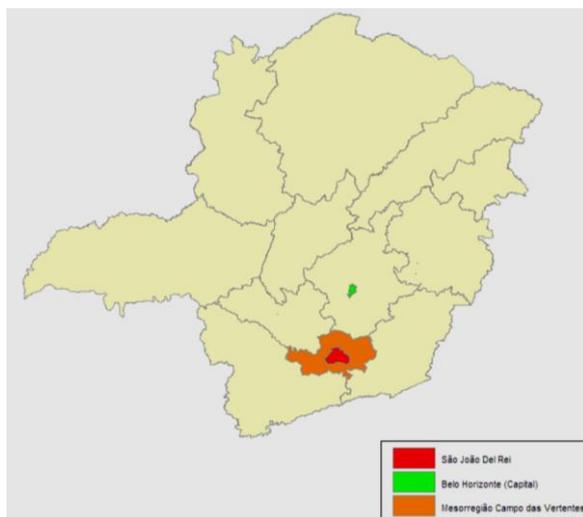
O município de São João del-Rei é banhado pela bacia do Rio Grande, sendo o Rio das Mortes seu principal rio. É circundado pelas serras São José e Lenheiro apresentando uma vegetação típica do Cerrado e Mata Atlântica.

Figura 1: Localização de São João del-Rei em Minas Gerais



Fonte: Prefeitura Municipal de São João del-Rei.

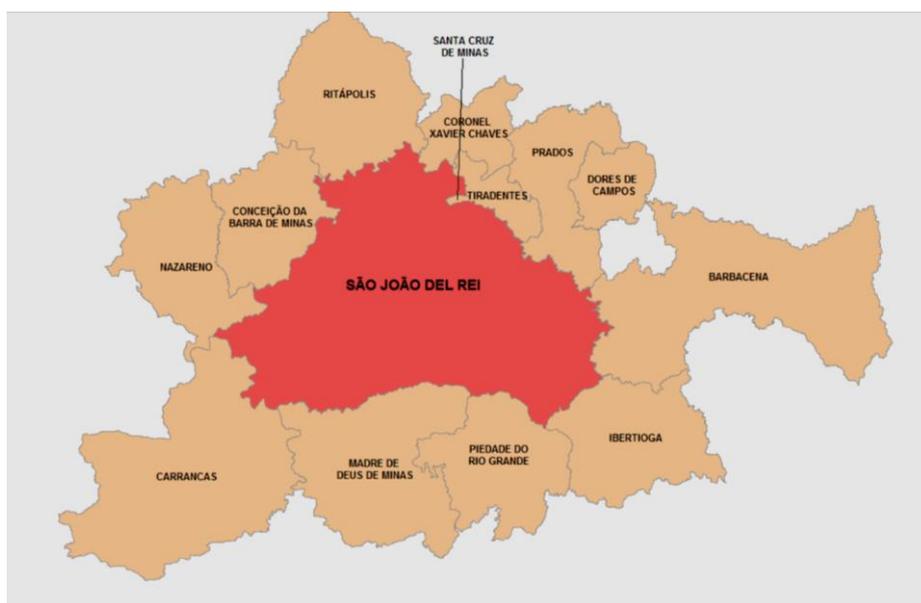
Figura 2: Localização de São João del-Rei no Campo das Vertentes



Fonte: Prefeitura Municipal de São João del-Rei.

De acordo com a prefeitura de São João del-Rei, a cidade faz divisa com os municípios Barbacena, Carrancas, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dores de Campos, Ibertioga, Madre de Deus de Minas, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Ritópolis e Santa Cruz de Minas. (FIGURA 3)

Figura 3: Municípios limítrofes



Fonte: Prefeitura de São João del-Rei.

Historicamente, nos séculos XVII e XVIII, em função do período colonial no Brasil, a região de Minas Gerais é acometida pela exploração da atividade mineradora, e com isso inicia-se o processo histórico de formação e ocupação de inúmeras cidades, entre elas São João del-Rei/SJDR.

De acordo com Martins (1982) e Libby (1982), o território de São João del-Rei é caracterizado como “Metalúrgica-Mantiqueira”. A região ganhou este nome, pois conforme lembram Adão e Nascimento (2011, p. 5), a localidade passou a ser considerada o “núcleo original da capitania das Minas”. Mediante a isso, como observado por Libby (1982) a região foi palco de um rápido crescimento populacional e conseqüentemente urbano, contemplando a capital da época, Ouro Preto, e a sede do bispado mineiro, Mariana, além dos dois entrepostos (São João del-Rei e Barbacena) considerados os maiores da época. Esse cenário conforme Sobrinho (1997) acredita, facilitou o desenvolvimento da região, por meio da exploração aurífera, e com isso o surgimento das primeiras povoações, além da inserção da igreja seus costumes e tradições e a ampliação das denominadas “vendas”⁶. Entretanto, Adão e Nascimento (2011) veem alertar que os primeiros povos a ocuparem essa região foram os índios cataguás.

Adão (2001) e Dangelo (2007) apontam que a descoberta de ouro na região se deu a partir do ano de 1702, e concomitante a isso atraiu diversos olhares, dando início ao processo de ocupação, por meio da formação de núcleos habitacionais, próximos aos locais de exploração do ouro. Pfeffer, Luna (2005 p. 34) alegam que aos primeiros povoados a surgirem foram compostos por pessoas oriundas de várias partes do Brasil, culminando na miscigenação: “A descoberta do ouro fez com que afluísse para a região das Minas Gerais um grande e diversificado contingente populacional. A miscigenação branca, indígena e negra foi intensa, dando origem a uma população mestiça”. Diante dessas primeiras descobertas, inúmeras terras auríferas começaram a serem

⁶ “As vendas, sobretudo, eram espaços procurados não apenas para aquisição de produtos necessários à sobrevivência, como também importante espaço de lazer coletivo. Dentro do conjunto das permanências, a venda, hoje bar/botequim, pode ser considerada, embora dentro de uma outra cosmovisão e de outro estilo de vida, como um hábito que, ainda se faz presente na vida das cidades do interior de Minas”. (ADÃO, NASCIMENTO, 2011, p. 27).

divididas para se tornarem produtivas, a fim de intensificar a atividade mineradora. (ADÃO, 2001).

Estudos apontam que com o aumento do extrativismo mineral da região deu início a inúmeras disputas pelas terras produtivas, desencadeando em diversos conflitos e revoluções. A “Guerra dos Emboabas”⁷ por exemplo, foi um momento histórico considerado o mais marcante, ocasionado pela disputa da região entre os paulistas e a coroa portuguesa. Sobrinho (1996) comenta que após a guerra a região logo se refez dos prejuízos, onde os negros escravizados e os portugueses tornaram-se as bases da sociedade.

Em diálogo com os autores Souza (2011), Vellasco (2007), e Adão (2001) no ano de 1704 surgiu o primeiro nome dado a São João del-Rei: Arraial de Nossa Senhora do Pilar e em seguida passa a ser chamada de Arraial Novo do Rio das Mortes. Adão (2001) relata ainda que com a perda dos paulistas, a coroa passou a ter exclusividade na exploração das jazidas de ouro e a controlar administrativamente a região por meio da criação da Capitania Minas do Ouro em 1710. Ainda segundo o autor, no ano de 1713, o então governador da capitania, D. Braz Baltazar da Silveira, eleva o Arraial Novo do Rio das Mortes a categoria de vila e o nomeia de São João del-Rei, em homenagem ao rei D. João V, o então rei de Portugal. Sendo assim, Adão (2001) afirma que a vila tornou-se a comarca sede do território devido a sua localização geográfica estratégica, o clima temperado, vegetação e solo propícios para a prática de agricultura e pecuária

Diante disso Souza (2011, p.53) assegura que “desde os tempos de sua formação, desenvolve-se aí uma vasta produção mercantil e de gêneros alimentícios, resultantes tanto da atividade agrícola, quanto da pecuária”. Segundo o autor esse potencial da vila permitiu um crescimento econômico, o qual a região não é acometida de maneira drástica pelo declínio da exploração do ouro, fato verificado em toda Minas Gerais. Similar a este posicionamento, Campos (1998) apresenta com detalhes este cenário:

⁷ “O principal motivo desse conflito era a disputa pela exploração aurífera na região de Minas Gerais. “Em 1709, a cobiça pelo ouro gera discórdia entre portugueses e paulistas, dando causa à Guerra dos Emboabas, acontecendo o triste episódio do “Capão da Traição” quando os paulistas foram emboscados e chacinados pelos portugueses”. (SOUZA, 2011, p.55).

[...] a terra mais abundante de víveres que tem todas as Minas; porque dessa Comarca se sustentam todas as demais das Minas; principalmente de gado, toucinho, queijo, milho, feijão e arroz; tem muita fruta de espinho, maçãs, ameixas e bananas; a caça e o peixe em toda esta Comarca é com muita abundância e serve de divertimento àqueles que são inclinados a esses exercícios; os ares são saudáveis, o clima temperado, e por essa razão, há poucas doenças (CAMPOS, 1998, p. 26).

Além disso, Dangelo (2007, p. 8) aponta que em São João del-Rei, funcionava todo o aparato administrativo e judiciário, uma vez que abrigava a “Intendência e a Casa de Fundição do Ouro, São João desempenhava um papel preponderante na região”. Com isso no século XIX, a vila já tinha um comércio fortalecido conforme os excertos abaixo:

[...] lojas instaladas em elegantes casarões oferecem todo tipo de mercadoria, desde as produzidas na comarca até as importadas. O movimento de passantes, caixeiros-viajantes, mulheres e crianças circulando pelas ruas confere-lhe um aspecto alegre e colorido. Também é precoce o surgimento da imprensa, assinalado pela fundação, em 1827, do 'Astro de Minas', o segundo jornal de Minas Gerais na época. (SOUZA, 2011, p. 54).

Com o esgotamento das atividades de mineração, São João irá se afirmando como o principal polo comercial da Capitania, passando a centralizar o fluxo do comércio de mercadorias provenientes de diversas regiões e que encontravam escoamento no eixo que ligava Minas à região litorânea. (VELLASCO, 2007, p. 8).

Perante esse cenário, de acordo com Souza (2011) no ano de 1838 a Vila de São João del-Rei é elevada a categoria de cidade. E posterior a isso, com a inauguração da primeira estrada de ferro, vê-se a expansão urbana da cidade em função da ferrovia, e concomitante a isso a instalação de indústrias:

O núcleo urbano de São João del-Rei encontrava-se, no último quartel do século XIX, em acelerado processo de urbanização. Numa análise rasteira do crescimento da cidade a partir de fins do oitocentos é possível verificar a decisiva influência da ferrovia como guia deste crescimento. (SOUZA, 2011, p. 57).

A chegada de indústrias ocorreu pela presença da ferrovia. Estas indústrias se instalaram às margens da ferrovia de modo a facilitar a chegada de matérias-primas e o escoamento da sua produção. (SOUZA, 2011, p. 59).

Conforme Vellasco (2007) também aponta São João del-Rei continuou sendo considerado um polo expressivo com “atividade mercantis e financeiras da região até o final do Império”.

[...] ressurgimento da atividade de imprensa na cidade, a chegada da ferrovia Oeste de Minas, inaugurada em 1881, ligando São João del-Rei à Estrada de Ferro D. Pedro II, ao surgimento da indústria têxtil e a chegada dos imigrantes italianos. (VELLASCO, 2007, p. 9).

Adão (2001) ressalta a contrastante questão socioeconômica devido à urbanização que imperava na região das Minas “geradora de pobreza e de exclusão, que contrastavam com o fausto e a riqueza”. E complementa: “Atraídos pela mineração, cujo auge foi à primeira metade do século XVIII, a pobreza instalou-se rapidamente nessa região, movida pela possibilidade do enriquecimento rápido”. (ADÃO, 2001, p.73). Segundo o autor a denominada riqueza e o fausto vincularam-se a “arquitetura civil e religiosa” de São João del-Rei e no “esplendor das festas” ocorridas na cidade. Dessa forma, o contexto social de pobreza, marginalização, violência e exclusão imperava sobre São João del-Rei. Entretanto, o aumento da mão de obra escrava foi fator decisivo no processo de construção da cidade, onde escravos desempenharam inúmeras atividades conforme pode ser verificado nas colocações apresentadas abaixo:

A conjuntura da descoberta de ouro na região que passou a ser conhecida como Minas Gerais, aumentou durante a primeira metade do século a pressão pela mão de obra escrava. Durante o século XVIII as atividades desenvolvidas pelos escravos também se diversificaram. (LONDONO, 2005, p. 276).

Com a mão de obra escrava, os mineiros são-joanenses removeram montanhas, perfuraram betas abriram galerias, rasgaram regos, construíram represas, alargaram tanques, ativaram almocafres, manejaram alavancas e carumbés. E o ouro derrubou árvores, queimou campos, escravizou índios, poluiu rios, atraiu gente, provocou discórdias, gerou revolta, motivou inconfidências. Mas também edificou casas, dourou igrejas, construiu pontes e promoveu o comércio. E, durante quase um século, brilhou sobre a pele preta dos escravos negros, escorridos de sangue e suor (SOBRINHO, 1996, p.12).

Pfeffer e Luna (2005) alegam que com o processo de urbanização além de culminar no crescimento da cidade, resultou também no desenvolvimento das festas religiosas uma vez que: “possuindo a colonização portuguesa um

caráter fortemente religioso, essa incipiente urbanização foi acompanhada de inúmeras cerimônias religiosas celebradas com música”. (PFEFFER; LUNA, 2005, p. 34).

Dessa maneira, as ruas também representavam espaços de lazer, em que a população exercia a vida social, por meio das festas religiosas e festejos populares, evidenciando, dessa maneira, um lazer no sentido coletivo, assim, de acordo com Resende (1997, p. 40), na rua: “[...] tinham lugar tanto as festas religiosas, as procissões, e as alvoradas, quanto os batuques e as comemorações dos dias santos do entrudo. Nessas ocasiões as pessoas se divertiam, estreitando-se o convívio entre escravos, livres e forros”. Dessa forma, segundo Dangelo (2007) as cidades mineradoras foram moldadas pela presença religiosa, por meio de ritos e festividades, tornando São João del-Rei uma:

Sociedade lúdica e festeira, acostumada às procissões e novenas, às missas cantadas e celebrações litúrgicas, mas também pronta a participar das solenidades cívicas, das comemorações de bodas da nobreza lusitana da distante Lisboa ou da instalação de bispados na capitania. No interior dos templos ou nas praças públicas estas festividades transbordavam música e cantoria. Enquanto o ouro erigia palácios e monumentos, sobrados de inúmeras janelas e beirais ondulados pela superposição das telhas, e artistas, pardos em sua maioria, esculpiam retábulos e fachadas em templos monumentais, ou decoravam tetos e sacristias destas igrejas com passagens bíblicas em azuis e carmins, as ruas, repletas de mascates, forasteiros, comerciantes, mercadores de escravos, liteiras e alferes da tropa (DANGELO, 2007, p.6).

Velasco (2007) além de comentar sobre o cenário festivo religioso são-joanense, exemplifica algumas das manifestações culturais que ocorriam nas ruas de São João del-Rei:

Aspecto marcante da vida cultural da época era a intensa atividade musical sacra e profana exercida pelos grupos orquestrais que atuavam na cidade desde o século XVIII (e seguem em atividade até os dias atuais). [...] Dentre o povo eram recrutados músicos e artistas, sobretudo mulatos, que compunham as orquestras, representavam nos palcos, e emprestavam seus talentos manuais para a satisfação de consumidores cuja fruição estética se tornava mais exigente. Por outro lado, a vida social e cultural, os hábitos e costumes dos habitantes da vila, contagiavam seu entorno, aí compreendidos as vilas menores, os distritos e arraiais, cuja população se dirigia com frequência a São João. Nas ruas, nas vendas e bodegas, seguiam as

manifestações de uma outra vitalidade cultural, que regia as festas populares, os entrudos, o congado, e ainda as jogatinas, a bebida, as noites de viola e os prazeres da carne, que tinham seu centro geográfico na muito apropriadamente denominada Rua da Cachaça, posteriormente, e mais apropriadamente ainda, Rua da Alegria. (VELLASCO, 2007, p. 9)

É importante ressaltar que após o declínio do ciclo do ouro, Andrade (1993), frisa que a igreja obteve mais autonomia, sobretudo em relação ao estilo arquitetônico implementado na Minas setecentista. Assim, juntamente com as festas, as edificações eram cada vez mais erguidas, sendo a arquitetura religiosa construída em Minas Gerais predominantemente barroca.

Segundo Andrade (1993) o barroco de Minas era considerado de caráter mais original e uniforme em relação aos outros centros da época (Rio e Bahia) os quais tinham influência direta de Portugal. E como Minas era mais afastada da região litorânea, conseguiu desvencilhar-se das amarras arquitetônicas puramente lusitanas, criando um estilo próprio denominado de barroco mineiro⁸:

Em Minas, se me permitirdes o arrojo da expressão, o estilo barroco estilizou-se. As igrejas construídas quer por portugueses mais aclimados ou por autóctones algumas, provavelmente, como o Aleijadinho, desconhecendo até o Rio e a Bahia, tomaram um caráter mais bem determinado e, poderíamos dizer, muito mais nacional. (ANDRADE, 1993, p. 78).

Assim, devido à exploração aurífera na região, sobretudo durante o período colonial a tradição artística cultural de São João del-Rei, foi herdada desde os primórdios da colonização gerando na atualidade “um dos centros irradiadores da cultura barroca, que deixou suas marcas indeléveis e não apenas arquitetônicas, no cenário social de Minas Gerais” (VELLASCO, 2007, p. 9). Essas “marcas” que São João del-Rei carrega são resquícios do momento histórico vivido no passado e ainda se fazem presentes na arquitetura e nas manifestações artísticas, culturais e religiosas da cidade nos dias de hoje, conforme descreve Souza (2011):

⁸ “Na arquitetura religiosa de Minas a orientação barroca – que é o amor da linha curva, dos elementos contorcidos e inesperados – passa da decoração para o próprio plano do edifício. Aí os elementos decorativos não residem só na decoração posterior, mas também no risco e na projeção das fachadas, no perfil das colunas, na forma das naves”. (ANDRADE, 1993, p. 79-80).

São João del-Rei realiza um programa sócio cultural desde dezembro de 2000, desenvolvendo uma política sociocultural em diversos locais públicos e espaços culturais da cidade. Inúmeras atividades artístico-culturais integram artistas/grupos culturais/entidades/instituições/bairros através de eventos de fim de ano, com iluminação especial natalina, instalações cenográficas, Semana Santa, resgate do carnaval de antigamente, desenvolvimento de pesquisas e de exposições itinerantes a céu aberto. Apresentações diversas com grupos teatrais e de música, Encontros como o de Música de Raiz, Folia de Reis e Pastorinhas, de Chorinho, de Música Popular Brasileira, de Bandas Carnavalescas de marchinhas antigas, entre outros. Oficinas vivas de Tapetes de Rua, de rendas e bordados, flores de palha com artistas e diversos grupos culturais. Afinadas com os temas escolhidos, fruto de pesquisas que ajudam a reforçar a ideia de que eventos são oportunidades de se repensar a nossa história, de gerar trabalho e renda, de se exercer a cidadania, de se apropriar da nossa identidade – não apenas entretenimento. Têm grande tradição no campo da música e possui duas das mais antigas orquestras sacras bicentenárias das Américas⁹. Os músicos, de todas as idades integram bandas de diferentes estilos, grupos de serenatas, saraus, chorinho e manutenção de práticas folclóricas. Também conhecida como “Cidade dos Sinos”, mantém sua tradição desta linguagem há aproximadamente 250 anos. (SOUZA, 2011, p.64).

A partir desse cenário, Dangelo (2007) enfatiza a presença dos ritos antigos na realidade cotidiana de São João del-Rei nos dias atuais. Para o autor há um entrelaçamento entre as festas religiosas e as profanas, em que fortalece a sinergia entre o sacro e o profano:

As festas religiosas de São João del-Rei, particularmente as procissões da Festa de Passos, do Enterro, de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora das Mercês e da Boa Morte são cortejos ritualísticos que continuam a guardar resquícios de festas profanas como os desfiles de entidades carnavalescas: andores são verdadeiras alegorias, irmandades com suas opas e hábitos guardam semelhanças com alas de Escolas de Samba. Em algumas procissões, como na do enterro, há figurados bíblicos, que são os destaques. E há coordenadores do cortejo, verdadeiros diretores de harmonia. E mais: nas cidades barrocas de Minas, os figurados das procissões, muitas vezes são passistas, destaques ou membros de alas do carnaval de suas cidades. (DANGELO, 2007, p.7).

Vale salientar, portanto, que através do período de exploração mineral desde seu ápice até a decadência em Minas Gerais, sobretudo em São João del-Rei, mesmo com disputas e conflitos, propiciou a difusão de inúmeras práticas, tanto de caráter social e econômico quanto cultural, artístico e

⁹ Lira sanjoanense e Ribeiro Bastos.

religioso. O capítulo a seguir, retrata a trajetória histórica e as nuances do sino traçando um panorama desse objeto desde a origem da palavra até conformação do toque dos sinos.

CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIA “SINÍSTICA”: DO SINO AO TOQUE

“Os sinos têm uma música própria: o repique ou o dobre, a música que no meio do tumulto da vida nos traz a ideia de alguma coisa superior à materialidade de todos os dias, que nos entristece, se é de finados, que nos alegra, se é festa, ou que simplesmente nos chama com um som especial, compassado, sabido de todos.” Machado de Assis.

2.1 Sino: uma miscelânea de histórias

A palavra sino é proveniente do latim que constitui *signum*, originária também da palavra sinal, sendo denominada de sinal sonoro. (SOUZA, 2012, p.70). Além desse, há outros dois nomes característicos, dado ao sino: o primeiro é campana tendo como significado dessa palavra campainha, e o segundo nomeado de bacia. (BARBOZA, SÁ, 2013).

Estudos apontam que a temporalidade de origem dos sinos é “turva”, “longínqua”, de difícil precisão e nem sempre esteve ligada exclusivamente a igreja, dessa maneira, a origem e os usos são distintos e difusos. Entretanto, em diversas crenças, há registros de sua relação vinculada a “expulsão de forças malignas”, no qual o som do metal esteve intimamente ligado contra as forças do mal. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013). Um dos fatos mais remotos dessa relação é aquele referente à tradição judaico-cristã:

Encontram-se um dos registros mais antigos dessa associação entre o som metálico e as forças malignas numa passagem do livro êxodo: ali registra-se que os trajes do Grande Sacerdote Israelita, incluía uma túnica sagrada ornada de fímbrias constituídas por campainhas de ouro sonantes. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 19).

Há indícios também, do oriente ser o criador do sino, devido ao fato do budismo ter incorporado o objeto em seus rituais em meados do III milênio antes de Cristo. (MONTANHEIRO, 2001; BRASILEIRO, DANGELO, 2013; SOUZA, 2012). Já no ocidente, segundo Brasileiro e Dangelo (2013) inicialmente o sino não era estritamente de “uso sagrado”, pois, durante o período do Império Romano, os sinos tinham três funções básicas nas grandes cidades: “marcar e regular a abertura dos mercados, dos banhos e outros

serviços públicos. Mas também eram utilizados como símbolos de boa sorte, utilizados em funerais e arte tumular”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 20).

No entanto, é válido salientar, de acordo com os estudos de Brasileiro e Dangelo (2013) no ano 313: “foi proclamado o Édito de Milão, que garantia a liberdade para cultuar qualquer deus, o que seria fundamental para a futura conversão total do império ao cristianismo”. Assim, foi por meio da decadência romana e propagação do cristianismo, representado pela igreja católica, por volta do ano 380, o sino começou gradativamente ser incorporado como símbolo religioso.

Nesse sentido, o sino, passou a ser sacralizado e considerado representante do poder político e social, por meio da nova religião oficial do império. Evidenciando, dessa maneira, os primeiros indícios de sacralização do objeto, além de ser utilizado como controle social e difusor do catolicismo:

O uso dos sinos foi estratégico como política de assimilação dos novos fiéis, incorporando á nova igreja práticas e elementos simbólicos da antiga religião. Deste modo, assim como os novos espaços sagrados, foram, inicialmente, construídos sobre os edifícios das antigas basílicas pagãs, **os sinos foram rapidamente assumidos, dentro do novo rito, como uma das vozes sagradas do novo culto**. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 20, grifo meu).

Segundo os mesmos autores, a primeira iniciativa de utilização do sino como elemento sagrado foi por meio da construção de uma basílica em homenagem ao apóstolo Pedro no ano 360, na qual foi construída uma torre onde foram afixados três sinos, estes tinham a função de convidar a comunidade, bem como o clero para os ritos sagrados. Porém, a utilização efetiva dos sinos, liturgicamente pela cristandade, tal como se dá nos dias atuais, ocorreu somente por volta do ano 768, no qual o objeto foi incorporado como um dos principais elementos da “arquitetura religiosa”.

Nesse contexto, foram construídas inúmeras torres e campanários religiosos com funções de caráter litúrgico e civil: “Ou seja, de louvor a Deus e congregador do clero e dos fiéis, mas também sendo utilizados na vida civil da Comuna com a função de defesa e de comunicação das catástrofes das

idades nascentes” (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 21). Benevolo (1991) comunga da mesma opinião ao afirmar:

Como se sabe, as igrejas e os espaços abertos adjacentes atendem a muitas necessidades da vida pública, além das estritamente religiosas: assembleias, festas espetáculos teatrais adquirem um valor alegórico ao qual corresponde um espacial empenho arquitetônico. (BENEVOLO, 1991, p.92).

A torre mencionada anteriormente, onde o sino é afixado, é também denominada de campanário, pois, segundo Barboza e Sá (2013), há cerca de 1.600 anos a Diocese de Nápoles localizada na cidade de Campânia na Itália, utilizou os sinos em seus mosteiros e posteriormente nas torres. Isto explica o significado da palavra sino como campana (campainha) e campanário como torre. Além disso, a torre também é denominada de sineira, devido ao fato de ser o local onde o sino é afixado.

Nesse cenário, a torre passou a ser um dos representantes cruciais para facilitar a propagação sonora dos sinos: “a torre passa a ser um elemento essencialmente vertical, de modo a propagar melhor a mensagem sonora dos campanários pelos vales distantes do entorno da cidade fortificada da Idade Média” (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 24). Aliado a esse processo, a torre passou a ser considerada como um dos elementos conformadores da paisagem urbana das cidades. Ainda conforme os mesmos autores, a relação da torre com a sonoridade dos sinos incitavam três tipos de representações sociais: “ora a força da fé cristã, ora a representação do poder comunal e ora os avisos dos acontecimentos da vida cotidiana” (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 24).

Le Goff (1964) afirma a presença dos sinos desde os primórdios dos séculos VI e VII como marcador temporal da vida civil e litúrgica, onde o sino passou a regular tanto a vida das pessoas ligadas diretamente à igreja quanto da comunidade em geral. O autor aponta que a população das cidades medievais, não era dona de seu próprio tempo e devido a isso não conseguia determiná-lo. Dessa forma, a “massa” seguia o tempo determinado pela igreja, por meio da “imposição” do sino, enquanto um agente regulador da vida social:

Um tempo marcado pela disputa entre os sinos dos clérigos e os dos laicos, entre o tempo escatológico das rupturas marcado pelas conversões, milagres, aparições diabólicas e divinas, e o tempo contínuo da historicidade construído laboriosamente pelos compositores de anais e crônicas, entre o tempo circular do calendário litúrgico e o tempo linear das histórias e narrativas, o tempo do trabalho, o tempo do descanso, e a lenta emergência de um tempo divisível em partes iguais medidas mecanicamente, o tempo dos relógios que é também o do poder unificador, do Estado. (LE GOFF, 1964, p.7).

Vendramini (1981) de maneira semelhante endossa acerca do papel dos sinos em um sentido mais amplo, enquanto anunciador dos ritos católicos, das notícias não religiosas, além de regulador social no sentido de estabelecer o toque de recolher.

[...] os toques de sino foram propícios às intenções e possibilidades do clero, que divulgava uma religião mais de práticas exterioristas, distante de abstrações. Sendo seus edifícios o ponto de reunião daquelas comunidades, os toques vão ganhar uma dimensão bastante ampla ao anunciar e ritmar não só os acontecimentos da vida eclesiástica, mas também os da vida civil. (...) [Os sinos] anunciavam as atividades da igreja, davam notícia de caráter não-religioso, estimulavam orações, chegando mesmo a estabelecer o momento em que todos deveriam recolher-se. (VENDRAMINI, 1981, p.49).

No contexto dos mosteiros, similarmente os sinos balizavam a vida religiosa, igualmente enquanto regulador, mas também, como forma de padronização temporal para a dedicação aos ritos e ofícios sagrados que cada um era responsável. Conforme expresso no excerto abaixo:

Nos Mosteiros, os sinos eram verdadeiros balizadores da vida, principalmente dentro dos longínquos mosteiros: inspirados tanto nas horas Romanas como nas Regras de São Bento, o ritmo da vida naquelas instituições, marcado pelos sinos, seguia o seguinte padrão de tempo para sua dedicação aos ofícios sagrados: matinas (meia-noite), laudes (3 da manhã), prima (6 da manhã), terça (9 horas), sexta (meio-dia), nona (15 horas), vésperas (18 horas) e completas (21 horas) (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 22).

Nesse sentido, o sino cada vez mais se fazia presente nos mosteiros e catedrais, consolidando-se como um “marcador do tempo cristão”. Como uma forma de tornar o sino uma insígnia sacro cristã, Lesage (1959) frisa que a igreja além de incorporar o objeto aos ritos cristãos, instituiu a benção ou batismo dos sinos no século VIII, oficializando a sacralidade necessária para a

realização dos cultos, conforme afirma o autor: “a Igreja, que santifica tudo o que ela toca, não podia deixar de benzer os sinos, tão intimamente ligados a seu culto”. (LESAGE, 1959, p.73). E concomitante a isso, com o passar dos anos em que a linguagem dos sinos foi tornando-se cada vez mais comum para a civilização do ocidente medieval, a torre onde o sino é afixado: “Também foi incorporada a sede da administração municipal, oficializando desta maneira o sino também como representante da comunicação Estado-povo, como vemos em muitos palácios comunais italianos da Idade média”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 23).

A estrutura e as técnicas de fundição dos sinos

Embora os sinos já fizessem parte dos ritos católicos, pesquisas apontam que a tecnologia utilizada no processo de fabricação era bastante precária. O aprimoramento da técnica de fundição de sinos começou por volta do século IX, entretanto, de acordo com os trabalhos elaborados por Brasileiro e Dangelo (2013), foi somente no século XII com o aumento da demanda de sinos nos mosteiros europeus, que a tecnologia de fundir sinos começou a obter um aperfeiçoamento, chegando praticamente ao dos dias atuais:

É deste período o primeiro tratado mais erudito conhecido sobre fundição de sinos, escrito pelo monge alemão chamado “Teófilo”, que descreve pela primeira vez uma técnica, ainda que muito rudimentar, de fazer campanas. Essa técnica, entretanto, passou a mão dos artesãos europeus leigos, que após grande pesquisa e trabalho experimental nos séculos seguintes avançaram o processo quase como conhecemos hoje (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 24-25).

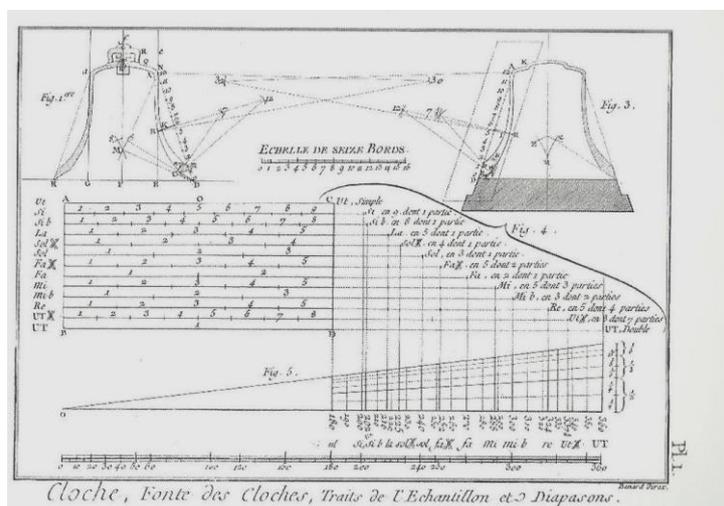
Estudos apontam que basicamente, o sino é um objeto composto por ligas metálicas, feito principalmente de bronze¹⁰, é um instrumento que pode ser fabricado por fundições ou pelo “artesão fundidor ou sineiro fundidor”. O processo de fabricação sofreu poucas alterações desde as primeiras fundições, não sendo totalmente alterado pela dinâmica do tempo, e, além disso, é uma técnica considerada uma arte morosa, um ritual:

¹⁰ “Uma liga de 4 partes de cobre e uma de estanho, adicionando também uma dosagem de ouro ou de prata e outros componentes para otimizar sua sonoridade”. (SOUZA, 2012, p.70).

Fundir sinos é uma ciência e uma arte que perpassam séculos na busca pelo som afinado do bronze. As etapas de fabricação são praticamente as mesmas desde o século 7º antes da Era Comum. Trata-se de um processo que se reproduz há 1.400 anos. Como em qualquer fundição, usa modelos e caixas de fundição preenchidas com terra ou cavadas no chão, onde o bronze fundido é derramado. O artesão fundidor, também chamado de sineiro, é responsável por determinar as dimensões, o formato, a sonoridade e demais características do sino, somando um conjunto de elementos que vai incidir sobre a sua afinação. É um exercício de paciência e perícia. (BARBOZA, SÁ, 2013, s.p).

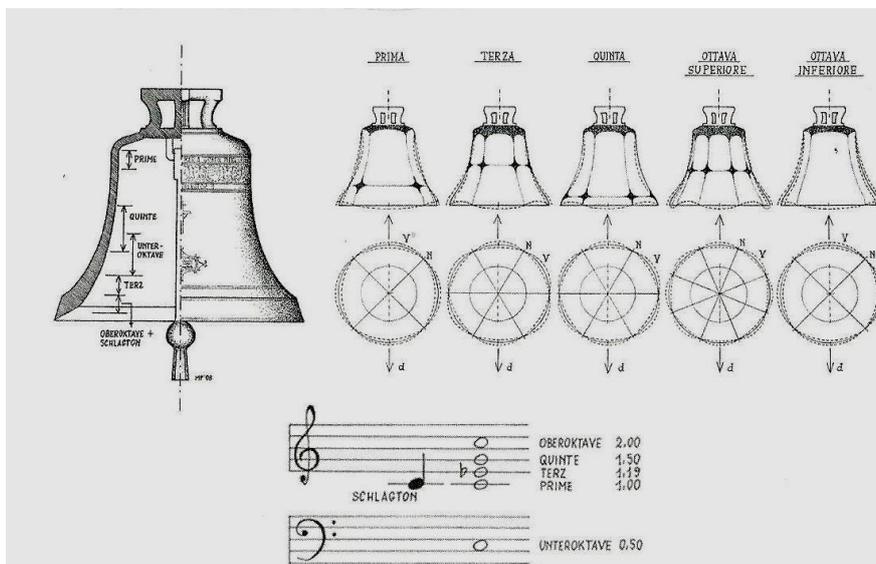
Assim sendo, fundir sinos apresentava um processo que envolvia cálculos matemáticos aliados à sonoridade, dimensão, peso e metalurgia (Figura 4). Brasileiro e Dangelo (2013) tecem o argumento de que o aprofundamento na qualidade dos sinos, bem como na conformação sonora, só foi possível por meio do movimento renascentista, no qual ocorreu um avanço tecnológico, artístico e científico que favoreceu uma construção mais harmônica do sino. (Figura 5):

Figura 4: Fabricação de sinos século XVIII



Fonte: *Encyclopedie XXII de Diderot e D'Alambert* (apud BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 25).

Figura 5: Vibração do sino, classificação musical e frequência



Fonte: Padovani (s.d.) (apud BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 28).

A partir desse cenário, Brasileiro e Dangelo (2013) relatam que no decorrer dos anos os fundidores europeus passaram a estudar e aperfeiçoar ainda mais a técnica, na tentativa de encontrar uma perfeição entre a sonoridade e a estrutura do sino: “com o campanário e o sino definitivamente assimilados como alfaia e elemento indispensável na construção da igreja, os fundidores passaram, cada vez mais, a se importar em conhecer e aprimorar a arte da fundição sonora”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 30).

Aliado ao processo de aperfeiçoamento, a arte e ornamentação das campanas, por meio de adereços, também se fizeram presente durante esse período. Segundo Brasileiro e Dangelo (2013) especialmente, os sinos produzidos durante o período Barroco europeu (1630-1680) e o período Ecletismo (1840-1900): “[...] as que mais incorporaram, na produção de sinos, o gosto pelo refinamento ornamental típico daqueles períodos, lembrando, entretanto, que uma campana muito decorada raramente produzia o som mais perfeito do ponto de vista da harmonia interna”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 31). Dessa maneira, nota-se que em vários momentos o progresso da confecção dos sinos, seja na estrutura ou na decoração, o papel do sino

enquanto instrumento musical esteve presente, sendo este um dos principais respaldos para se produzir as campanas.

Diante desse panorama, estudos ressaltam que no século XIX, o avanço na produção de sinos permitiu o desenvolvimento do processo com mais qualidade, e assim facilitou o aperfeiçoamento das diversas características, além da criação de vários tipos de sinos e estrutura tonal. Esse cenário culminou na campanologia, uma ciência que estuda a campana, desde o seu processo de fundição até a arte de tocar, conforme aponta Brasileiro e Dangelo (2013, p. 32): “Neste período também foram desenvolvidos outros sistemas mais apurados de verificação e análise tonal que ajudavam a procurar a precisão na acordatura plena”. Assim sendo, as campanas, ultimamente, são classificadas segundo as regras de fundidores italianos em “leve, meio-leve, médio, médio - pesado e ultra – pesado”.

O quadro apresentado em relação aos sinos é o conhecimento que rege, atualmente, as principais fundições europeias em atividade. Entretanto, no momento presente, segundo as pesquisas de Brasileiro e Dangelo (2013), com as mudanças no mundo moderno, bem como o avanço tecnológico, ocorreu uma grande perda do código sonoro europeu:

O código sonoro de todos os sinos, seguindo a tendência do mundo contemporâneo e da Campanologia na Europa em geral, está automatizado e regulado por sistemas eletrônicos. Neste sentido, existem pouquíssimos registros dos antigos toques. Tem-se mais informações sobre os toques vinculados aos mosteiros. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 60).

Logo, é neste cenário que os sinos na Europa se encontram na atualidade, sendo regidos, sobretudo, por caixas de sons e equipamentos eletrônicos, culminando na perda da tradição cultural dos toques, que nos tempos remotos se faziam vivos e atuantes. No tópico a seguir será feito um resgate acerca da inserção e influência dos sinos no contexto brasileiro, ressaltando aspectos históricos bem como as particularidades relativas à implantação do sino no país.

2.2 Os sinos no Brasil: Uma influência luso ibérico

A inserção dos sinos no contexto brasileiro, assim como nas Minas setecentistas, se dá juntamente com o processo de colonização, em que o “colonizador lusitano” ao instalar-se no Brasil, manteve e difundiu grande parte de sua cultura, costumes e tradições.

Segundo Vendramini (1981) a introdução dos sinos no cenário brasileiro ocorreu de maneira fácil, pois os índios além de terem facilidade em compreender a comunicação sonora, tinham interesses pelos sinos e demais instrumentos metálicos, os quais muitas vezes eram utilizados como moeda de troca com os portugueses. “Dessa maneira, o sino, como no Velho Continente, foi se firmando como objeto imprescindível no papel da comunicação em cada vila da colônia”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.38). Assim sendo, desde a colonização até o século XIX os sinos estavam presentes em inúmeras cidades: “o sino ainda constituiu-se a verdadeira gazeta popular das cidades brasileiras, dando notícias de caráter religioso e civil, estimulando orações, comunicando óbitos, festas religiosas e até mesmo o toque de recolher”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 40).

Segundo Brasileiro e Dangelo (2013) há certa incipiência de pesquisas, registros e documentações referente aos sinos, aos sineiros fundidores e a campanologia no Brasil e em Minas Gerais. Isso pode ser explicado porque os sinos, em sua grande maioria, eram produzidos em Lisboa - Portugal e trazidos para o Brasil desde o período colonial até meados do século XIX, dificultando, assim, a produção bem como o aprofundamento das pesquisas sobre os sinos no país. Além disso, grande parte das informações sobre os sinos confeccionados em Lisboa trazidos para o Brasil perdeu-se ao longo dos anos.

Outro fator pertinente em relação à incipiência desses estudos é referente ao caráter itinerante dos sineiros, devido ao fato dos sinos serem objetos de difícil locomoção pelo seu peso e tamanho, os sineiros acabavam por instalar-se nas cidades fabricavam os sinos solicitados e partiam para outras cidades em busca de outros trabalhos de fundição.

Ainda que existissem pequenas fundições localizadas, especialmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo – devido à industrialização – terem sido “responsáveis por grande parte do acervo de sinos brasileiros entre 1850 a 1870”, a produção brasileira foi mais lenta. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 54). De maneira geral, Vendramini (1981) salienta que a fundição de campanas no Brasil estava muito atrelada ao processo de desenvolvimento de indústrias no ramo da metalurgia iniciada no período colonial.

Foi então, no ano de 1820, segundo o Brasileiro e Dangelo (2013) ocorre à ascensão do mercado de sinos no Brasil, e começa a ganhar espaço, por meio da criação da primeira fundição do Brasil de grande porte e de caráter mais formal. Instalada no Rio de Janeiro, nomeada de Fundição Imperial, sustentou o mercado de campanas tanto carioca quanto brasileiro até 1870, após esse ano há indícios de encerramento das atividades. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

Desse período em diante, os sinos passaram a serem produzidos por distintas empresas não especializadas presentes no “polo industrial paulista da região de Campinas e Jundiá”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 52). No ano de 1898 instalou-se a primeira fundição estrangeira especializada em sinos no Brasil, oriunda da Itália: “a primeira das Fundições estrangeiras que vieram para o Brasil em busca de mercado e oportunidades no ramo da fundição artística em bronze, a Fundição Angelo Angeli, que já fundia sinos na Itália desde 1770”¹¹. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 56).

Ainda em 1898, os autores relatam que com o aumento da imigração no Brasil, principalmente de italianos, a importação dos sinos para o país continuava crescente, mesmo com a presença de fundições. A demanda de sinos na região sul brasileira era ainda maior, pois os padres descendentes de italianos e alemães priorizavam os sinos feitos em seu país de origem, pois para eles a técnica utilizada no Brasil não era feita corretamente. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

¹¹ Essa fundição, atualmente, segue sustentando o mercado brasileiro de sinos. Disponível em: < <http://www.sinosangeli.com.br/> > Acesso em 18 Fevereiro 2017.

A fundição de vários sinos nas Minas e também em São João del-Rei, se deu por meio de alguns artesãos fundidores autônomos, produtores de sinos para as novas igrejas que foram construídas: “José Valentim Onofre, foi o último herdeiro dos grandes fundidores autônomos das Minas setecentistas, fundindo sinos de 1875 até 1910, nas principais cidades de Minas Gerais e na região sul de Minas que se expandia com rapidez e tinha um grande fluxo de construção de igrejas”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 52).

Os sinos, as torres e o cenário religioso

No cenário mineiro durante o período colonial, a mineração promoveu a ascensão da riqueza em parte da sociedade mineira. Este panorama foi facilitador no sentido de gerar produções de cunho artístico e cultural. Conforme o excerto abaixo, o século XVIII em Minas:

Foi palco da mais intensa força de criação do período colonial nos mais diversos campos artísticos. A sociedade erguida em função da riqueza da mineração soube viver como um todo um período de glórias e de fausto, cuja produção artística, numa visão global, não teve paralelo no Brasil. (NEVES, 2009, p. 1).

Assim, esse cenário artístico, aliado aos sinos e ao papel da igreja católica, de difundir a fé cristã na sociedade das Minas, foi decisivo, pois: “os ritos exteriores – procissões, solenidades fúnebres, coroações – eram propagadores da fé religiosa, e os sinos os anunciantes que acompanhavam e traduziam todo esse ritual católico a moda Portuguesa”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.38). E juntamente a isso, deu início a criação de várias irmandades, ordens terceiras e confrarias religiosas¹² na conjuntura mineira a partir dessa herança lusitana. Segundo Boschi (1988) essas associações encontraram na arquitetura uma forma de evidenciar a riqueza, a grandeza, bem como o domínio religioso:

Para mostrar um aparente fervor religioso, o indivíduo não media recursos. A sua vaidade e o exibicionismo de sua generosidade

¹² “Tais associações nasceram na Idade Média e foram muito estimuladas pela Igreja, sobretudo a partir do século XVI. O século XIII foi generoso com o laicato, São Simão Stock, São Francisco de Assis e São Domingos fundaram ordens terceiras na Europa medieval por se preocuparem com a espiritualidade de homens e mulheres comuns”. (CAMPOS, 2011, p. 1).

faziam dele um contribuinte permanente das receitas financeiras das irmandades. Com isso, parece não ter havido limite para as encomendas de construção, pintura e esculturas. (BOSCHI, 1988, p. 36).

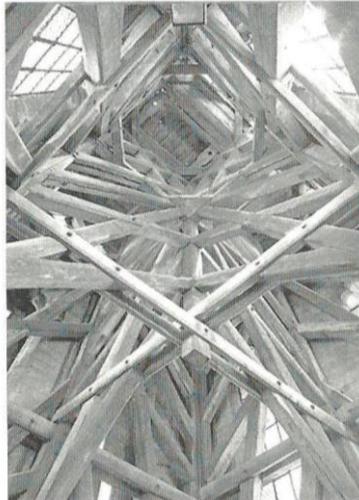
Nesse sentido, a arquitetura religiosa difundiu-se nas vilas coloniais, influenciando na alteração da paisagem mineira, por meio de construções arquitetônicas na cidade, sobretudo aquelas relacionadas à religião. Desse modo, durante este período ocorreu a “presença constante das capelas, passos, oratórios e cruzeiros na construção do espaço e da paisagem mineira colonial”. (NEVES, 2009, p. 1-2). De maneira complementar Dangelo (2002) exemplifica esse cenário:

Essa sociedade barroca, diversa em sua constituição étnica, construída sob a efígie da Contra Reforma e vivendo as dúvidas do homem de sua época - o dilema do espírito e da carne, o simbolismo empírico - marcaria seu tempo principalmente por sua manifestação criadora na área da arquitetura, em especial no campo religioso, mas também nos domínios oficial e civil com a presença constante das capelas, passos, oratórios e cruzeiros na construção do espaço e da paisagem mineira colonial. (DANGELO, 2002, p. 1).

Nesse panorama, essas torres, sobretudo das igrejas construídas nas Minas setecentistas, foram influenciadas pela estrutura das torres de Portugal e Espanha.

Estudos relatam que o sistema de fixação de sinos luso ibéricos nas torres difere de outras regiões europeias. No restante da Europa, os sinos para serem afixados nas torres das igrejas requerem uma armação criteriosa de “treliças internas”, que visam sustentar a estrutura sineira. Brasileiro e Dangelo (2013) apontam que sem esta estrutura com o balançar dos sinos, o campanário poderia ser destruído caso fosse aplicado diretamente nas paredes, com isso este sistema ajuda a dispersar as “forças dinâmicas” da campana. (Figura 6).

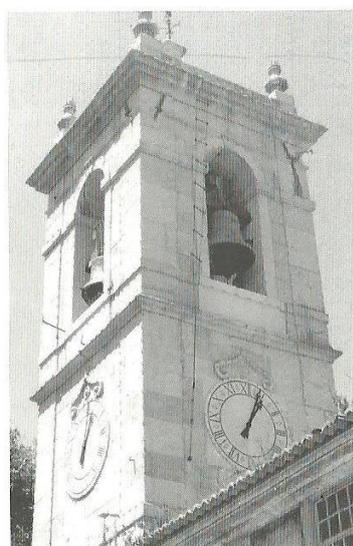
Figura 6: Catedral de Notre Dame, Paris



Fonte: BRASILEIRO, DANGELO (2013, p. 42).

Já o sistema de fixação das campanas luso ibéricas, segundo Brasileiro e Dangelo (2013) permite que os sinos sejam colocados diretamente na sineira, com isso os sinos foram confeccionados a partir de outros elementos, apresentando outra configuração que permitisse serem afixados diretamente nas paredes. Esse tipo de estrutura além de dar visibilidade para a campana, também facilita visualizar quem toca os sinos. (Figura 7).

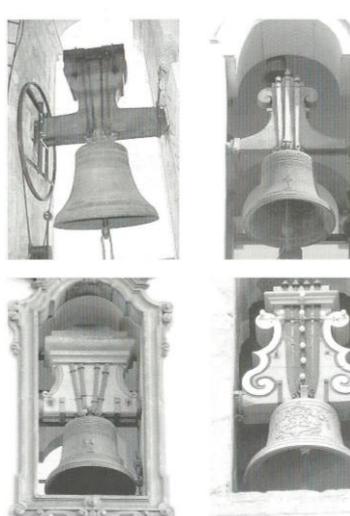
Figura 7: Igreja Paroquial de Obidos, Portugal



Fonte: BRASILEIRO, DANGELO (2013, p. 42).

Dessa forma, de acordo com os autores foi necessário criar outra estrutura para o sino que permitisse o equilíbrio entre a campana e o campanário. Criou-se então o contrapeso, o qual com os passar dos anos foi adquirindo diversas tipologias, formatos e estilos variando a cada região. (Figura 8).

Figura 8: Tipologias de contrapesos dos sinos ibéricos: “Valência; Lisboa; Rio de Janeiro e São João del-Rei.”



Fonte: BRASILEIRO, DANGELO (2013, p. 43).

Sob este parâmetro, os sinos, as torres e as igrejas tornaram-se elementos cruciais na conformação da arquitetura mineira, predominantemente barroca, sendo o sino, considerado para as comunidades cristãs, sobretudo, o catolicismo, o símbolo das igrejas e do espaço urbano colonial mineiro: “as torres e os sinos tornaram-se verdadeiros símbolos visuais da estrutura plástica das igrejas e de sua inserção na paisagem urbana das vilas do ouro mineiras” (NEVES, 2009, p. 3-2). O tópico a seguir trará uma abordagem acerca da história e influência do toque dos sinos no contexto brasileiro.

2.3 Toques dos Sinos no Brasil: Uma influência de matriz cultural africana

O toque dos sinos foram elementos imprescindíveis para a organização social, cultural e religiosa, sobretudo da Minas Gerais colonial. Assim, a trajetória histórica do toque no Brasil e no cenário mineiro está ligada ao

período colonial, juntamente com a difusão da fé católica na região, sobretudo por meio da criação das instituições religiosas: Ordens Terceiras, Irmandades e Confrarias. Conforme alerta Boschi (1986, p. 117): “A história das confrarias, arquiconfrarias, irmandades e ordens terceiras se confunde com a própria história social das Minas Gerais dos setecentos”. Desse modo, a história do toque dos sinos também se confunde com a história social e política e dos sodalícios religiosos das Minas setecentistas.

Nesse período, a igreja era considerada a “principal” promotora das festividades religiosas e profanas ocorridas nas antigas cidades brasileiras. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013; NEVES, 2009). Mediante a isso, estimulou a formação dessas agremiações religiosas como forma de garantir a ordem social por meio da religião, pois de acordo com Scarano (1978) a religião foi a maneira encontrada para minimizar as tensões sociais, diante das precariedades que assolavam a capitania de Minas. Boschi (1986, p.157) corrobora ao afirmar que as irmandades e confrarias “funcionaram como instrumento de manutenção da distância entre as camadas sociais, ou seja, deram respaldo à política metropolitana de conservação da ordem social existente”.

É válido ressaltar, que apesar das associações religiosas possuírem certa autonomia, para que fosse possível desenvolver suas atividades era preciso “apresentar um estatuto - Compromisso, que deveria ser aprovado pela Igreja e pelo Estado, composto por um conjunto de artigos que definiam suas ações e obrigações, regulação de sua vida financeira e de sua assistência aos irmãos, assim como desenhavam a postura desejada dos associados”. (PEREIRA, 2011, p.3). Como é possível notar, era uma forma de regular a vida social dos membros.

Nesse sentido, como forma de manutenção da ordem social na vida colonial brasileira, se fazia necessário “ensinar” aos membros pertencentes às agremiações, as premissas, assim como as principais atividades religiosas conforme descreve Campos (2011):

De maneira geral, as confrarias foram importante instrumento catequético, pois ensinavam a seus membros as principais orações, os pecados capitais, as virtudes cardeais e teologais (fé, esperança, caridade), os sete sacramentos, os dez mandamentos, o exame diário de consciência, bem como a prática da confissão e comunhão por ocasião da quaresma. (CAMPOS, 2011, p. 1).

Já Gomes (2009) apresenta de forma mais detalhada a função das instituições religiosas para a vivência religiosa dos “leigos”:

As irmandades, ordens terceiras e confrarias religiosas foram instituições fundamentalmente marcadas pela participação ativa dos leigos na organização da vida religiosa. Desta forma, grande parcela da sociedade, que incluía homens e mulheres tanto das camadas mais pobres quanto das mais abastadas, agremiava-se nelas com o intuito de cultuar seus santos, buscar a proteção diante das contingências da vida e da morte, encontrar pessoas, estabelecer relações e praticar a caridade. Tais instituições foram responsáveis por promover a religiosidade entre os iguais, por prestar assistência a seus associados, por arregimentar seus irmãos em torno da devoção do santo protetor e por estimular, portanto, a devoção e o amor ao próximo. (GOMES, 2009, p.14).

Para além da assistência espiritual, as irmandades e confrarias prestavam serviços tais como: “socorro em caso de doença, viuvez ou desgraça pessoal; preparação e execução de cortejos fúnebres e enterros solenes; celebração de missas em sufrágio da alma e concessão de sepultura em solo sagrado o que era feito com beneplácito da paróquia”. (CAMPOS, 2011, p. 2). A autora acrescenta ainda as inúmeras obrigações que os filiados deveriam cumprir:

[...] os irmãos agremiados deveriam cumprir uma série de deveres, a saber: pagar a taxa de matrícula estipulada pela confraria, quitar as anuidades estabelecidas em compromisso, acompanhar os funerais dos irmãos falecidos e rezar por suas almas, participar das festas e celebrações realizadas em louvor do padroeiro da associação religiosa. (CAMPOS, 2011, p. 2).

As irmandades e as festividades religiosas

Pereira (2001) expõe acerca do papel dessas associações propiciarem a vida cultural nas comunidades, por meio das festas religiosas. Dessa forma, segundo Rezende (1989) as irmandades tinham um calendário religioso com todas as solenidades – missas, batizados, novenas, festas, dentre outros ritos – ocorridas dentro das capelas, igrejas e demais espaços designados para esta finalidade, onde a população “leiga” participava dos rituais litúrgicos. E, além

disso, as irmandades promoviam as festas, nascimentos e casamentos ligados à família real. E partir desse mundo ritualístico, a vida social e cultural dos “núcleos urbanos da Minas setecentista e o espaço público” era alimentada. (NEVES, 2009, p.2).

Sob esse parâmetro, as igrejas eram os espaços urbanos onde a população vivenciava seus momentos de sociabilidade e de lazer, especialmente, por meio das festividades, segundo Ávila (1971, p.41) as festas no cenário mineiro, consistiam na: “expressão de um modo de ser cultural, de um comportamento social de um condicionamento ideológico”. Assim sendo, Morais Filho (1979) detalha acerca da participação popular nas festividades religiosas:

O movimento não podia ser mais ativo, nem mais pitoresco e a alegria e a devoção maravilhavam, transparecendo do quanto se via e observava. E a festa, pomposa, opulenta, magnífica terminava na igreja, à subida dos últimos foguetes que sibilavam rebentando as bombas, ao aspecto do adro do templo, repleto do povo que saía, trazendo cada devoto ou devota o seu registro e a sua pombinha do Divino. Nesse instante duas extensas e volumosas alas se formavam da matriz ao império; não havia família da cidade ou do lugar, escravos ou roceiros, que não se adiantassem no tumulto, inclusive os moleques traquinas, cada qual com sua flecha de foguete estourado, para ver o imperador do Divino com a sua comitiva que, no império de sarrafos e de bambinelas de paninho, tinha de presidir aos exteriores festejos. E a irmandade, de opa encarnada com borlas de ouro, empunhando tochas acesas, precedia ufana o imperial séquito. (MORAIS FILHO, 1979, p. 60).

Além disso, Neves (2009, p.2) aponta que frequentar os eventos festivos da igreja era símbolo de ascensão social, sendo considerado sinônimo de externar “a devoção, a riqueza, o poder e a posição social de cada classe naquele mundo barroco construído em Minas”, dentro de uma nova conjuntura sociocultural. E, assim conforme ratifica Pereira (2011, p.5): “Um dos momentos de honra das Irmandades, se fazia dentre as suas festividades, marcada pela pompa e regida por princípios, a fim de preservar e manter identidade cultural e grupos sociais, étnicos em constante contato”.

A partir desse processo de festividades religiosas, segundo Rezende (1989) a música sempre acompanhava as cerimônias religiosas, nas quais os

“mestres” pertencentes às irmandades davam vida a essas solenidades. Lange (1960) detalha esse cenário conforme apresentado abaixo:

Cada festa religiosa tinha sua música própria, tocada por um grupo musical dirigido por um mestre ligado à Irmandade ou Ordem Terceira por contrato de serviço que valia por determinada temporada, em geral correspondente ao ano fiscal da Mesa diretiva. (LANGE, 1960, p.16).

É válido salientar, que segundo Pereira (2011) a população de Minas Gerais no século XVIII, era composta, sobretudo, pelos “negros africanos”, brancos, “mulatos”, religiosos, comerciantes, mineradores, além de pessoas vindas de outras localidades do país, evidenciando uma sociedade diversificada. Dessa maneira, ainda conforme a autora, na segunda metade do século XVIII algumas irmandades e confrarias religiosas passaram a ser constituídas pelos negros, devotos da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, os quais tinham funções e compromissos predominantes nas irmandades.

Nesse cenário, Scarano (1978, p.1) alerta sobre a importância dessas organizações, especialmente, as de “negros escravizados” ou aqueles livres em situação de vulnerabilidade social, requer um interesse redobrado, pois: “[...] congregando os homens de cor, possibilitam o conhecimento do escravo em situação diferente da que lhe é autorizada através de suas relações de trabalho, abrindo caminho para uma abordagem nova”. (SCARANO, 1978, p. 1). A autora segue argumentando o papel das festividades para os “escravos” como um momento para expressar suas crenças, e para vivenciar sua identidade

As associações do Rosário permitiam que o escravo e outros homens de cor se reunissem dando vazão às tendências gregárias ou lúdicas. Como as celebrações eram ordinariamente religiosas e assim abertas a toda população, qualquer festa católica poderia proporcionar tais oportunidades, mas era nas comemorações de seus santos protetores que o preto se torna o organizador, o “dono” da festa, patrocinando-a a seu gosto. (SCARANO, 1975, p.145).

Pereira (2011) posiciona-se de maneira semelhante, ao mencionar o papel dos “escravos” na organização das festas e do respeito adquirido ao fazerem parte das irmandades como pode ser verificado no excerto abaixo:

No momento da festa ele não é mais um simples escravo ou um negro livre marginalizado, ele é o irmão de uma irmandade que passa a ser respeitada pela população branca, que inclusive é capaz de acatar as decisões de homens negros livres em relação à organização das festas. (PEREIRA, 2011, p. 5).

Assim sendo, a autora acredita que a partir das diversas confrarias negras existentes, abriu espaço para a (re) significação e (re) interpretação identitária dos negros, sobretudo, no que diz respeito à resistência, sociabilidade e solidariedade:

Nas confrarias negras, a reunião de escravos e libertos de mesmas nações foi uma das formas encontradas para se recriar afinidades, já que aqui no Novo Mundo, os parâmetros atribuidores de identidades não eram os mesmos que vigoravam quando estes estavam em suas terras natais. Através das irmandades seus membros estabeleciam alianças e regras de convivência, formas de solidariedade e resistência. E, em muitas irmandades a designação nação constituía princípio básico para a organização e ingresso de novos irmãos. (PEREIRA, 2011, p.2).

Campos (2011) ressalta que embora houvesse a possibilidade dos negros associarem-se, não era permitida a participação de todo e qualquer negro nas confrarias, com isso havia restrições no momento de aceitar ou não, a saber:

Em várias irmandades de crioulos (negros nascido na colônia) não se aceitava o negro boçal, ou seja, o africano que não dominava a língua vernácula. Por sua vez, determinadas irmandades do Rosário dos Pretos registraram em seus estatutos a proibição de se aceitar quilombolas. Com essa argumentação reitera-se que as irmandades e ordens terceiras eram tradicionais, mas se aclimatavam ao contexto colonial. (CAMPOS, 2011, p.2).

É válido mencionar, que se por um lado as confrarias foram uma oportunidade para “amenizar” a “condição escravista” no cenário mineiro, por exemplo, por outro “as irmandades separavam pessoas de acordo com a raça: homens pretos, pardos ou brancos” (PFEFFER, LUNA, 2005, p. 36). Isso reforçava a segregação e preconceito racial ao criar irmandades de acordo com a cor dos participantes (irmandade dos brancos, irmandade dos pretos e irmandades dos pardos).

É possível notar, na figura 9, de Debret, constata-se na imagem a segregação, onde em primeiro plano estão os negros realizando a festa de Malhação de Judas, e ao fundo os brancos, na saída da igreja, sem qualquer

participação com os negros escravos durante a festa. Sussekind (1988) sustenta essa observação ao salientar a ausência da participação dos brancos nesse festejo. Isso pode ser explicado também, devido ao fato da festividade de Malhação do Judas ter sido proibida durante muitos anos conforme relata Debret (1972):

[...] vimos ressurgir, na quaresma, esse antigo divertimento caído em desuso há mais de vinte anos, ou melhor, proibido no Brasil desde a chegada da Corte de Portugal sempre desconfiante dos ajuntamentos populares. O temor é perfeitamente justificável ante a aproximação das novas constituições liberais, pois três dias antes de minha partida do Rio de Janeiro, no sábado de Aleluia de 1831, viu-se nas praças da cidade um simulacro do enforcamento de alguns personagens importantes do governo, como o ministro intendente geral e o comandante das forças militares da polícia. Posteriormente, a liberdade favoreceu o desenvolvimento aparatoso desse divertimento que permaneceu, é preciso dizer, absolutamente estranho às alusões políticas e unicamente adstrito ao talento do fogueteiro e do costureiro. E seus progressos foram tão rápidos que, em 1828, época mais brilhante desse divertimento renascente, um edital da polícia induzia o fogueteiro à maior economia, a fim de prevenir prudentemente os incêndios, sobretudo nas pequenas ruas, e censurava ao mesmo tempo os cidadãos pelo abuso de despesas tão frívolas e vergonhosas para seu patriotismo. A censura deu resultado e as despesas foram moderadas. (DEBRET, 1972, p. 191, v. III).

Em relação ao toque dos sinos nessa festa, nota-se na imagem, o sino da igreja em movimento, segundo os registros de Debret (1972), o sino, é o protagonista da festa, pois, é ele quem anuncia tanto a ressurreição de Cristo, quanto a queima de Judas, durante a festividade.

Figura 9: Festejo da Malhação de Judas pelos negros (Sábado de Aleluia no Rio de Janeiro)



Fonte: DEBRET, 1972, p. 185.

Africanidade no toque dos sinos

No tocante aos negros pertencentes às confrarias, Pereira (2011) relata que nos dias “livres” eram responsáveis pela organização de missas, celebrações, festividades, coroação dos reis e rainhas, recolhimento de donativos para a manutenção das igrejas, dentre outras atividades sociais, em que muitas delas os toques dos sinos se faziam presente. E com isso, acabavam por adquirir certo respeito e reconstruir a identidade, numa sociedade escravista e pós-escravista, de difícil inserção e ascensão do negro africano. (PEREIRA, 2011, p.2). Conforme é possível verificar nas figuras 10 e 11:

Figura 10: Negros em um dia de Festa no Rio de Janeiro do século XIX



Fonte: (DEBRET, 1972, apud BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 67).

Figura 11: Coleta de donativos para a Irmandade Nossa Senhora do Rosário
(Alguns dos membros da confraria: rei, rainha, princesa e mestre-sala)



Fonte: DEBRET, 1972, p. 216.

Baseado nesse cenário, dentre as disposições presentes no estatuto-Compromisso das irmandades mencionado anteriormente há dois capítulos a serem destacados, em razão de apresentarem informações pertinentes relativas ao papel dos negros nas instituições. É importante frisar no que diz respeito às funções de escrivão e tesoureiro, serem desempenhadas apenas pelos brancos, isso pode ser explicado em virtude do alto índice de analfabetismo da população negra.

Capítulo 1 toda pessoa preta ou branca, de um ou outro sexo, forro ou cativo, de qualquer nação que seja que quiser ser Irmão desta Irmandade, irá à mesa ou a casa do Escrivão da Irmandade.

Capítulo 2 Haverá nesta Irmandade um rei e uma a rainha, ambos pretos de qualquer nação que sejam obrigados a assistir com seu estado as festividades de Nossa Senhora e mais Santos, acompanhando no último dia a Procissão atrás do Pálio. O Juiz e a Juíza, serão pretos de qualquer nação que sejam forros ou cativos, o Escrivão e o Tesoureiro brancos, o Procurador preto, o Andador também preto. (PEREIRA, 2011, p.4).

Dentre as inúmeras tarefas incumbidas aos africanos, sobretudo com a escravidão instalada no Brasil, o papel de tocar os sinos no país, também era dos negros, diferente do contexto lusitano, por exemplo: “sobre quem tocava o sino, se o sacristão ou sineiro, não existem dados precisos, acreditando-se, porém, que fossem os próprios monges ou serviçais do Convento os encarregados. No Brasil em função da escravidão, caberá aos negros a tarefa”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 61).

O “escravo sineiro”¹³ também chamado de “capoeiras”¹⁴ pela população era designado para desempenhar tal tarefa devido ao fato de ser uma atividade que exigia um grande o esforço físico: “[...] Atividade que, por princípio, exigia esforço físico, e foi por isso exercida pelos escravos até a abolição”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 65). É válido pontuar, que além da força física e agilidade, os “escravos” tiveram certa facilidade para tocar os sinos, devido ao fato da estrutura musical das campanas serem similares aos batuques de tambores dos terreiros de candomblé:

[...] a atividade do escravo como sineiro, já que esta era uma atividade que exigia esforço físico, inerente aos negros. Destes, um grupo, em muitos lugares designados pelo povo por “capoeiras”, conhecidos e temidos por sua força, destreza e valentia, eram os responsáveis pelos toques e, certamente, praticavam os repiques, dobres, ritmos nas modalidades livres, ou seja, não canônicos, influenciados pelos batuques do candomblé também estruturado em três tambores afinados em tons agudo, médio e grave. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 40).

Os autores complementam ainda, a semelhança existente entre os toques de ambos: “a estrutura dos toques de terreiro de candomblé e a dos campanários são bem parecidas, ou seja, três instrumentos que emitem uma só nota por repercussão, afinados em alturas e timbres diferentes e que variam na sua estrutura em agudo, médio e grave”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 65).

Durante o período da escravidão, era comum, os “escravos sineiros” utilizarem as torres dos sinos como refúgio da opressão dos senhores. A torre era considerada um local perigoso “onde ninguém se atrevia a procurá-los”. Dados encontrados na literatura ratificam a evasão para a torre:

As torres do Rio de Janeiro foram outrora escola de capoeiragem. **Os moleques fugidos das casas dos seus senhores, unidos a capadócijs e vadijs, ali se reuniam.** Equilibravam-se, fazendo perigosos exercícios de ginástica nos cabeçalhos dos sinos. Alguns

¹³ Embora haja um incômodo e discorde do uso desse termo devido a toda carga histórica e pejorativa que carrega. Optou-se por manter esse nome na íntegra ao longo do texto, pois foi encontrado na literatura o termo dessa forma para nomear os sineiros africanos.

¹⁴ Era o nome dado aos grupos de “escravos sineiros” da época, [...] “conhecidos e temidos por sua força, destreza e valentia, eram os responsáveis pelos toques”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 40).

pagaram com a vida o prazer de tanger em repique de festa. (COARACY, 1965, p. 298, apud BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 66, grifo meu).

Como pode ser verificado as torres eram utilizadas como refúgio, e, além disso, evidencia-se o perigo das torres e da tarefa de tocar o sino. Em contrapartida, os “capoeiras”, eram vistos com certo respeito e admiração, conforme destaca o memorialista Moraes Filho (1979, p. 328):

No tempo em que os enterramentos faziam-se nas igrejas e que as festas religiosas amiudavam-se, **as torres enchiam-se de capoeiras, famosos sineiros, que montados na cabeça dos sinos acompanhavam toda a impulsão dos dobres, abençoando das alturas o povo que os admirava, apinhado na praça ou na rua.** A capoeiragem antiga e a moderna têm a sua gíria, a sua maneira de expressão, pela qual são compreendidos os lances do jogo. Deveras arriscados, difíceis, e dependendo da rapidez e hábito, não é sem longa prática que conseguem tais lutadores fazer-se notáveis (MORAIS FILHO, 1979, p. 328, grifo meu).

Dentre outras características, ressalta-se a existência de duas modalidades de toque dos sinos, uma classificada como “Toques de Improvisação”, especialmente, ligada à atividade dos “escravos sineiros”, por serem toques livres e improvisados, e por isso acabaram por imprimir sua cultura: “[...] os escravos encontraram uma familiaridade ímpar com sua própria cultura e continuaram a inventar modalidades de toques que se sustentavam, provavelmente num primeiro momento, sobre improvisações, e que posteriormente viravam convenções com o passar do tempo”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p. 66). Desse modo, constatam-se as torres e os toques, enquanto elementos de resistência e resgate cultural para os escravos, bem como a influencia dos negros no processo de conformação da musicalidade dos toques dos sinos. A saber:

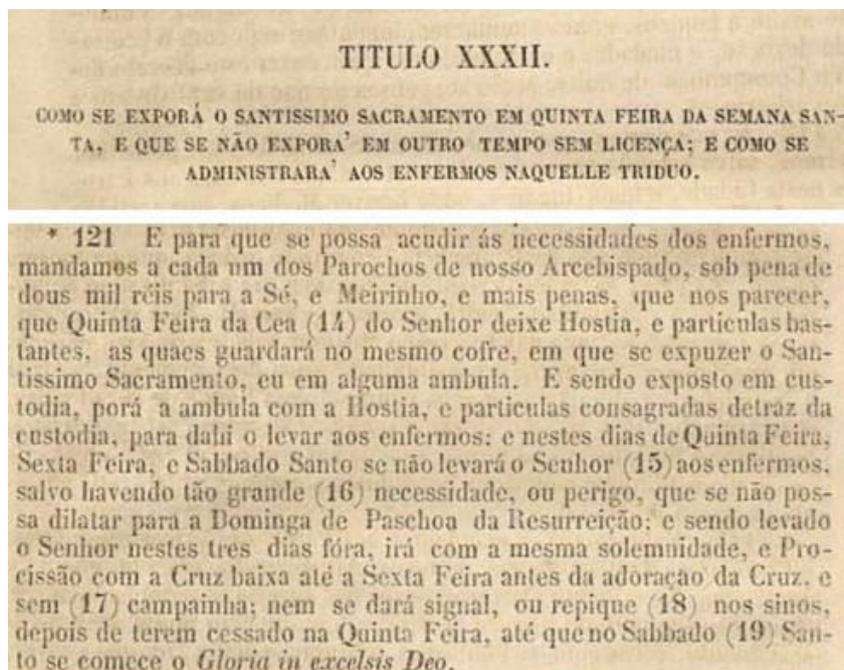
[...] a forte presença da mão de obra escrava, no mesmo período histórico, que veio a se constituir num dos elementos conformadores da sociedade mineira e da expressão dos toques dos sinos. [...] A pesquisa encontrou fortes indícios de que **a matriz cultural africana exerceu influência significativa sobre a forma como os sinos eram tocados nas cidades.** (IPHAN, 2009, p. 4, grifo meu).

Os toques dos sinos: Normatizações

A segunda modalidade denominada “Toques Canônicos”, refere-se aos toques vinculados à liturgia da igreja católica. Basicamente são originados das

Constituições Primeiras do Acerbispado da Bahia¹⁵. Conforme Brasileiro e Dangelo (2013), a regulamentação do toque dos sinos, deu-se por meio dessas constituições, tanto para normatizar os ritos litúrgicos em que os toques estariam presentes, quanto para minimizar os abusos provenientes da consolidação do toque dos sinos no Brasil. Os documentos abaixo expressam os momentos exatos, em que os sinos deveriam ou não serem tocados, evidenciando a coerção em realizar a atividade (FIGURAS 12, 13 e 14):

Figura 12: Referência ao sino na Semana Santa



Fonte: CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ACERBISPADO DA BAHIA (1853, p. 53).

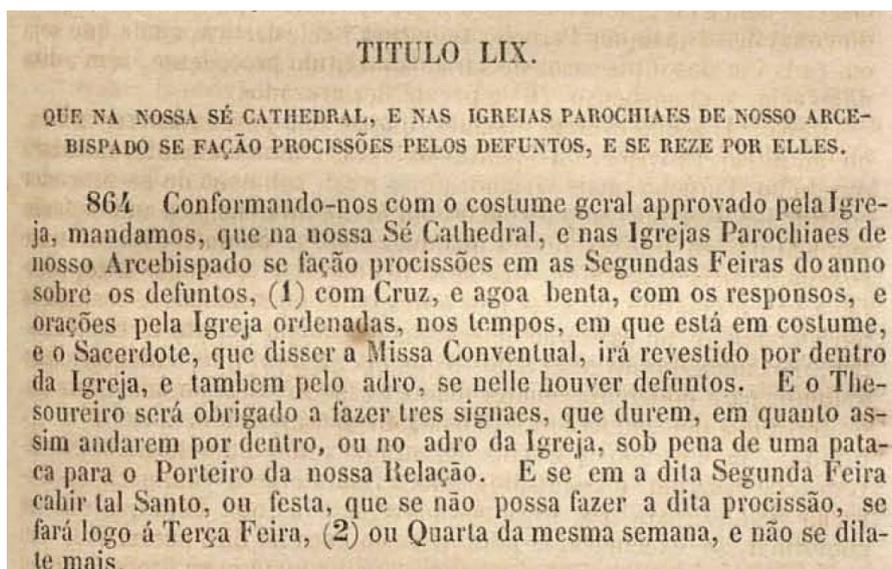
¹⁵ Uma obra elaborada pelo quinto acerbispo do Brasil, D. Sebastião Monteiro de Vide, aprovadas no ano de 1707, em um sínodo diocesano, na Bahia, considerada na época a capital colonial. O papel das constituições além de “catequizar os escravos”, era ordenar a vida religiosa da população no Brasil. Essa obra apresenta os rituais litúrgicos bem como os deveres, sobretudo, dos párocos em relação aos leigos, no sentido de ensinar a doutrina e as práticas espirituais cristãs para a população. Segundo Londono (2005, p.275-278), foi considerada uma obra de referência “canônica e pastoral da hierarquia da Igreja Brasileira”. (LONDONO, 2005; CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ACERBISPADO DA BAHIA, 1853).

Figura 13: Situações para o toque dos sinos



Fonte: CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ACERBISPADO DA BAHIA (1853, p. 230).

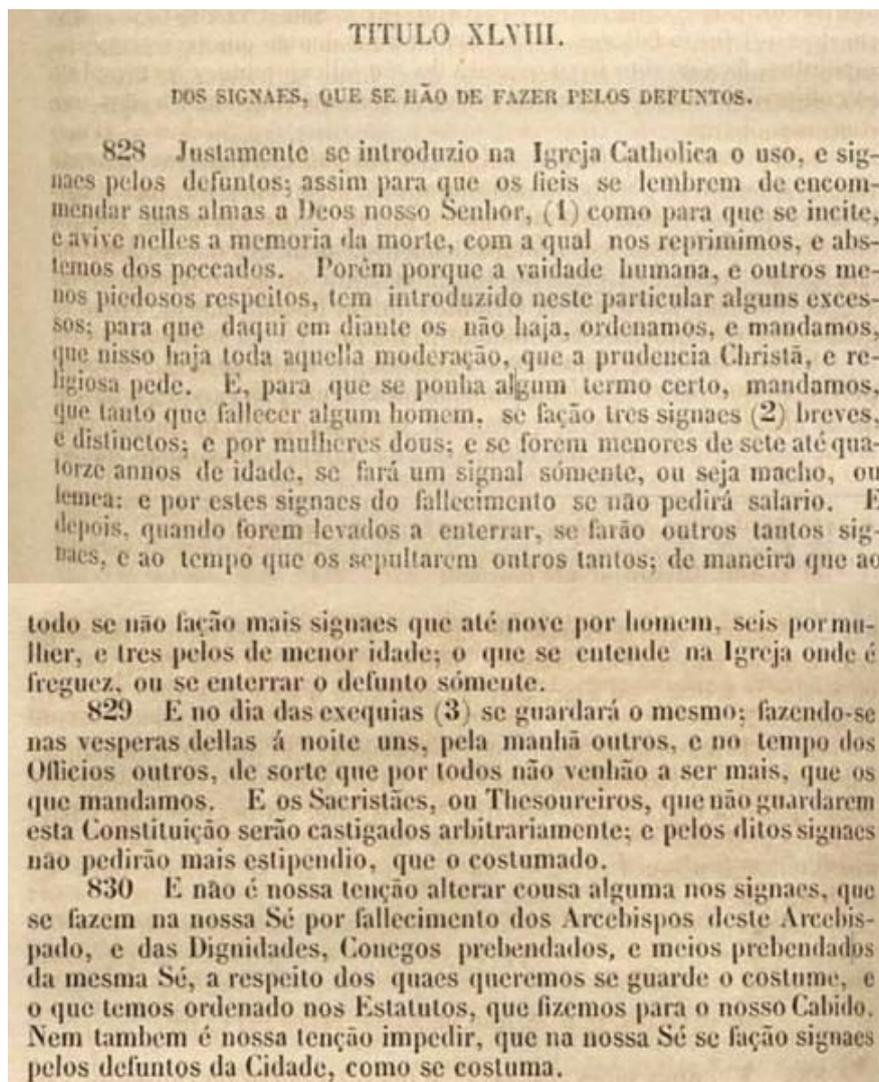
Figura 14: Toque dos sinos para procissões dos defuntos



Fonte: CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ACERBISPADO DA BAHIA (1853, p. 303).

Na figura 15, o texto menciona acerca dos excessos da prática de toque dos sinos, com vistas a minimizar os abusos, detalha como e quantos serão os toques em casos de falecimento, com diferenciação para homens, mulheres e crianças. Verifica-se também, a ameaça de ser penalizado caso a obrigatoriedade expressa no documento não seja cumprida pelos membros da igreja, isso demonstra “o espírito corretivo das Constituições Primeiras”. (LONDONO, 2005, p. 277).

Figura 15: Toque dos sinos para os mortos



Fonte: CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ACERBISPADO DA BAHIA (1853, p. 291-292).

No contexto do Rio de Janeiro, também ocorreram conflitos em relação ao abuso do toque dos sinos, principalmente no que diz respeito aos toques fúnebres. No ano de 1833, em um relatório da Comissão de Salubridade da Sociedade de Medicina e sobre os toques de sinos e os malefícios à saúde deles decorrentes, continha o seguinte relato: "No dia de finados, é melhor deixar-se a cidade aos defuntos que sofrer a tormenta dos sinos desde o meio dia da véspera até o tardanho momento dos últimos ofícios". (IPHAN, 2009, p.15). O relatório sugeria a regulamentação e não a supressão dos toques, pois o abuso dos toques acabava por causar doenças nervosas e auditivas na

população, devido ao fato de estarem subtidos a mais de cinco minutos ininterruptos de toques. (IPHAN, 2009).

Entretanto, em 1834, Sarthou (1965, p.81) relata acerca da contrariedade da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro¹⁶, manifestando o desejo de supressão da prática: “[...] o “bárbaro e “inveterado” uso do dobre de sinos para defuntos, instrumentos de terror para doentes e causa de morte de muitos que a esta escapariam se tal prática não houvesse”. De acordo com Sarthou (1965) a sociedade de medicina acreditava que a extinção da prática daria mais tranquilidade aos doentes.

De acordo com Brasileiro e Dangelo (2013), diante do ocorrido, na mesma data, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Ministro da Justiça na época, formalizou o pedido, para o Vigário Capitular Monsenhor Francisco Correia Vidigal:

Ilmo. Revmo. Senhor: a Regência, em nome do Imperador, o Senhor Dom Pedro II, tendo em vista a representação que lhe dirigiu a Sociedade de Medicina desta Corte sobre as terríveis consequências que resultam dos continuados dobres de sinos usados nos funerais e a resposta que V. Ilustríssima deu sobre ela, manda que quanto antes faça pôr em prática o determinado na Constituição do Acerbispado da Bahia – Ti. 48, nº 828, que marca o número dos sinais, a sua breve duração, e que sejam feitos unicamente na igreja onde é freguês ou se enterra o defunto, responsabilizando pelos abusos aquelas pessoas a cujo cargo se achar a inspeção dos sinos. (SARTHOU, 1965, p.81).

Em resposta, o Vigário, confirma que irá acatar os termos previstos na Constituição do Acerbispado da Bahia, e ainda cria penalidades a serem aplicadas aos transgressores:

[...] Autorizado pelo Aviso do Governo, de 26 de abril próximo passado, que abaixo se transcreve e que manda executar os disposto na Constituição do Acerbispado da Bahia, Tit. 48, n] 828. [...] Os transgressores pagarão de multa pela primeira vez vinte mil réis para os Expostos da Santa Casa da Misericórdia; pela segunda vez, quarenta mil réis e pela terceira, alem da referida multa de quarenta mil réis para os Expostos, se mandará tirar o badalo do sino que

¹⁶ “Criada em 1829, apenas alguns anos após a proclamação da Independência política do país, a primeira sociedade médica — a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ) — concretizava o sentimento de liberdade vivido pelos médicos e cirurgiões brasileiros que não estavam mais submetidos a constrangimentos e restrições impostos pelo monopólio profissional exercido pelos colegas portugueses”. (FERREIRA, MAIO, AZEVEDO, 1998, p. 478).

houver na igreja para não tocar um ano. E para que chegue a notícia de todos e não aleguem ignorância, se entregará uma cópia em cada igreja onde se registrará em livro competente, juntamente com o referido aviso do Governo. (SARTHOU, 1965, p.82).

A partir do excerto supracitado, constatam-se dois elementos passíveis de reflexão. O primeiro diz respeito à força da Constituição do Acerbispado da Bahia comprovando a legitimidade e imposição de sua lei e tradições canônicas em outras regiões. Em segundo lugar, além da multa para quem não cumprisse o ordenado, tem-se uma penalidade mais drástica, a retirada da lingueta (badalo) que produz o som do sino. Isso demonstra as formas arbitrárias de obrigar as pessoas a seguirem as regras impostas, uma vez que “a multa, só, não resolveria o problema, não diminuiria o abuso. Era preciso uma penalidade máxima, que obrigasse a obediência pelo terror e pela humilhação: tirar o badalo do sino de quem abusasse!” (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.73).

Reiterando essa trajetória dos toques provenientes do objeto sino, de maneira geral, o toque dos sinos tem o papel de anunciar para a população, diversos tipos de eventos e solenidades, ocorridos no cotidiano da comunidade, como por exemplo: festivos, religiosos, fúnebres, notícias, acontecimentos, contemplando um caráter comunicativo e cultural:

[...] quando refletimos sobre o significado da linguagem dos sinos na cultura do lugar em Minas Gerais, estamos falando na verdade de veículos de manifestação cultural ligados a uma das formas de comunicação das mais antigas da civilização ocidental. Falamos também de uma cultura enraizada de maneira antropológica, que trabalha o sentido da memória ora associada ao significado da igreja como geratriz de uma série de relações urbanas, sociais, culturais, e também de sentido de permanência e pertencimento a um sistema barroco ainda presente em várias cidades de Minas. (NEVES, 2009, p. 3).

Dessa forma, os toques dos sinos incitam as relações sociais e de lazer ao convidar a comunidade para as festividades, e acabam sendo considerados símbolos que dão vida as cidades, conforme salienta Adão (2001, p. 39): “O coração das vilas e depois cidades coloniais, pulsam ao som dos sinos e dos tambores, templos e edificações da ordem pública local, pontos de convergência e de irradiação da vida das vilas e cidade”. Assim sendo, o

panorama apresentado, bem como os elementos que o compõem, no momento presente é conhecido como a linguagem dos sinos.

Atualmente, é válido ressaltar, no Brasil a tecnologia está minando o toque dos sinos, Santos e Montanheiro (2016, p.475) afirmam que o toque dos sinos desapareceu em grande parte das localidades, devido à “concorrência com os veículos midiáticos modernos”. Entretanto, em algumas cidades da região de Minas Gerais, especialmente em São João del-Rei, a “diversidade rítmica” dos toques dos sinos, ainda se faz presente no cotidiano da comunidade: “Hoje em dia, apenas alguns núcleos de origem colonial, os sinos resistem aos tempos, ocupando um lugar de destaque no contexto social, como é o caso da cidade mineira de São João del-Rei”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.73).

Dentro desse quadro, no próximo capítulo, será feita uma explanação acerca do toque dos sinos do município de São João del-Rei, bem como as nuances da linguagem ainda viva dos toques são-joanenses.

CAPÍTULO 3 - O TOQUE DOS SINOS DE SÃO JOÃO DEL-REI: “A TERRA ONDE OS SINOS FALAM”

“Estes dobres e repiques são responsos, são poemas que o bronze transforma em sons. De geração a geração estes “Principadas”, “Tenstens”, “terentenas”, “Clens”, “Tencão Festivo”, “Senhora Morta”. Que menino empinou o meião? Quem lustrou o garfo? Poliu a bacia com o óleo queimado? Verificou as amarras de couro do badalo? Nas sineiras recortadas, os sinos são as pupilas dessas torres. Com suas bocas de bronze, contam histórias de fantasmas. Quem organiza? Quem encontrou a paz do som eterno? Quem vai celebrar a missa das almas? Quem chama o sineiro? Que festa se anuncia? A linguagem do bronze alerta e avisa, conclama e convida, explica e esclarece. Aqui não teve infância quem não aprendeu a conversar com os sinos.” Jota Dangelo.

O toque dos sinos da cidade de São João del-Rei, se confunde com a própria história religiosa, social e cultural do período colonial mineiro especialmente, com a formação das irmandades religiosas. Embora atualmente ainda seja uma tradição que permeia no cotidiano da cidade, um dos maiores desafios dessa prática diz respeito à sua persistência até os dias atuais em meio ao avanço tecnológico e da informatização os quais modificaram as formas de comunicação humana e acabaram influenciando na cultura e na sociedade.

Em um cenário em que a comunicação é associada cada vez mais ao uso de avançadas tecnologias da informação, o que se tem como novas propostas de estudo na área geralmente segue essa linha. O desenvolvimento maciço da informática, de *softwares* avançados, o computador pessoal, os celulares, a internet são, entre outros fatores, algo que gera mudanças não somente no modo como se realizam a produção e as atividades econômicas, mas também na cultura e na maneira como se organiza e se concebe a vida em geral. (DIAS *et al.*, 2007,p.7).

Mediante a isso, a prática do toque dos sinos faz-se pensar no que “[...] se tem de mais tradicional, essencial, cotidiano e quase implícito: a linguagem dos sinos enquanto forma de comunicação primeira, a não verbal”. (DIAS *et al.*, 2007, p.7). Dessa forma, São João del-Rei é reconhecida atualmente como a “terra onde os sinos falam”¹⁷, abrangendo a linguagem dos sinos, por meio de

¹⁷“Ainda hoje, os toques são religiosos e têm finalidade social e, até mesmo, de defesa civil”. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2685/linguagem-do-toque-dos-sinos-de-minas-gerais-e-registrada-como-patrimonio-nacional>> Acesso em 15 Janeiro 2017.

uma variedade de toques com distintas finalidades, tanto de caráter religioso, quanto sociocultural.

Recuando no tempo, este panorama pode ser enfatizado nas palavras de Carlos de Laet, jornalista carioca que visitou a cidade no ano de 1894 e anos mais tarde de Tancredo de Almeida Neves em uma entrevista em 1985, respectivamente:

[...] Todo membro de qualquer irmandade confraria ou ordem terceira tem, quando morre, inconcusso direito a dobres funéreos, que mais crebros se tornam se o defunto exerceu cargo ou dignidade. Ora, como, em geral, o são-joanense faz parte de diversas corporações religiosas, raro é o óbito que durante o dia inteiro não faça gemer o bronze de muitos campanários. (IPHAN, 2009, p. 6).

[...] Em São João Del-Rei nós somos dominados por dois sons: primeiro o som dos sinos. São João Del-Rei é a Capital dos sinos, talvez no Brasil ela seja a cidade que mais se toque sinos, e os sinos de lá tem linguagem própria. Lá têm toques de alegria, os toques de tristeza e tem os toques característicos da cidade, de forma que a cidade sabe o que está acontecendo, o que não está acontecendo e o que vai acontecer. (IPHAN, 2009, p. 6).

Dito isto, é possível constatar a visibilidade que permeava o universo do toque dos sinos, mesmo com o passar dos anos. Pois, além de serem caracterizados como signos da igreja e símbolos de influência barroca no contexto sociocultural ao qual estão inseridos; os sinos acabaram por representar também uma tradição histórica cultural de caráter identitário para a comunidade local. Exemplo disso pode ser encontrado em um dos documentos das irmandades religiosas são-joanenses, as quais registraram a devoção a essa prática:

Quando em 1830 a Mesa administrativa da época tratou de melhorar o nosso majestoso templo, que é um padrão inabalável da fé viva e ardente dos nossos antepassados, ouviu-se logo **do alto do campanário o som melodioso e argentino do sino que por 88 anos bimbou festivo convocando os fieis ao culto dos altares ou dobrou a finados lamentando a partida de um irmão para a vida do além.** Quando em **princípios de abril de 1916 correu a noticia que o sino de São Francisco quebrara-se, se entristeceu toda a população que se habituara a ouvir de longa data o sino que presidiu o nascimento dos nossos pais.** A mesa administrativa atual querendo preencher essa lacuna fundamental na nossa cultura religiosa, tratou logo de **buscar adquirir outro sino que o substituísse [...].** (Livro de atas da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em 1917, IPHAN, 2009, p. 7, grifo meu).

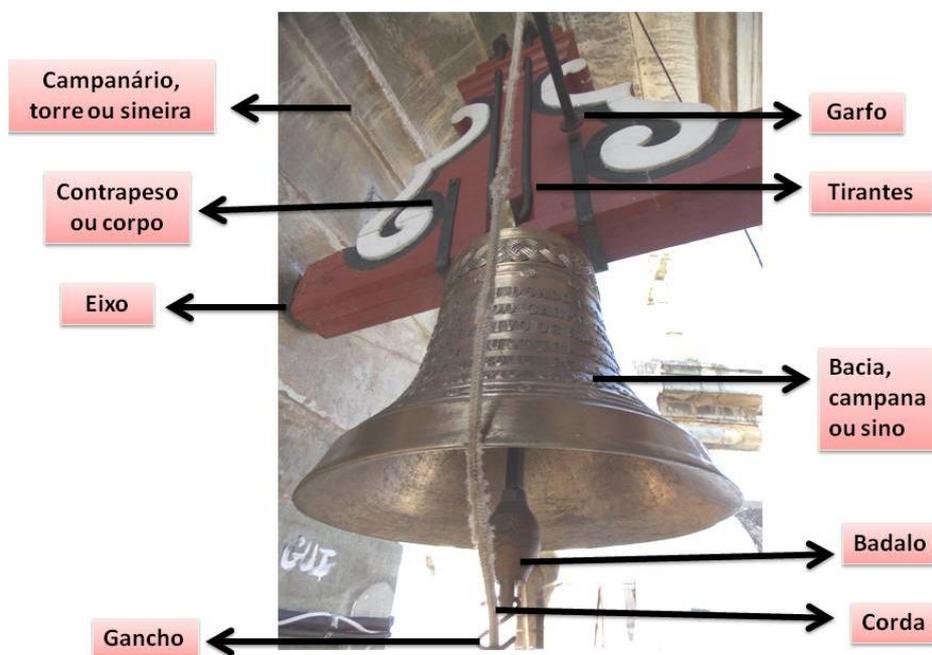
Otto Lara Resende escritor são-joanense aponta de forma nostálgica sua relação de identidade com a cultura religiosa do toque dos sinos: “Quem quiser descrever o universo tem que falar da sua própria aldeia. E minha aldeia é formada por sinos, igrejas barrocas e as imagens da infância em São João del-Rei”. (IPHAN, 2009, p. 6).

3.1 Estrutura e linguagem dos sinos são-joanenses

Como forma de aprofundar o conhecimento sobre o toque dos sinos de São João del-Rei se faz necessário conhecer as partes do sino bem como a estrutura das torres são-joanense a ser explanado a seguir.

Basicamente, o sino é composto por dois elementos: a bacia, campana ou sino e o contrapeso ou corpo. Ambos estão interligados pela parte superior do sino denominada de coroa, local por onde passará o eixo que auxilia na fixação dos sinos nas torres. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013). A figura 16 contém algumas das partes mais relevantes do sino.

Figura 16: Partes do sino de São João del-Rei



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 17: Coroa do sino batizado de Elias – Igreja Nossa Senhora do Carmo - São João del-Rei Minas Gerais



Fonte: Inventário de Campanologia de São João del-Rei (DANGELO, FRIGO; 2013, p.1).

Figura 18: Coroa do sino batizado de João Batista – Igreja Nossa Senhora do Carmo - São João del-Rei Minas Gerais



Fonte: Inventário de Campanologia de São João del-Rei (DANGELO; FRIGO, 2013, p.4).

Cabe ressaltar, que os sinos de São João del-Rei antes de serem afixados nas torres para serem tocados, são batizados e recebem um nome, conforme os sinos das imagens 17 e 18. Em relação à bacia do sino ela também é caracterizada como o “vaso sonoro” devido ao fato de emitir o som musical. E geralmente em sua extensão aparecem diversos elementos decorativos tais como frases laudatórias, nome da fundição ou do fundidor, além de padrinhos, paraninfos e instituições que contribuíram para a confecção do sino. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013). De acordo com os autores tecnicamente o sino de São João del-Rei:

Segue o sistema espanhol de contrapeso: o peso do corpo é mais ou menos 85% do peso da campana ou bacia como se fala no linguajar sineiro de São João del-Rei. Explicamos que o contrapeso, ou corpo do sino é feito de partes de madeira desenhadas por molde, certamente por artistas são-joanenses. Geralmente é construído em

três partes que se encaixam por cavilha, sendo que muitas vezes se coloca chumbo dentro da ultima parte para encontrar-se o equilíbrio necessário do sistema como um todo. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013, p.152).

Ainda, segundo os autores no contrapeso ou corpo são entalhados desenhos e seguem um padrão de cor branca e vermelho escuro, caracterizando dessa forma uma harmonia estética ao sino:

Entre todas as cidades brasileiras, São João del-Rei é, seguramente, a que mais valorizou e se preocupou, dentro da sua cultura sineira herdada do mundo ibérico e luso-brasileiro, em dar ao contrapeso de seus sinos formosura e personalidade, criando recortes e formas graciosas e bem equilibradas esteticamente para o conjunto sino e contrapeso. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013, p.151).

É válido pontuar que devido ao fato dos sinos de São João del-Rei serem contrapesados, criou-se o ato de captar ou “catar” o sino, essa técnica é o movimento que o sineiro faz conjuntamente com o sino até conseguir colocá-lo a pino¹⁸, geralmente fazendo o menor barulho possível. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013). Conforme os autores essa prática começou a se aprofundar em meados dos anos 1960, pois anteriormente não se incentiva os sineiros a realizarem essa ação devido ao fato de ser perigosa, pois com a movimentação e peso do sino o sineiro pode ser arremessado para fora da torre.

O badalo do sino possui um furo na extremidade onde é afixado um gancho em forma de “S”, Brasileiro e Dangelo (2013, p. 157) revelam que esse gancho torna “mais leve o peso do badalo na mão do sineiro e é o responsável por dar a ele condições de ter um controle rítmico e de intensidade de percussão na campana”. De acordo com os autores essa técnica além de única e típica de São João del-Rei, proporciona a dinâmica e variação rítmica do toque dos sinos de São João del-Rei.

O garfo é fixado no corpo do sino e nele é onde se amarra uma corda¹⁹ feita de couro cru trançado, assim como o gancho, Brasileiro e Dangelo (2013)

¹⁸ O sino a pino ou a pique é colocar de boca para cima para iniciar o toque denominado dobre. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013).

¹⁹ A corda basicamente é feita de couro cru, e originalmente tratada com sebo animal, a fim de proteger o couro e torna-la mais flexível para realização dos toques. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013).

apontam que o garfo facilita para o sineiro realizar os toques, além de produzir determinada força ao sino no momento de colocá-lo a pino. Já os tirantes ou suspensórios são as ferragens que contribuem para fazer a conexão entre o corpo e a bacia do sino.

Conforme relatam as pesquisas elaboradas pelo IPHAN, há três elementos considerados imprescindíveis para reforçar a beleza e harmonia do toque dos sinos de São João del-Rei, sendo eles: os sinos serem bem contrapesados; a presença de um único garfo para manipular o sino e a existência do gancho, o qual permite a conformação de ritmos e toques melhores estruturados e mais complexos. (IPHAN, 2009).

De maneira geral a estrutura sonora dos sinos são-joanenses, é composta por um conjunto de três sinos de timbres distintos: um sino pequeno denominado de garrida²⁰, que exprime um som agudo, o sino de som médio chamado “meião” e o sino grande ou bronze com som grave considerado o sino principal. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013). Os autores afirmam que nas igrejas consideradas mais importantes, podem se encontrados quatro sinos, onde é acrescentado um sino pequeno ainda mais agudo. Já nas capelas pequenas é comum encontrar apenas dois sinos um grave e outro agudo.

No que diz respeito aos campanários, de acordo com os estudos de Brasileiro e Dangelo (2013) é comum existir nas torres cerca de quatro aberturas proporcionais onde os sinos serão afixados (Figura 19). Ao passo disso, os sinos geralmente são colocados na sineira por meio de uma ordem previamente estabelecida: O sino grande ou bronze na frente; o médio ou “meião” e o contragarrida ou “meiãozinho” nas laterais e por último o sino pequeno apelidado de “sininho” ou de garrida²¹, na sineira posterior.

²⁰ Sino agudo, além de ser considerado o menor sino do conjunto. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

²¹ É o sino pequeno da catedral Nossa Senhora do Pilar, ele é apelidado de garrida apenas na catedral, nas demais igrejas, o sino pequeno é apelidado de sininho.

Figura 19: Abertura simétrica das torres são-joanenses – Igreja Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Arquivo pessoal

Por dentro das torres, geralmente existem dois pedaços de madeira colocados em forma de cruz, conforme figura 20, sendo denominada de cruzetas, basicamente a função dessas peças é dar o suporte quando os sinos são retirados e colocados novamente nos campanários para manutenção. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013).

Figura 20: Cruzetas das torres são-joanenses



Fonte: Arquivo pessoal

De maneira geral, pesquisas apontam que no aspecto construtivo, as torres precisam ser bem estruturadas, uma vez que os sinos ao entrarem em

movimento, geram vibrações as quais são recebidas pelas paredes através do eixo. Com isso, caso não sejam bem reforçadas a vibração sonora produzida pelo sino poderia destruir a torre.

Referente aos toques são-joanenses, eles são classificados sob dois critérios: o ritmo, sendo este subdividido em festivos e fúnebres²², os quais “por sua sonoridade e ritmo, evocam a reflexão sobre a conduta dos indivíduos no mundo e a reflexão sobre o julgamento de Deus no momento da morte”. (IPHAN, 2009, p.25) e a execução, a qual se divide em repiques e pancadas ou badaladas²³ feitas com o sino parado, e os dobres com o sino em movimento.

De acordo com os estudos de Aluizio Viegas (1990), os dobres são divididos em “Dobre simples”, é o sino girando pelo lado em que está encostado o badalo, ocasionando somente uma pancada em cada movimento e “Dobre duplo” onde o sino gira em torno de seu eixo em uma volta completa, provocando duas pancadas com o badalo. São nos dobres que se utiliza a técnica de “catar” o sino, conforme supracitado, pois somente realizando essa ação se conseguirá fazer o dobre. Já os “Repiques” o sino permanece parado, enquanto o movimento é feito somente pelo bater dos badalos. A saber:

É no interior dessa forma de execução do toque dos sinos que podemos encontrar maior possibilidade de apropriação e interpretação por parte dos sineiros. Vários repiques com o mesmo objetivo: anunciar novenas e missas, além de exprimir contentamento em ocasiões de festas religiosas ou até mesmo de celebrações civis importantes. Há repiques tocados por ocasião de missas comuns e novenas cuja escolha fica a critério dos sineiros. (IPHAN, 2009, p.26 - 27).

A partir desse quadro, para que haja uma correta execução dos toques “é necessário observar a forma sonora (a estrutura do toque) e a ocasião. É esta associação que permite a transmissão de mensagens de maneira

²² “A classificação em festivos ou fúnebres está relacionada à maior ou menor aceleração de ritmo. Há outra possibilidade de classificação dos toques que muitos sineiros utilizam: além de classificá-los em festivos e fúnebres, há aqueles que são conhecidos como toques do cotidiano”. (IPHAN, 2009, p.25).

²³ “A percussão do badalo na bacia do sino paralisado pode ser feita com a própria mão ou através de uma corda. Essa percussão produz vários tipos de toques de acordo com a quantidade de sinos utilizados para sua obtenção: as pancadas ou badaladas (executadas em um único sino) e os repiques (executados em, no mínimo dois sinos, idealmente, em três). Há uma série de toques que, em sua sequência, utiliza-se de pancadas e repiques”. (IPHAN, 2009, p.26).

apropriada, ou seja, é o que garante a função comunicativa dos sinos”. (IPHAN, 2009, p.25). Diante disso, cada sino tem uma função específica para executar os toques:

O sino pequeno, ou garrida é AGUDO e faz a marcação; o sino médio (MEIÃO) geralmente faz a transição de timbres, enche o repique e dialoga com o grande ou bronze (GRAVE) que responde ritmicamente e se apresenta hierarquicamente do ponto de vista sonoro, como o responsável principal da Ordem, Confraria ou Irmandade. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013, p.101-102).

No que tange aos diversos códigos sonoros dos sinos de São João del-Rei, há distintas formas de tocar e em cada ocasião tem-se uma finalidade determinada. As pesquisas de Brasileiro e Dangelo (2013), indicaram que grande parte das restrições, sobretudo aos toques fúnebres, estabelecidas no documento das Constituições Primeiras do Acerbispado da Bahia, não foram acatadas e assimiladas por São João del-Rei.

Assim, parte da normatização dos toques assumia características próprias a cada regionalidade, estabelecidas pelo poder da igreja local. E com isso os toques são-joanenses foram adquirindo cada vez mais diferenciação e sendo cada vez mais detalhados. Além disso, criaram-se toques novos não previstos nas constituições como, por exemplo, o toque de anjinho “ligado ao falecimento para crianças com idade inferior a sete anos e muito comum nas cidades coloniais mineiras”. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013, p.70).

Com vistas a facilitar a compreensão acerca dos aspectos que a linguagem do toque dos sinos de São João del-Rei abrange, apresenta-se na tabela 1, como, quando e o que comunicam os códigos sonoros:

Tabela 1: Código sonoro da Linguagem do Toque dos Sinos de São João del-Rei

<p>Aviso de Missas</p> <p>½ antes da hora marcada para a celebração é dado o sinal no sino pequeno, em pancadas seguidas. No final do toque de entrada, as pancadas indicam quem será o celebrante.</p> <p>3 pancadas: O coadjutor ou padre simples 4 pancadas: O vigário. 9 pancadas: O bispo diocesano. 9 pancadas: O arcebispo metropolitano.</p> <p>Se for missa festiva</p>
--

Repique no início da celebração e ao final.

Se for missa solene cantada e houver sermão

- 1) Repique com dobre do sino grande: na véspera às 20 horas e no dia, 1 hora antes da celebração;
- 2) Na hora do Sanctus: 1 pancada no sino pequeno e imediatamente 1 no sino grande;
- 3) Consagração do Pão e do Vinho: 1 pancada no sino pequeno e imediatamente 1 no sino grande;
- 4) Após a Consagração: Repique ligeiro e de baixa intensidade de som em todos os sinos;
- 5) Ao final da missa: Repique em todos os sinos com maior intensidade de som.

Havendo Bênção Solene do Santíssimo Sacramento, em qualquer circunstância – após a missa, tríduo, quinquena, novena, trezena, hora santa *Te Deum*.

- 1) Quando iniciar a 2ª estrofe do Tantum ergo Genitore: Repique ligeiro em todos os sinos;
- 2) Durante a bênção, quando o celebrante traça a cruz com o santíssimo Sacramento sobre os fiéis: Repique em lento e com a menor intensidade de som possível;
- 3) Ao termino da solenidade: Repique ligeiro em todos os sinos seguindo-se imediatamente o Toque de Almas (último Angelus) que são 9 pancadas espaçadas no sino grande e após novo repique;

Novena, Mês de Maria (maio), **Mês do Sagrado Coração de Jesus** (junho) e **Mês de Santo Rosário** (1º de outubro e 02 de novembro)

- 1) 12 horas: Principiada, repique, Angelus, repique conclusivo;
- 2) 15 horas: Principiada, repique, repique conclusivo;
- 3) 18 horas: Angelus, repique, repique conclusivo;
- 4) Ao termino da função: Repique, toque de almas, repique e repique conclusivo.

Chamadas de Irmãos

- 1) Enterros: 18 pancadas no sino principal, 45, 30 e 15 minutos antes do horário estabelecido;
- 2) Eleições e definitórios: 9 pancadas no sino grande, 1 hora, 30 minutos e 15 minutos antes do horário estabelecido.

Festa em Homenagem aos Santos

Na véspera da comemoração de um santo que se celebra com solenidade

- 1) 20 horas: Repique em todos os sinos, Toque de Almas, repique com dobre do sino principal na igreja ou capela onde será celebrada a festa;
- 2) No dia do santo: Para a missa conforme está especificado em Missas.

Finados

Na véspera de Finados, isto é, em 1º de novembro em todas as igrejas e capelas

- 1) 15 horas e 20 horas: Três séries de dobres duplos em todos os sinos começando do sino menor para o maior.

No dia de finados (2 de novembro) pela manhã nos horários antes das missas

- 1) 1 hora antes da missa: Dobres duplos;
- 2) A entrada da missa: Dobre duplo ligeiro;
- 3) Ao Sanctus: Dobre duplo ligeiro;
- 4) Durante a Encomendação: Dobre duplo;
- 5) Ao termino da missa: Dobre duplo e após descair dos sinos

Na véspera da **Comemoração Aniversário dos Mortos** de cada sodalício religioso (Ordens Terceiras Arquiconfraria, Confrarias e Irmandades)

- 1) Na véspera e no dia, como se faz para finados: Dobres duplos. Os sodalícios, após a missa sufragam os falecidos com encomendações, sendo: a 1ª pelos sacerdotes, a 2ª pelos irmãos e a 3ª específica para algum irmão benemérito do sodalício;
- 2) Encomendação para sacerdote: Dobres duplos, em sentido inverso, isto é, começando do sino maior para o menor;
- 3) Encomendação para irmão: Dobre duplo, começando do sino menor para o maior;
- 4) Encomendação especial: Se o homenageado foi sacerdote, como especificado acima, se leigo, também como especificado. Antes de descair os sinos há dobre duplo 3 vezes em cada sino.

Enterro de Irmãos

- 1) Homens: Três séries de dobres de 1 pancada, descaindo os sinos a cada série;
- 2) Mulher: Duas séries de dobres de 1 pancada, descaindo os sinos a cada série;
- 3) Criança: Repiques fúnebres na passagem do féretro pela igreja até atingir o cemitério. Obs.: Terentena, Clens e Tens-tens fúnebres. São os mesmos repiques festivos, porém executados com ritmos mais lentos e com baixa intensidade de som;
- 4) Homem que foi mesário do sodalício: Três séries de dobre duplos logo que se comunicar o falecimento e ao iniciar o dobrar três vezes seguida cada sino e, em seguida dobre sequencial. Antes de decair, proceder como no início, três dobres seguidos em cada sino;
- 5) 45 minutos antes do enterro: Dobre duplo, chamada de irmãos, dobre duplo a saída dos irmãos do sodalício, precedido pela cruz de guia e dobre durante o cortejo até o féretro entrar na igreja, sempre 3 dobres;
- 6) Mulher que foi mesária do sodalício: O mesmo critério como para mesário homem, diferenciando porém para dois dobres;
- 7) Irmão mesário ou irmã mesária que prestou relevantes serviços ao sodalício: Dobres duplos como acima, porém, a critério da mesa administrativa, com a devida licença do ordinário, dbres duplos de hora em hora;
- 8) Falecimento do Papa: Dobre duplo na ordem inversa, começando do sino maior para o menor, em todas as igrejas e capelas da diocese num total de 14 séries de dobres. Antes de descair os sinos 14 dobres duplos seguidos em cada sino;
- 9) Falecimento do Bispo: Dobre duplo na ordem inversa, começando do sino maior para o menor, em todas as igrejas e capelas da diocese num total de 7 séries de dobres. Antes de descair os sinos 7 dobres duplos

seguidos em cada sino;

- 10) Falecimento do vigário: Dobre duplo na ordem inversa, começando do sino maior para o menor, em todas as igrejas e capelas da diocese num total de 5 séries de dobres. Antes de descair os sinos 5 dobres duplos seguidos em cada sino;
- 11) Falecimento do sacerdote: Dobre duplo na ordem inversa, começando do sino maior para o menor, em todas as igrejas e capelas da diocese num total de 4 séries de dobres. Antes de descair os sinos 4 dobres duplos seguidos em cada sino;

Observação: para leigos os dobres fúnebres começam do sino menor para o maior. Nos dobres eclesíásticos fazer em ordem inversa, isto é, do sino maior para o menor.

- 1) Toque de Agonia: No sino da irmandade onde o moribundo é irmão, dá-se 9 pancadas espaçadas no sino grande de 15 em 15 minutos, a qualquer hora do dia ou da noite, desde que o solicitado pela família. Há preferência de se dar esse toque no sino da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, independente de ser ou não irmão da arquiconfraria, para que nossa senhora dê ao agonizante as suas Mercês. É tradição que o espaçamento das pancadas de agonia é o tempo do sineiro rezar após cada badalada uma ave Maria na intenção do agonizante.

Calamidades

- 1) Toque de Rebate para incêndio ou qualquer outra calamidade: São pancadas descompassadas no sino grande seguindo imediatamente no sino médio, com pequenos intervalos, como alerta a população de que algo anormal está a acontecer, pedindo sua ajuda. Este toque pode ser dado para qualquer calamidade.

Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo

1) Dia 24 de dezembro: às 22 horas em todas as igrejas onde se celebrará a Missa do "Galo", repique com dobre duplo. Às 23 horas, novo repique com dobre, toque de entrada, ligeiro repique ao glória, repique ao final da missa. Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde se celebra a solenidade do Natal precedida de novena há missa solene cantada. Para tal observa-se, além das disposições acima, o que está especificado para missa solene.

Ano novo

- 1) Passagem do ano: Havendo missa, observar as mesmas disposições do Natal.

Quaresma

- 1) Via Sacra: na igreja onde houver o Exercício da Via Sacra, dobre de 1 pancada no sino médio, às 12h, 15h e 18h. no sino médio. Na Catedral dá-se no sino de cada irmandade ali sediada;
- 2) Durante a Via Sacra: dobre de 1 pancada no sino médio a cada Estação. Da 12ª Estação em diante até a 14ª Estação 3 dobres duplos seguidos, indicando a morte de Jesus Cristo. Após a 14ª Estação descair o sino;
- 3) Via Sacra Solene externa: dobre simples do sino dos Passos como na Via Sacra interna. À saída do cortejo da Catedral, dobre simples e à passagem por cada igreja dobre simples do sino médio.

Festa de Passos

- 1) Na quinta-feira que antecede o 4º domingo da quaresma: Dobre duplo do sino dos Passos, bem compassado, às 20 horas;
- 2) Na sexta-feira que precede o 4º Domingo da Quaresma, chamada sexta-feira das Dores: Toque de Matinas no sino dos Passos as 6 horas, seguindo-se dobre duplo compassado. As 12h, 15h, 18h: dobres duplos, compassados nos sinos dos Passos e do Carmo. Após o dobre das 18h, só a Catedral: entrada de missa e ao final da missa descair o sino dos passos. Quando iniciar o Moteto dentro da igreja, iniciar o dobre do sino dos Passos, bem compassado. Ao sair da procissão do depósito de nossa Senhora das Dores, continuar do dobre. No momento em que a imagem, velada, sai da Catedral acelerar o dobre, o mesmo acontecendo quando a imagem chegar a Igreja do Carmo;
- 3) Sábado que antecede o 4º domingo da quaresma, chamado sábado dos Passos: Repetem-se os mesmos dobres, porém, os sinos de São Francisco substituem os do Carmo que ficam em silêncio. Obs.: às 12

horas dobre duplo somente no Carmo. Às 15 horas dobre duplo nos sinos dos Passos e São Francisco;

- 4) Domingo do Encontro: No sino dos Passos, às 6h Toque de Matinas e dobre compassado. Dobre na Catedral Carmo e São Francisco, inclusive para as rasouras que se realizam no Carmo e São Francisco, seguindo-se Missa Solene nesta última;
- 5) Domingo do Encontro: Dobres duplos, compassado, às 12 horas e 15 horas na Catedral, Carmo e São Francisco;
- 6) Domingo do Encontro: Dobres duplos, às 16:30 e, em seguida descaem dos sinos do Carmo e São Francisco que passam, então a dar o toque de Chamada de Irmãos. O sino dos Passos continua a dobrar e os sinos de todas as igrejas começam a dar Chamada de Irmãos. Na catedral quando se começar a dar o toque de Chamada de Irmãos o sino dos Passos continua o dobre e só descai quando os sinos da Boa Morte termina a chamada de Irmãos que logo a seguir é também dada no sino dos Passos;
- 7) Domingo do Encontro: À saída das procissões, dobres na Catedral, Carmo e São Francisco. Quando a procissão do Senhor dos Passos atinge o passo da Rua da Prata os dobres são paralisados. Terminando o moteto e a oração do bispo, que preside a procissão conduzindo o santo lenho sob pálio, reiniciam os dobres, descaindo os sinos de São Francisco quando o préstito atinge a Ponte do Rosário. Inicia-se, então, o dobre do sino do Rosário até atingir o passo do Largo do Rosário. Terminada a cerimônia reiniciam os dobres agora também com o sino do Santíssimo Sacramento que dobram juntos, acelerando o dobre à passagem da imagem do Senhor dos Passos. Ao atingir a Praça Francisco Neves começa a dobrar o sino das Mercês até a chegada ao passo quando paralisam todos os sinos, sem descair. Concluída a cerimônia (Moteto, Sermão do Encontro e Miserere), ao reiniciar o préstito, dobre do sino das Mercês até atingir o passo do Largo da Cruz. Terminada a cerimônia inicial o dobre do sino do Carmo até atingir o passo da Rua Direita onde, terminada a cerimônia continua o dobre. Ao atingir a esquina dos Quatro Cantos, iniciam os dobres na Catedral os dobres dos sinos dos Passos e Santíssimo Sacramento que dobram juntos e quando as imagens aproximam-se das escadarias da Catedral, aceleram-se os dobres até a entrada das imagens, descaindo primeiro o sino do santíssimo e depois o do passos.

Semana Santa

- 1) Domingo de Ramos: Tudo como para missa solene. Na procissão Litúrgica dos Ramos, pela manhã dobram somente os sinos do Rosário a saída da procissão e o sino do Santíssimo Sacramento, ambos em dobres duplos. Às 12h 15m repique com dobre na Catedral;
- 2) Segunda - feira e terça-feira: Dobre para a Via Sacra Solene na Catedral;
- 3) Quarta - feira Santa: às 12h, 15h e 18h repique com dobre em todos os sinos da Catedral. Após o Ofício de Trevas, repique com dobre e depois o dobre das trevas, quando se faz dobre duplo em cada sino, isoladamente, começando pelo sino das almas;
- 4) Quinta - feira Santa Missa do Crisma: Tudo como para missa solene, toque de entrada para bispo;
- 5) Quinta - feira Santa Missa da Ceia do Senhor: Tudo como para missa solene. Após o Gloria todos os sinos não podem mais ser tocados sob nenhum motivo. Todos os sinais litúrgicos passam a ser dados pela matraca até o Gloria da Missa a vigília pascal quando todo os sinos das igrejas da paróquia repicam festivamente;
- 6) Vigília Pascal: Ao Glória repicam-se festivamente todos os sinos e segue como na Missa Solene;
- 7) Domingo da Ressurreição: Tudo como na Missa Solene. Às 12h 15m repique festivo. Angelus em tempo pascal, repique com dobre;
- 8) Domingo da Ressurreição Procissão: A saída e entrada da procissão na Catedral, dobre duplo do sino dos passos e do Santíssimo Sacramento. A passagem da procissão repique com dobre em todas as igrejas;
- 9) Domingo da Ressurreição, Coroação de Nossa Senhora e *Te deum laudamus*: Repique festivo em todos os sinos da Catedral.

Festa da Boa Morte

- 1) Festa de Boa Morte, Trânsito e Assunção de Nossa Senhora: Dia 4 de agosto, 20h na Catedral: repique, Toque de Almas no sino da Boa Morte e repique no final. Do dia 5 até 13 de agosto: 12h, 15h, 18h e ao termino da novena, Princiada, repique, Angelus, repique;
- 2) Dia 13 de agosto: Ao final do ultimo dia da novena, quando a orquestra começa a tocar uma peça instrumental (abertura para o dia 14 de agosto), comumente apelidada pelo povo de "Minueto da Boa Morte", inicia-se o mais belo de todos os repiques de sinos de São João del-Rei, "Senhora é mortal!" Somente na torre esquerda da Catedral em 4 sinos. Este repique é realizado até o Glória da Missa de Assunção de Nossa Senhora (15 de agosto), de hora em hora desde as 5 horas da manhã do dia 14 de agosto até o termino da Procissão do Trânsito de Nossa Senhora da Boa Morte. Às 12h, 15h, 18h e durante a procissão, dobre duplo do sino da boa morte junto com o repique. Ao Glória da Missa Solene, voltam a ser tocados os repiques festivos em todas as igrejas da paróquia.

Parto

- 1) Toque de Parto: 7 pancadas, espaçadas no sino médio da Igreja das Mercês, de meia em meia hora, até a *délivrance*. Este toque é dado em caso de partos difíceis e só é dado a pedido. A especificação de ser no sino médio das mercês é que este sino foi sagrado com o nome de São Raimundo Nonato (Nonato significa não nascido). Na crônica sobre sua vida é relatado que sua mãe estando grávida veio a falecer já no nono mês de gravidez sem ter dado a luz. Estando o corpo já preparado para ser sepultado um membro da família viu que o ventre se movia. Realizaram ali mesmo uma operação cesariana e o menino retirado do ventre da falecida estava vivo. Recebeu o nome de Raimundo Nonato (non nato = não nascido).

Angelus

- 1) Angelus: Este sinal é dado durante todo o ano, excetuando-se a sexta-feira Santa e sábado Santo até o Glória. Consiste em 9 pancadas dadas no sino principal, às 12h, 18h e 20h;
- 2) Angelus da Páscoa: Durante o tempo Pascal, Domingo da Páscoa ate Corpus Christi inclusive, o Toque de Angelus é dado em dois sinos juntos. Na Catedral é no sino do Santíssimo Sacramento e no meiãozinho. O toque de Angelus das 18 horas é conhecido como toque da Ave Maria ou Toque das Trindades.

Almas

- 1) É o último Angelus do dia: 21 horas no tempo de verão e 20 horas no tempo de inverno.

Matinas

- 1) É o primeiro Angelus do dia: 6 horas da manhã.

Véspera

- 1) Só é dado quando se celebra véspera solenemente a partir das 15 horas.

Alvorada festiva

- 1) Às 5 horas, inicia-se com Tencão, Angelus, repique com dobre, repique conclusivo, no dia da festa ou solenidade, somente na igreja onde é celebrada. Junto aos toques de sino há queima de fogos de artifício e a banda de música toca dobrados festivos no adro da igreja.

Repiques de Chamadas e Entradas

- 1) Toque de Chamadas de sineiro e sacristão: 3 Pancadas fortes e, em seguida, acelerando-se o ritmo, e decrescendo a intensidade do som até um pianíssimo vai-se batendo o badalo na campana. Este toque é dado para chamar o sacristão em horas que não esteja em função, assim também o sineiro chama outras pessoas para auxiliarem nos toques de sinos, este toque pode ser dado a qualquer hora;
- 2) Entrada de missa: Como ficou especificado em missa. Pode ser dado em qualquer igreja ou capela,

observando-se os horários;

- 3) Chamada de catecismo: É dado no sino pequeno, ½ hora e 15 minutos antes de começar o catecismo, quando ele é realizado dentro da igreja ou capela;
- 4) Chamada de definitório e eleição de mesa administrativa: É dado somente quando o definitório ou a eleição sejam realizados em horário específicos e não após alguma cerimônia na igreja para a qual os irmãos já estejam reunidos.

Chagas

- 1) Toque das Chagas ou Morte do Senhor: Às 15 horas de todo as sextas-feiras do ano, excetuando-se a Sexta - feira da Paixão, dobre do sino dos Passos, de 1 pancada, somente 4 dobres bem espaçados e descai o sino lentamente. É um dos mais antigos toques de sinos que tem desafiado a ação das modificações que o tempo impõe a tudo. Ao ouvir o dobre, reza-se pelo Papa, pela igreja, pela paz do mundo e pela conversão dos pecadores. Antigamente eram raras as casas em que não se queimavam incenso, ao dobre das Chagas, em memória da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Este dobre de sinos foi instituído pelo Papa Bento XIV e, em São João del-Rei é realizado desde o longínquo ano de 1757, quando o breve pontifício foi posto em execução pelo 1º bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz.

Fonte: BRASILEIRO; DANGELO (2013, p. 86-94).

Tendo em vista a linguagem dos sinos apresentada anteriormente, bem como os distintos toques em cada uma das celebrações, tem-se ainda a nomenclatura dos toques peculiares de São João del-Rei. Brasileiro e Dangelo (2013) salientam que os nomes dados aos toques dos sinos são-joanenses, principalmente os repiques, foram criados pelos sineiros no período colonial. E mesmo com o passar dos anos tenham sofrido alterações, grande parte dos toques foram preservados especialmente, pela tradição oral. Assim sendo, tem-se da tabela 2 a 5 a nomenclatura dos toques bem como suas características, considerando que: “muitos desses nomes são onomatopéicos, exprimem o som ou o ritmo que produzem os sinos ao serem percutidos pelos badalos”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.94):

Tabela 2: Nomenclatura dos toques de São João del-Rei

1	Tencão	Realizado em três sinos
2	Tencão atravessado	Realizado somente na Catedral em todos os sinos
3	Tencão do Rosário	Realizado somente em dois sinos
4	Tencão da Boa Morte	Realizado somente em dois sinos com ritmo bem lento o que estabelece a diferença
5	Tencão das Mercês, do Carmo, de São Gonçalo	Realizado em três sinos
6	Tanquins	Neste repique os sinos pequeno e médio é que dão a temática e mantêm o ritmo alegre.
7	Tens-tens	O ritmo alegre é mantido no sino pequeno

Fonte: Brasileiro e Dangelo (2013, p. 94).

Tabela 3: Nomenclatura dos toques de São João del-Rei

8	Terentena	Talvez esse toque seja o mesmo Tarantana ou Tantarana do Rio de Janeiro, da Bahia e, também, de Itú - SP, que são narrados nas crônicas sobre sinos dessas localidades. É um dos mais bem elaborados dos repiques festivos.
9	Terentena festiva com dobre	É usado nas solenidades mais importantes quando se dobro o sino principal e os demais sinos são repicados festivamente.
10	Clens	Este dolente repique é mais lento que os repiques festivos e é usado após o Angelus das 18 horas durante o Mês de Maria. É usado ainda durante o ato da Bênção solene do Santíssimo Sacramento, quando o sacerdote traça o sinal da cruz com a Hóstia Sagrada sobre os fiéis.
11	Tens-tolim	É um repique com ritmo ligeiro, muito alegre.
12	Batucada	Como o próprio nome indica os ritmos empregados fazem uma verdadeira batucada.
13	Batuquinho	Como o da batucada porém mais ligeiro e de ritmo menos complicado.
14	Canjica queimou ou Pé de galinha	Este é um repique que tem até certa comicidade. É usado como repique dos finais de festa em todas as igrejas de São João de-Rei, exceto na Catedral.
15	Principiada	É como o nome indica, o repique de início, à guisa de introdução aos outros repiques festivos. Os sinos, em sequência, do menor para o maior, o sineiro percute o badalo na campana, bem de leve e rápido, como um trêmulo, iniciando lentamente e vai acelerando e aumentando a intensidade do som e, quando atinge o ápice de som faz diversos floreios rítmicos, concluindo. Em cada sino a duração é de 30 segundos. Quando o sino está a concluir sua principiada, imediatamente é iniciada no sino subsequente.
16	Posse de mesa administrativa das Ordens Terceiras, Confrarias, Irmandades	No dia estabelecido para a posse da mesa administrativa eleita, aos se aproximarem da igreja onde se realizará a cerimônia de posse, os eleitos, individualmente, têm direito, a um ligeiro repique, que é variado para cada um dos que chegam. Repica-se também para os mesários que estão deixando o cargo e para os irmãos mais velhos que também serviram cargos administrativos. Isso ainda acontece em São João de-Rei, nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Gonçalo Garcia, que fazem solenemente a cerimônia de posse da mesa administrativa. No ato da posse, a cada empossado, batem-se as campainhas e há ligeiro repique cerca de 5 a 10 segundos.
17	Repique Especial de Nossa Senhora da Boa Morte	Senhora é morta! É como comumente se denomina o repique, já explicado anteriormente. É usado somente na solenidade do trânsito de Nossa Senhora, iniciando logo após a novena do dia 13 de agosto e é tocado até o Glória da Missa da Assunção de Nossa Senhora em 15 de agosto. Exceção à regra, esse repique só era realizado fora de seu período quando os bispos e arcebispos de mariana vinham a São João de-Rei oficialmente em visita pastoral, no ato de sua despedida ao passarem pela igreja matriz de nossa senhora do pilar. Com a criação da diocese de São João de-Rei, em 1960, o privilégio foi extinto. Outra exceção a esse repique é que se algum sacerdote são-joanense ser elevado ao episcopado, após os repiques festivos que se dão ao se veicular a notícia oficialmente encerra-se a série de repiques com o "Senhora é morta!".

Fonte: Brasileiro e Dangelo (2013, p. 95).

Tabela 4: Dobres são-joanenses

1	Dobres Fúnebres	Dobre simples só para leigos. Dobre duplo para leigos. Dobre duplo para eclesiásticos.
2	Dobre das Chagas	Somente na Catedral no sino dos Passos
3	Dobre de Via Sacra	Pode ser dado em qualquer igreja onde se fará o exercício da Via Sacra, somente no período quaresmal.
4	Dobre das Trevas	Somente na Catedral da Quarta-feira Santa
5	Dobre de Finados	Em todas as igrejas iniciando às 15 horas do dia 1o de novembro e durante o dia 2 de novembro enquanto se celebram as Missas de Réquiem.
6	Missas Aniversárias de Finados	Durante o mês de novembro, em São João de-Rei cada sodalício religioso comemora os seus mortos particularmente, com dias já preestabelecidos. Assim, as irmandades da Catedral celebram: 1ª segunda-feira após o dia 2: Irmandade de São Miguel e das Almas. 1ª quarta-feira após o dia 2: Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte. 1ª quinta-feira após do dia 2: Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. Dia 12 de novembro: Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Dia 15 de novembro: Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo e Confraria de São Gonçalo Garcia. Dia 16 de novembro: Aquiconfraria de Nossa Senhora das Mercês. Os dobres dos sinos são os especificados para defuntos obedecendo o mesmo critério.
7	Dobre de Cinzas Este dobre é dado somente no sino do santíssimo sacramento, da Catedral. Não pode ser dado em nenhuma outra igreja	Na Terça-feira de Carnaval, às 21 horas, dobre duplo somente no sino do Santíssimo Sacramento, bem compassado, cerca de 10 minutos, como aviso de que haverá missa no dia seguinte, Quarta-feira de Cinzas, iniciando o período quaresmal, havendo a Cerimônia da Benção e Imposição das Cinzas aos fiéis. A fórmula da imposição antiga, em latim, era: <i>memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem revertéris</i> (lembra-te, ó homem, que é pó e que em pó te há-de tornar). Hoje, em vernáculo, é usada a seguinte: "Converti-vos e crede no Evangelho". Ao dizer estas palavras o celebrante impõe a cinza sobre a cabeça do fiel, traçando uma pequena cruz. Antes da Missa de Cinzas, há o dobre de sino e as devidas entradas. Ao início da missa dobra-se o sino e somente após a imposição das cinzas é que se descai o sino.
8	Combate	É o dobre de sino dos Passos com o sino do Carmo e os de São Francisco, no 4º Sábado e Domingo da Quaresma, quando em São João de-Rei se comemora o doloroso encontro de Cristo, com a cruz às costas, com sua Mãe Santíssima, na Rua da Amargura. Os sinos das três igrejas (somente o grande) dobram compassadamente, a partir das 12 horas. O dobre continua durante toda a tarde. O sino dos Passos dá um dobre, o de São Francisco responde e logo do do Carmo faz o mesmo. Às vezes acelera-se o ritmo, como "combate" que é seguido pelos outros dois sinos. Às vezes quem começa o combate é o São Francisco, às vezes o do Carmo. Os aficionados da arte sineira são-joanenses, ao final do dia, discutem qual foi o sino que mais dobrou e, portanto, venceu o combate. Historicamente há crônicas que foram estampadas nos jornais são-joanenses relatando sobre esse assunto, desde o século XIX. Há, inclusive, uma série de artigos que comentam o desacato sofrido pelo emérito sacerdote, Padre José Maria Xavier que, ocupando o cargo de Secretário da Irmandade do Senhor do Bom Jesus dos Passos e era o Comissário da Ordem do Carmo, tentou proibir os abusos que os sineiros praticavam na "Festa dos Passos", sendo desacatado em sua autoridade pelos sineiros e outras pessoas que ajudavam nos dobres de sinos desses dias, que não cumpriram suas determinações.

Fonte: Brasileiro e Dangelo (2013, p. 96).

Tabela 5: Repiques fúnebres de São João del-Rei

1	Clens fúnebre	Como os Clens de Bênção do Santíssimo porém muito mais lento e de baixa intensidade de som.
2	Tens-tens fúnebre	Como o festivo, porém bem lento e cadenciado e de baixa intensidade de som.
3	Terentena Fúnebre	O mesmo toque da terentena festiva porém mais lenta e cadenciada e de baixa intensidade de som.

Fonte: Brasileiro e Dangelo (2013, p. 96).

É válido ressaltar, no que se refere à influência de matriz africana na forma de tocar os sinos, os toques denominados de Batucada, Batuquinho, Terentena e Tanquins, por exemplo, são de origem africana, pois remetem aos toques e ritmos de terreiros de candomblé e rodas de capoeiras. A estruturação do ritmo nos terreiros se fazia nos tambores em três sonoridades médio, agudo e grave, assim como no caso do som dos sinos. E, além disso, grande parte dos repiques tem uma marcação sonora semelhante aos toques de Samba de Roda²⁴. (IPHAN, 2009; BRASILEIRO, DANGELO 2013).

Diante desse cenário, em São João del-Rei, as pesquisas do IPHAN endossam que haviam muitos “negros escravos” que eram “alugados” para tocar os sinos. Um exemplo disso é o caso do “escravo sineiro” Francisco o qual foi responsável pelos toques da igreja Matriz do Pilar. E mesmo com a abolição, tanger os sinos era um trabalho realizado pelas pessoas pertencentes às camadas populares, as quais estavam subordinadas aos sodalícios religiosos da época. Entretanto, é importante frisar que apesar das torres serem frequentadas pelos mais pobres, pessoas de diversas camadas sociais também compareciam aos campanários são-joanenses. (IPHAN, 2009).

Pesquisas apontam que além do caráter de refúgio, resistência e resgate cultural que a torre representava para os “escravos”, os campanários dos tempos coloniais eram espaços de liberdade. Tal liberdade diz respeito à livre criação de repiques e formas de tanger os sinos por parte dos sineiros. Em São João del-Rei, por exemplo, o repique denominado Tencão atravessado foi

²⁴ “O Samba de Roda é essencialmente uma roda de dança acompanhada por canto e percussão. [...] É provavelmente o mais antigo estilo de samba, ocorrendo até hoje em contextos tradicionais. Por sua importância histórica, o Samba de Roda foi a primeira prática musical brasileira a ser registrada como patrimônio cultural imaterial pela UNESCO, em 2005”. (GRAEFF, 2013, p. 2-3).

criado por Eli Evangelista da Cruz, um sineiro da cidade, ratificando assim a liberdade de criação dos toques são-joanenses. (IPHAN, 2009, p. 31).

3.2 Características do ofício de sineiro são-joanense

No que concerne ao ofício de sineiro de São João del-Rei é uma atividade predominantemente masculina, porém o sistema de comunicação dos sinos era “passado para as mulheres por explicação didática no dia a dia da vida familiar”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.79). Essencialmente, é uma prática ligada tanto a uma tradição familiar quanto religiosa, sendo repassada de geração em geração. Entretanto, Brasileiro e Dangelo (2013) lembram:

Para se formar nesse ofício, a escola que ainda existe é a da prática, começada bem cedo, aos 7 ou 8 anos, iniciada com apenas observação e a audição e, durante muito tempo, não muito bem aceita pelos pais e educadores que ainda associavam esse ofício à escola de malandragem que desvirtuava a criança e o adolescente de boa família do bom caminho educacional. Com o tempo, esse preconceito foi perdendo força. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.99).

Segundo os mesmos autores, além do ofício de tocar os sinos, os sineiros acabam se envolvendo em outras atividades de conservação da igreja, inclusive realizando a manutenção dos sinos.

No que tange às características do sineiro de são-joanense encontram-se três: 1) o reconhecimento do ofício dos sineiros em São João del-Rei enquanto profissão, deste modo, trabalham de carteira assinada como funcionários das irmandades; 2) a relação com a musicalidade “popular e erudita”, em que muitos fazem parte de bandas, escolas de samba, liras, orquestras locais, folias e congadas, sabendo tocar outros tipos de instrumentos; e 3) A autoclassificação dos próprios sineiros em quatro categorias: a) Antigos sineiros: aqueles que esporadicamente tocam o sino e são chamados para esclarecimento de dúvidas; b) Jovens sineiros: tocam o sino no cotidiano; c) Zeladores sineiros: aqueles que dão suporte aos jovens sineiros para desempenharem a tarefa de tocar os sinos e eventualmente podem tocar os sinos; d) Mestres sineiros: aqueles sineiros que já faleceram,

sendo pertencentes à história local e considerados referência no saberes e fazeres desse ofício. (IPHAN, 2009).

O processo de transmissão do toque dos sinos se dá basicamente pela observação, audição e prática. O aprendizado se dá tanto pela cooperação quanto pelo erro e acerto, sendo corrigido e aprimorado constantemente durante o treino. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013). Além disso, os autores apontam que há certas qualificações para se formar um bom sineiro, tais como: talento rítmico; ouvido apurado para reconhecer os sons, memória sonora; conhecer a liturgia da igreja; destreza e força física; coragem; criatividade e “uma paixão inexplicável pelos sinos, as torres e as coisas do ofício”. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013, p.100).

Concomitante a isso, os autores frisam a necessidade do sineiro conhecer todas as ocasiões nas quais os sinos deverão ser tocados. Uma vez que existem mais de 40 toques definidos tanto em sua forma sonora quanto no nível de complexidade, pois não será permitida a realização de toques para além daqueles estabelecidos. Entretanto, Brasileiro e Dangelo (2013), apontam que essa imposição vem mudando nos últimos tempos. Dessa maneira, os sineiros irão cultivar o universo dos toques dos sinos da cidade:

Os sineiros são os detentores e os responsáveis pela reiteração e transmissão da habilidade e do conhecimento requeridos por essa forma de expressão e do seu repertório, pois essa prática não se aprende na escola. É aprendido que requer observação, envolvimento e dedicação desde a infância, quando os meninos, que não têm acesso às torres, começam a reproduzir os sons dos campanários em panelas, postes, enxadas, picaretas e em tudo o mais que possa servir como objeto de percussão. Em geral, a partir da adolescência, eles passam a frequentar as torres das igrejas para ouvir, ver e acompanhar a execução dos toques. Aos domingos, na cidade de São João del-Rei, há a chamada Via Sacra, quando os aprendizes de sineiros percorrem as principais igrejas da cidade para aprender, e ocasionalmente, tocar o sino. É possível, pelo toque, identificar um sineiro. (IPHAN, 2009, p.9-10, grifo meu).

A estrutura, composição e o saber tocar sinos estão na memória e na habilidade dos sineiros, que conhecem de cor um repertório não escrito de toques, constituídos de pancadas, badaladas e repiques (executados com o sino paralisado) e de dobres (executados com o sino em movimento), adequados às ocasiões festivas ou fúnebres. (IPHAN, 2009, p.9, grifo meu).

Assim sendo, Montanheiro (2001) revela que para além do que lhe foi transmitido e aprendido por meio da observação, há uma apropriação dos toques, por parte dos sineiros, uma vez que acabam por colocar certa subjetividade na maneira de tanger os sinos, variando de sineiro para sineiro mesmo que de maneira sutil:

[...] cada sineiro imprime em seu toque uma marca pessoal, sendo possível aos colegas identificarem, pelo toque, quem está na torre a repicar os sinos. Isso não significa que o toque mude de sineiro para sineiro: essas pequenas mudanças equivaleriam a diferentes sotaques de falantes de uma mesma língua ou, por tão sutis que são às vezes de cada falante de uma mesma localidade. (MONTANHEIRO, 2001, p. 06).

Brasileiro e Dangelo (2013) alegam que em cada torre há um sineiro titular ou oficial, experiente que conta com vários auxiliares de diversas idades e em distintos níveis de aprendizado. Cada sineiro em processo de aprendizagem desempenham tarefas autorizadas pelo sineiro oficial do campanário, pois é ele quem verifica e avalia as habilidades e quais serão os toques que cada um poderá exercer, considerando a idade e o nível de aprendizado do jovem sineiro.

É válido destacar, que a partir da riqueza cultural e social da tradição da linguagem dos sinos, o toque dos sinos e o ofício de sineiro de São João del-Rei são oficialmente considerados patrimônios imateriais. Assim sendo, faz-se necessário no capítulo a seguir, apresentar um panorama acerca da compreensão de patrimônio imaterial e material bem como apresentar o processo de registro patrimonial do município.

CAPÍTULO 4 - UM PANORAMA ACERCA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL E MATERIAL

“Acreditava que o verdadeiro patrimônio de um povo não estava materializado naquelas coisas que podem receber as eternas placas patrimoniais de cobre, mas nestas menos nobres que se esvaem como a voz: coisas perecíveis, relacionais, efêmeras e, por isso mesmo, vivas”. Danilo Santos de Miranda.

A origem da palavra Patrimônio é proveniente do latim *patrimonium* e basicamente está ligada aos bens familiares, as heranças e posses. Conforme aponta Funari & Pelegrini (2009, p.10) “os antigos romanos se referiam esta expressão a tudo pertencente ao pai, *pater* ou *pater* famílias, ou seja, os bens relacionados ao pai de família”. Assim como Rodrigues (2003) acredita que originalmente a palavra patrimônio está associada às heranças de família, sendo diretamente ligada aos bens materiais. Choay (2006, p.11) complementa esta genealogia de maneira detalhada afirmando que a raiz da palavra está ligada às denominadas “estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”.

A autora acredita que a expressão atualmente é constituída por uma acumulação de inúmeros objetos pertencentes a um passado remoto, tais como: “obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir - faire*²⁵ dos seres humanos” (CHOAY, 2006, p. 11). Assim, para Choay (2006) o patrimônio remete a uma ideia mais ampla, pois, é inerente a sociedade e transcende a perspectiva de bens materiais, devido ao fato de contemplar todos os saberes, fazeres e conhecimentos humanos.

Recuando no tempo, a compreensão de patrimônio iniciou-se a partir da Idade Média, período no qual passou a ser associado à ideia de um bem a ser respeitado, considerado até mesmo sagrado, sobretudo, aqueles edifícios ligados a religião. No entanto, foi durante o período renascentista nos séculos XVI e XVII que o patrimônio ganhou maior visibilidade e (re)significações,

²⁵ Tradução livre: saber – fazer.

devido a redescoberta e revalorização humana e cultural a partir de referências que representavam o passado histórico e simbólico. Conforme ressalta Dias (2006, p. 69):

Uma diferença significativa ocorreu durante o período renascentista, quando o patrimônio começou a ser identificado com o passado histórico, que apresenta suas singularidades e diversidades e que se distingue do presente por representar uma época, idealizada por grandes realizações humanas.

Além disso, o advento da Revolução Francesa contribuiu para a concepção de mudanças políticas, proporcionando dessa maneira, o surgimento da ideia de proteção a monumentos e edificações antigas, enquanto bens a serem preservados ao longo dos anos. (DIAS, 2006).

A primeira iniciativa de proteção de patrimônio se deu no ano de 1837, na França, por meio da realização da “Comissão dos Monumentos Históricos”, na qual abrangeu três categorias de monumentos a serem preservados: “remanescentes da Antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos” (CHOAY, p.12). Como é possível notar, esta ação foi nomeada de Monumento em detrimento de Patrimônio, pois, antigamente as duas expressões eram consideradas sinônimas, entretanto, nos anos 60 ocorre à separação dos termos, pois:

Em outros tempos falaríamos de monumentos históricos, mas as duas expressões não são mais sinônimas. A partir da década de 1960, os monumentos históricos já não representam senão parte de uma herança que não para de crescer, com a inclusão de novos tipos de bens e com o alargamento do quadro cronológico e das áreas geográficas no interior das quais esses bens se inscrevem. (CHOAY, p.12).

Nesse sentido, a Revolução Francesa e o Renascimento, permitiram a valorização histórica dos objetos como “produtos culturais de uma época determinada” e, “passaram a ser venerados também por sua beleza estética, particularmente nos séculos XV e XVI, com a difusão da arte clássica”. (DIAS, 2006. p 69). Dessa forma, foi durante a ascensão destes contextos histórico-culturais expostos, que artefatos, esculturas, monumentos de antigas civilizações egípcias, Greco - romana tornaram-se “ícones”.

Além disso, Dias (2006) ressalta que o período renascentista, favoreceu também a apropriação por parte do Estado dos bens e das coleções da Igreja Católica, da nobreza e da monarquia, sendo reunidas em grandes museus: Museus da República, Museus da História Natural e Museus de Artes e Ofícios. Segundo o autor com a ascensão da burguesia no poder:

[...] houve um aumento significativo no número de museus por toda a Europa. As coleções privadas a aristocracia européia passaram a ter uma importante função pública, ligada ao Estado. Os museus tomaram uma importante função pública, de fortalecimento dos recém-criados Estados Nação, para acrescentar um valor simbólico significativo na construção da identidade nacional, que precisava ser fortalecida perante o antigo regime identificado com a igreja e com a nobreza. Assim, o patrimônio, em termos políticos assumiu um novo papel simbólico, o de representar a comunidade identificada com a nação (DIAS, 2006, p. 70).

Diante deste cenário, além de contemplar um valor histórico e artístico, o patrimônio ganhou um valor político pelo Estado, sendo, um instrumento capaz de formar e consolidar as denominadas “identidades nacionais”. Assim, concomitante ao processo de proteção, a noção de patrimônio, estava intimamente ligada à ideia de nação. Tal contexto pode ser verificado no posicionamento de Rodrigues (2003) ao expor:

No século XVIII, quando na França, o poder público começou a tomar as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor para a história das nações, o uso de “patrimônio” estendeu-se para os bens protegidos por lei e pela ação de órgãos especialmente constituídos, nomeando o conjunto de bens culturais de uma nação”. (RODRIGUES, 2003, p.16).

Da mesma maneira, Fonseca (2005, p. 35) enfatiza que a noção de patrimônio é “datada, produzida, assim como a ideia de nação, no fim do século XVIII, durante a Revolução Francesa”. Comungando da mesma opinião, Dias (2006, p.70) acredita que: “Houve, assim, uma generalização da ideia de que o patrimônio contribui como elemento simbólico para a consolidação das comunidades nacionais idealizadas”. Neste contexto, a sociedade passou a adotar o patrimônio como símbolo da identidade nacional, ratificando a estreita relação existente entre a ideia de patrimônio e de nação.

Segundo Dias (2006) esse novo significado relacionado ao patrimônio enquanto interesse sob diversos enfoques - identitário, simbólico, político, cultural, histórico e artístico -, direcionou a um intenso movimento de reconhecimento, recuperação e preservação dos bens do passado. Para o autor: “essa visão refletiu-se na educação propiciada aos jovens da nobreza, que passaram a cultuar e a venerar o passado e que viajavam para as regiões onde se encontrava o patrimônio monumental de civilizações antigas”. (DIAS, 2006, p.69). Entretanto, cabe ressaltar que muitas vezes a concepção adotada para a preservação do patrimônio varia de acordo com o contexto de cada época, pois construir o patrimônio:

É um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e porque preservar. A preservação resulta, por isso, da negociação possível entre diversos setores sociais, envolvendo cidadãos e poder público. O significado atribuído ao patrimônio também se modifica segundo as circunstâncias de momento. (RODRIGUES, 2003, p.16).

É importante mencionar, que apesar do grande salto relacionado às significações e entendimentos do patrimônio, a Revolução Industrial trouxe consigo novas práticas e compreensões. O fenômeno passou a ser caracterizado pelos museus, além de ser visto como um bem isolado pertencente ao passado, dissociado do presente, alheio a interação social e a “continuidade histórica”. Tal perspectiva culmina em uma ruptura entre passado e presente. Conforme esclarece Dias (2006), o patrimônio:

[...] contrastava com os valores da modernidade expressados pela industrialização recente. O valor patrimônio era valorizado pela sua antiguidade, por ser um contraponto à civilização industrial. O isolamento do patrimônio em museus destacava-o e separava-o do presente, tornava-o objeto de visitação e, desse modo, contribuiu para a expansão do turismo. As pessoas queriam vê-lo como representação do passado idealizado, tanto em aspectos positivos como negativos de qualquer forma não integrado ao presente como algo vivo, capaz de interagir com as pessoas. Nessa concepção, o passado não representaria uma continuidade histórica, mas, era sim, considerado uma etapa anterior a ruptura representada pela Revolução Industrial. (DIAS, 2006, p.71).

No tocante ao contexto vivido pela civilização industrial, o patrimônio além de ter sido consagrado como um bem de valor e insubstituível, “tornou os

bens culturais do passado objetos de culto e de admiração pelo seu valor como obras de arte e contribuiu para que os museus fossem concebidos como depósito de coisas antigas”. (DIAS, 2006, p. 72). Sob este cenário, segundo o mesmo autor o museu passou a ser considerado um depósito de objetos do passado e a ser visitados somente por grupos elitistas defensores do patrimônio enquanto objeto pertencente apenas à cultura erudita.

Entretanto, foi durante a Segunda Guerra Mundial, que a perspectiva elitista de visitação, sobretudo aos museus, começou a mudar gradativamente, permitindo dessa forma, que as compreensões e práticas acerca da temática patrimonial pudessem dialogar e estreitar os laços com as esferas da vida humana: cultural, social, econômica e política (DIAS, 2006, p. 72). Pois conforme aponta Choay (2006, p. 12) o número de bens inventariados decuplicou após a Segunda Guerra Mundial, permitindo assim, a inserção de diversas construções:

Todas as formas da arte de construir, eruditas e populares, urbanas e rurais, todas as categorias de edifícios, públicos e privados, suntuários e utilitários foram anexados, sob novas denominações: arquitetura *menor*, termo proveniente da Itália para designar as construções privadas não monumentais [...] O domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades.

O patrimônio passou então a ser definido como um “conjunto de bens materiais e não materiais, que foram legados pelos nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, acrescidos de novos conteúdos e novos significados” (DIAS, 2006, p. 67).

O autor aponta que a transmissão do patrimônio para os descendentes, irá conferir-lhes novos significados e novas interpretações, que para ele são possíveis apenas diante de novas realidades “socioculturais”, e Dias (2006) acredita que este processo se dá de forma contínua e dinamizada. De maneira complementar a visão anterior, Ballart, (1997, p.78), afirma que o termo patrimônio compreende:

Todos aqueles objetos materiais que produzem as sociedades e que permanecem no tempo e que se transformam em elementos venerados e valorizados e que contribuem para se compreender outras formas de vida, costumes, cultura, etc. Ou seja, este conjunto de objetos que uma sociedade herda de seus descendentes para possuí-los efetivamente e fazer uso que mais lhes convenha, esse legado se denomina patrimônio.

Embora o autor em sua conceituação não contemple os bens imateriais apontado por Dias (2006) a afirmação de Ballart (1997) complementa a conceituação de patrimônio ao conferir-lhe um valor enquanto agente imprescindível para a compreensão de outras culturas, bem como suas tradições, crenças e costumes. Assim, o patrimônio:

É o resultado de uma dialética entre o homem e seu meio, entre a comunidade e seu território. Ele não é apenas constituído pelos objetos do passado oficialmente reconhecidos, mas também por tudo que liga o homem ao seu passado, ou seja, tudo que os seres humanos atribuem ao legado material e imaterial de sua nação. O fortalecimento da identidade cultural permeia a construção de uma nação, e o patrimônio cultural se reconhece como a memória e o modo de vida da sociedade, compreendendo tanto elementos materiais como imateriais. Constitui-se como patrimônio cultural, o conjunto dos elementos para os quais se reconhecem valores que identificam e perpetuam a memória e referências do modo de vida e identidade social. (MACHADO, DIAS, 2009, p.2).

O patrimônio no cenário brasileiro

Referente à história do patrimônio no Brasil, Rodrigues (2003) assevera que a partir da chegada de Portugal em solo brasileiro em 1808, dão início as primeiras iniciativas de caráter patrimonial, por meio da criação dos denominados “lugares de memória”, representados pela Biblioteca Nacional e o Museu Nacional. E no ano de 1838, criou-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Arquivo Nacional. Segundo a autora, esses espaços serviram como instrumentos para criar a história brasileira, além de reforçar a nacionalidade.

Subsequente a isso foi somente a partir de 1910, que o patrimônio começou a entrar na pauta das discussões como um elemento a ser

valorizado. Isso é devido à fragilidade nacional identitária e crise política que assolava o Brasil:

A preocupação com o patrimônio histórico e arquitetônico foi muito posterior, iniciando-se na década de 1910, quando o país passava por uma crise política e de identidade. As expedições de Oswaldo Cruz e outros cientistas pelo Brasil haviam desnudado as diferenças e desigualdades entre o “sertão” e o “mar”. Ao mesmo tempo, no caso do sul do país, a expressiva presença de imigrantes frequentando escolas, nas quais se ensinava em suas línguas natais, parecia colocar em perigo a unidade brasileira, de fato ameaçada pelas disputas, então em pleno desenvolvimento, das oligarquias estaduais pelo poder central. Outros fatores contribuíram para trazer a tona preocupações com a preservação da cultura brasileira; entre eles, o crescimento do nacionalismo, a ampliação das cidades e a valorização da arte sacra colonial no mercado internacional. (RODRIGUES, 2003, p.19-20).

Esse cenário favoreceu a preocupação em valorizar o patrimônio brasileiro, e com isso os modernistas da década de 1920, como por exemplo, Mário de Andrade, produziram pesquisas realizaram estudos com a finalidade de valorizar a arquitetura nacional:

Foi no conjunto dos esforços realizados, em especial o dos intelectuais modernistas, de conhecer, compreender e recriar o Brasil, que se desenvolveu a ideia de proteção ao patrimônio. Ela se efetivou no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) que, ao consagrar, pelo Decreto nº 22.928, de 12 de julho de 1933, a cidade Ouro Preto como “monumento nacional”, demonstrou conhecer o potencial simbólico dos bens culturais. (RODRIGUES, 2003, p. 20).

Assim, esse decreto, consistiu no primeiro passo efetivo por parte de um ato político que visava à proteção patrimonial. E posterior a isso, em 1937, o Decreto-lei nº 25: “Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”²⁶ É assinado por Vargas, baseado no anteprojeto de Mário de Andrade, criando o primeiro órgão federal tendo como foco a preservação dos bens patrimoniais, o SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico

²⁶ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto-Lei/Del0025.htm> Acesso 03 Janeiro 2017.

Nacional. Nesse decreto foi regulamentado o ato de tombamento²⁷, um instrumento político para proteger os bens móveis e imóveis. (REZENDE, GRIECO, TEIXEIRA, THOMPSON, 2015; RODRIGUES, 2003).

Dentre as inúmeras ações de preservação realizadas pelo SPHAN, uma delas, diz respeito à proteção de monumentos caracterizados de “valor excepcional”, entre eles encontravam-se as obras do Barroco:

Em 1916 o escritor Alceu Amoroso Lima e o advogado Rodrigo Melo Franco de Andrade viajam a Minas Gerais, anunciam a descoberta do barroco e proclamam a necessidade de sua preservação. No mesmo ano, Amoroso Lima publica na Revista do Brasil o artigo Pelo Passado Nacional.²⁸

Barroco movimento artístico do século XVIII, considerado a essência da brasilidade e, também, a produção material dos colonizadores, como antigos fortes, engenhos e igrejas. [...] constituiu-se desse modo, um conjunto de bens que, além de representar a história da nação, teve o sentido de representar o passado da arquitetura brasileira, manifestação cultural, que, a essa época, começava a se firmar. (RODRIGUES, 2003, p.21).

Como é possível notar, embora Rodrigues (2003) afirme que a manifestação cultural estava começando a ganhar espaço, o processo de valorização e proteção do patrimônio esteve ao longo da história aliado a preservação dos bens materiais, representado, sobretudo por monumentos arquitetônicos, os bens imateriais ainda não apresentavam o mesmo reconhecimento.

No decorrer dos anos, o SPHAN, transforma-se em IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional²⁹. E com isso inúmeras ações de tombamento da arquitetura continuaram ocorrendo no país. Entretanto, somente no ano 2000, deram início aos registros de bens caracterizados por

²⁷ “Principal instrumento jurídico até hoje aplicado para impedir a destruição de bens culturais, não implica a perda de propriedade do bem; a responsabilidade de sua conservação continua sendo do proprietário que é proibido de demoli-lo, de descaracterizá-lo ou, quando se trata de um objeto de arte, de retirá-lo dos limites do território nacional, sem prévia aprovação do órgão competente”. (RODRIGUES, 2003, p. 20).

²⁸ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1211> Acesso 03 Janeiro 2017.

²⁹ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN é o organismo federal responsável pela proteção do patrimônio material e imaterial brasileiro. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso 03 Janeiro 2017.

riqueza imaterial, por meio do Decreto nº 3.551 “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial”. Mediante a isso se entende por patrimônio cultural³⁰ imaterial:

Práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (UNESCO, 2003).

Dessa maneira, atualmente, o patrimônio é considerado em diversas partes do mundo como um bem do passado repleto de valor social, cultural e identitário para a humanidade:

Hoje entendemos que, além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns, que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva. (RODRIGUES, 2003, p.17).

No Brasil, por exemplo, a Constituição Federal Brasileira de 1988 define o significado do termo, no artigo 216, esclarecendo a composição do mesmo como sendo: “*Constituem* patrimônio cultural brasileiro os bens³¹ de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores

³⁰ “Este é um termo que se confunde com a própria instituição: o Patrimônio, como sinônimo de Iphan, e o patrimônio cultural como o campo por excelência de atuação institucional. É um termo que, quando associado ao adjetivo “cultural”, é considerado também como campo teórico, ou seja, objeto de teorização e generalização da natureza, das funções, das propriedades, do processo de disciplinarização, dos métodos do patrimônio cultural. Assim, patrimônio se confunde com a instituição; é o campo de atuação institucional; é um conjunto de bens com significado específico; é um campo teórico. Seu sentido inicial foi associado ao termo monumento. Logo no momento da criação da instituição e da regulamentação do tombamento foi adotada a denominação patrimônio histórico e artístico nacional. Dessa forma, recebe diversas adjetivações, tais como: material, imaterial, imóvel, móvel, tangível, intangível, integrado, mundial. Remete também para as designações de tombamento e de registro: centro histórico, formas de expressão, sítio paisagístico, sítio arqueológico, dentre vários”. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1028> > Acesso 05 Janeiro 2017.

³¹ “Este termo é usado no campo do patrimônio cultural com o sentido principal de designar os objetos que se encontram em processo de proteção legal ou os que já receberam essa proteção. Tendo sido, inicialmente no Decreto lei 25/37, associado a termos como ‘coisa’, ‘obras’, ‘objeto’, o termo no plural, bens, designa o conjunto que integra o patrimônio histórico e artístico nacional. Dessa forma, recebe diversas adjetivações, tais como: material, imaterial, imóvel, móvel, tangível, intangível, integrado. Remete também para as designações de tombamento e de registro: centro histórico, formas de expressão, sítio paisagístico, sítio arqueológico, dentre vários.” Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1028> > Acesso 05 Janeiro 2017.

da sociedade brasileira”. E complementa detalhando cinco aspectos pertencentes a essa categoria:

I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico³².

Assim, conforme defende Rodrigues (2003) o patrimônio adquiriu um caráter de construtor social de suma importância para a política e a relação da mesma em representar o passado. Nesse sentido, para a autora “[...] a palavra patrimônio indica uma escolha oficial, o que envolve exclusões; também significa algo construído para ser uma representação do passado histórico e cultural de uma sociedade”. (RODRIGUES, 2003, p.16). Evidenciando dessa forma a questão burocrática e muitas vezes excludente do processo de patrimonialização dos bens.

Politicamente, ocorreu uma categorização do processo de preservação dos bens patrimoniais, de acordo com o IPHAN a divisão se dá em: Patrimônio Cultural Material e Patrimônio Cultural Imaterial. No que diz respeito ao primeiro, o IPHAN além de caracterizá-lo como bem tangível, subdivide-o em “bens móveis”, aqueles que podem ser transportados, como por exemplo: objetos pessoais, documentos, livros, obras de arte entre outros, e os “bens imóveis”, os estáticos, tais como: ruas, prédios militares e religiosos, sítios arqueológicos e paisagísticos, núcleos urbanos, cidades históricas, dentre outros. (MTUR, 2010).

Segundo o IPHAN, a proteção do patrimônio material consiste em um processo de proteção com legislações específicas, por meio do instrumento legal mencionado anteriormente chamado tombamento. Assim, foram criados

32

Disponível

em:

http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp

Acesso 03 de Janeiro de 2017.

os quatro Livros do Tombo³³ para o processo de inscrição, nos quais os bens são classificados de acordo com a sua natureza, conforme o excerto abaixo:

Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: bens pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, monumentos naturais, sítios e paisagens;

Livro do Tombo Histórico: bens de interesse histórico e as obras de arte históricas;

Livro do Tombo das Belas Artes: obras de arte eruditas nacionais ou estrangeiras;

Livro do Tombo das Artes Aplicadas: obras incluídas na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras. (MTUR, 2010, p. 48-49)³⁴.

Para Meneses (2006, p. 81), o tombamento consiste na “ação justificadora da responsabilidade do poder público em salvaguardar a memória coletiva. Tombar, mais especificamente, de acordo com o autor é a ação de inventariar e tomar guarda, para conservar e proteger, “bens de valor público”.

No tocante ao segundo termo, o Patrimônio Imaterial é composto por todos aqueles conhecimentos transmitidos de geração em geração, tais como: as tradições, crenças, danças, memórias, histórias, técnicas antigas, língua, os costumes, entre outros. (DIAS, 2006). O IPHAN afirma que o patrimônio imaterial representa os saberes e fazeres, e os modos de vida de uma determinada comunidade, sendo caracterizado como um bem intangível e dinamizado, sobretudo, por estar sujeito à mudança contínua, oriunda da ação humana em seu cotidiano. A salvaguarda deste tipo de bem imaterial, é, portanto, realizada através do instrumento legal chamado registro, conforme citado anteriormente denominado “Registro dos Bens Culturais de Natureza

³³ “A palavra tomo, significando registro, começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e originalmente instalado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo. Ali eram guardados os livros de registros especiais ou livros do tomo. No Brasil, como uma deferência, o Decreto-Lei adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acautelamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente”. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>> Acesso 05 de Janeiro de 2017.

³⁴ Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf> Acesso 05 Janeiro 2017.

Imaterial”³⁵, o mesmo é composto pelos seguintes livros com os respectivos exemplos para melhor compreensão:

Livro de Registro dos Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. Exemplos: Ofício das Paneleiras de Goiabeiras – Espírito Santo; Modo de Fazer Viola-de-Cocho – Região Centro-Oeste; Ofício das Baianas de Acarajé – Bahia.

Livro de Registro das Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. Exemplo: Círio de Nossa Senhora de Nazaré – Belém – PA.

Livro de Registro das Formas de Expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas. Exemplos: Arte Kuwisa, técnica de pintura e arte gráfica da população indígena Wajãpi – Amapá; Samba-de-Roda do Recôncavo Baiano – Bahia; Jongô – Região Sudeste; Frevo – Pernambuco; Tambor de Crioula do Maranhão; Samba do Rio de Janeiro.

Livro de Registro dos Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas. Exemplo: Feira do Caruaru – Pernambuco. (MTUR, 2010, p. 51- 52)³⁶.

Mediante o cenário apresentado, é possível verificar que o tombamento e o registro são instrumentos que se configuram como meios de proteção dos bens que fazem parte da história e memória de um povo, sobretudo em relação à ótica sociocultural. Entretanto, conforme é ressaltado por Laraia (2001, p. 150): “é importante lembrar que esta proteção não seja entendida como forma de congelamento desse patrimônio cultural a que se refere, pois as manifestações populares são componentes vivos de nossa cultura e, portanto, suscetíveis de mudanças”. Ao passo disso, Feitoza (2006) vem alertar que de acordo com o decreto, após a realização do registro, o mesmo deve ser revisado a cada dez anos, segundo o autor essa ação tem a finalidade de avaliar as possíveis alterações ocorridas na manifestação no decorrer dos anos.

³⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm> Acesso 06 Janeiro 2017.

³⁶ Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf Acesso em: 05 jan. 2017.

De maneira geral, Dias (2006) acredita que o patrimônio é visto socialmente como um dos elementos mais representativos da identidade de uma comunidade. O autor aponta que o sentimento de pertença e de coletividade, é sustentado a partir de elementos que atuam como fatores de coesão; e esta afirmação é exemplificada pelo autor, por meio dos símbolos existentes em um país, como o hino e a bandeira. Segundo o autor, a sociedade reconhece “nesses elementos, uma parte de sua própria identidade, que se concretiza em um monumento,” assim o patrimônio “tem um componente social e emocional que transcende a sua condição estética”. (DIAS, 2006, p. 87).

Entretanto, Rodrigues (2003) refuta esse posicionamento ao defender que muitas vezes o patrimônio a ser protegido é de interesse político e elitista, em que a população muitas vezes não se identifica e não se reconhece nele, sobretudo enquanto protagonista na construção dos bens de valor sociocultural. Para a autora:

Isso se deve a muitos e complexos fatores, a partir dos quais se estruturaram as políticas públicas voltadas a proteção do patrimônio. Entre estes, a própria concepção do que é cultura e história. Pais de herança escravista, no qual o trabalho não era visto como uma forma de criação de valores culturais, os objetos considerados dignos de proteção estiveram, até recentemente, relacionados à colonização e as classes proprietárias, cujo conceito de sociedade e privilégios excluía, em geral, todos os não proprietários. [...] a história, que no Brasil começou a ser escrita no século XIX, sob auspícios do próprio imperador, reforçaria a exclusão e as diferenças sociais existentes, de fato, na sociedade. Retratando o “passado da nação”, especialmente pelo ensino escolar, ela comporia a imagem que cada um fazia de si próprio e do lugar que lhe era dado na sociedade. Negros e brancos pobres eram vistos nos livros escolares como trabalhadores, mas não construtores da cultura, distinção que cabia poucos, brancos e proprietários, com acesso aos bancos das faculdades e a cultural europeia, tida como modelo. (RODRIGUES, 2003, p.17).

A autora expõe que essa situação prolongou-se até a década de 1980, culminando em uma mudança de pensamento e postura, por meio dos movimentos sociais que reivindicavam o processo de democratização no Brasil, bem como o pleno exercício da cidadania. Com isso, os “[...] segmentos sociais e étnicos começaram a ter reconhecimento dos seus papéis de construtores da sociedade, da história e da cultura brasileira”. (RODRIGUES, 2003, p.17).

A partir desse cenário, vê-se que o reconhecimento do patrimônio na sociedade brasileira, foi um processo lento, construído culturalmente, no qual a população precisa se reconhecer como parte daquele bem, enquanto construtor social, construtor da própria história e da cultura local a que pertence, para que assim possa identificar-se com o patrimônio e reconhecê-lo como seu. As pesquisas e estudos são nesse sentido, uma forma de propiciar esse reconhecimento, pois: “[...] as pesquisas e temas que valorizam a participação e a cultura de pessoas anônimas passaram a ser registradas como História, revelando aspectos do passado, antes encobertos”. (RODRIGUES, 2003, p.18).

É válido ressaltar, contudo, que um dos principais desafios da atualidade em relação ao patrimônio se dá pela linha tênue entre o patrimônio e o consumo a partir da apropriação do patrimônio cultural pelo poder público: “o crescimento da importância dada pelo poder público ao patrimônio fundamentava-se no reconhecimento de seu valor cultural, mas, além disso, de sua potencialidade como mercadoria de consumo cultural”. (RODRIGUES, 2003, p.22).

Mediante a isso o patrimônio muitas vezes é alvo de um processo de mercantilização exacerbado, que acaba por culminar na espetacularização e homogeneização das culturas, tornando-se mero produto a ser consumido como mercadoria. Dencker (2012, p. 150) afirma este processo ao defender: “todo o conjunto da cultura e do patrimônio é contaminado pelo processo de mercantilização”. Para o autor, o patrimônio está suscetível a ser consumido, sobretudo por estratégias de marketing e promoção, que irão massificar aquele bem, preparando-o para ser comercializado.

Nesse quadro, Rodrigues (2003) afirma que o patrimônio no Brasil apresenta hoje em dia dois pontos de vista contraditórios: “[...] o poder público, que pretende a valorização dos bens como mercadores culturais, e o de parte da sociedade, que o vê como um fator de qualidade de vida”. (RODRIGUES, 2003, p. 22).

Dessa forma, é importante compreender o patrimônio sob uma perspectiva cuidadosa, ao passo de fazer com que as formas de uso do patrimônio cultural sejam as mais condizentes possíveis com as especificidades locais; E, sobretudo, com as realidades culturais, sociais, históricas, identitárias com vistas a impedir uma possível descaracterização cultural. (CHOAY, 2006). Pensando nos registros de patrimônios por parte do poder público, o tópico seguinte traz uma abordagem de como se deu o processo de registro do toque dos sinos de São João del-Rei.

4.1. O processo de registro do Toque dos Sinos de São João del-Rei: “A comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio”

De acordo com as pesquisas realizadas pelo IPHAN, a primeira iniciativa para registrar o toque dos sinos de São João del-Rei, partiu da comunidade são-joanense, durante o evento “Inverno Cultural” da Funrei da Universidade Federal de São João del-Rei, no qual apresentou-se um requerimento solicitando o registro do toque. Posterior a isso, no ano de 2001, encaminhou-se um pedido formal ao IPHAN por parte da SEC – Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais.

A partir disso, em 2002, ocorreu um processo inicial do trabalho, embora o pedido fosse exclusivamente para São João del-Rei, no decorrer da pesquisa o IPHAN identificou a presença da prática em outros municípios. Mediante a isso, se verificou a necessidade de ampliar o território a ser pesquisado, abrangendo as cidades mineiras: Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes.

Deste modo, iniciou-se a investigação do bem cultural toque dos sinos, tendo como referência a cidade de São João del-Rei, devido ao fato de apresentar um vasto e diversificado repertório e ser a cidade de maior recorrência e perpetuação da prática.

A inexistência de informações sistematizadas sobre o tema em outras localidades instou a instituição a **decidir pela necessidade de um estudo circunstanciado sobre essa forma de expressão em um território cultural ampliado**. Afinal, assim como toda e qualquer prática cultural, o toque dos sinos extrapola, especialmente por sua

dimensão sonora, quaisquer fronteiras político-administrativas estabelecidas arbitrariamente pelos homens. (IPHAN, 2009, p. 4-5, grifo meu).

[...] foi de São João del-Rei que partiu a demanda para o seu reconhecimento e nessa cidade as condições de produção, circulação e reprodução dessa tradição cultural são peculiares, especiais, sem paralelo nas demais cidades inventariadas ou em tantas outras no próprio estado de Minas Gerais e no restante do país. (IPHAN, 2009, p. 5, grifo meu).

Ao longo da investigação constataram-se alguns aspectos em comum nas cidades pesquisadas como forma de legitimar a ampliação da pesquisa. Nesse sentido o IPHAN destaca cinco similaridades de caráter histórico:

Em comum a essas nove cidades temos (1) seu processo de constituição que remonta à atividade mineradora desenvolvida durante o período colonial naquela região, associada à forte presença, nesse mesmo período histórico, (2) da mão de obra escrava o que se constitui num dos elementos conformadores daquela sociedade e da expressão dos toques dos sinos. Outro elemento comum às cidades inventariadas, mas não exclusivo, é o (3) estabelecimento de associações religiosas formadas por leigos nessas vilas, que se responsabilizaram pelos ofícios litúrgicos oferecidos à população e, dentre esses ofícios, o de tocar os sinos; esses sodalícios foram e permanecem hoje, em algumas dessas cidades, como os responsáveis pela manutenção da prática sineira. O Barroco (4) é igualmente um elemento comum e marcante nas cidades selecionadas, não apenas como estilo artístico, litúrgico e para-litúrgico, mas como visão de mundo. Um último elemento (5) a ser acrescentado a estes é o destaque dado à música nas cidades inventariadas como em tantas outras cidades mineiras. (IPHAN 2009, p.10-11).

O IPHAN relata que a força da prática nas cidades varia de acordo com a presença das associações religiosas nas cidades, uma vez que estas instituições religiosas são responsáveis por grande parte dos eventos os quais o toque dos sinos se faz atuantes.

A pesquisa nos informou que, em São João del-Rei, elas se mantiveram muito fortes ao longo desses quase três séculos de existência. Nas demais cidades inventariadas, a situação é muito variada, e, com certeza, o maior ou menor enraizamento da prática sineira no cotidiano das pessoas é proporcional a maior ou menor presença e força desses sodalícios em cada uma das cidades pesquisadas. (IPHAN, 2009, p.10).

Após a extensa pesquisa realizada permeada por diversas mudanças institucionais ao longo dos anos, elaborou-se um dossiê contendo a investigação acerca do toque dos sinos mineiro, concretizado no ano de 2009

intitulado: “O Toque dos Sinos em Minas Gerais: tendo como principal referência a cidade de São João del-Rei e as cidades de Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas do Campo, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes”. Neste material, contém de maneira detalhada a pesquisa realizada nessas cidades. Além da inscrição do Toque dos Sinos em Minas Gerais no livro de registro: “Formas de Expressão”³⁷, o Ofício de Sineiro foi inscrito no livro de registro: “Saberes”³⁸, ocasionando em um registro duplo do bem imaterial. Esta iniciativa de registrar de duas maneiras distintas foi devido ao fato do IPHAN considerar o sineiro o principal responsável por transmitir e preservar esse saber tradicional.

Segundo o IPHAN, a ação de registrar o toque dos sinos de São João del-Rei, visou, sobretudo, preservar a história e memória do Brasil e nas comunidades a partir de um elemento que vem enfrentando inúmeras dificuldades relacionadas à tecnologia cada vez mais presente no cotidiano da sociedade. E, além disso, o instituto expõe o alto custo para a manutenção e conservação dos sinos fatores que tem contribuído para supressão da prática.

[...] apesar de toda diversidade e modernidade o toque dos sinos ainda está presente e sua relação com a população das cidades inventariadas reforça a possibilidade de reconhecimento desse bem como patrimônio. O toque dos sinos é elemento capaz de revelar a diversidade sociocultural característica e presente nessas comunidades. Seus habitantes se reconhecem e se distinguem dos

³⁷ “São formas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas e padrões de qualidade. Trata-se da apreensão das performances culturais de grupos sociais, como manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas, que são por eles consideradas importantes para a sua cultura, memória e identidade”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>> Acesso 06 de Janeiro de 2017.

³⁸ “Criado para receber os registros de bens imateriais que reúnem conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. Os Saberes são conhecimentos tradicionais associados a atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Geralmente estão associados à produção de objetos e/ou prestação de serviços que podem ter sentidos práticos ou rituais. Trata-se da apreensão dos saberes e dos modos de fazer relacionados à cultura, memória e identidade de grupos sociais”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>> Acesso 06 de Janeiro de 2017.

de outras cidades a partir do repertório desses toques e do som diferenciado de cada um daqueles bronzes³⁹.

É grande o número de sinos rachados, sem badalo ou, simplesmente, sem torre apropriada para instalação. Os novos equipamentos eletrônicos possuem uma praticidade mais adequada aos dias atuais, justificam aqueles que optam por sua substituição: podem ser instalados em qualquer lugar, acionados por qualquer um, programados para tocar em qualquer intervalo de tempo, e com uma diversidade de repertório que pode chegar a 300 músicas diferentes. (IPHAN, 2009, p. 14).

A manutenção dos sinos e de seus toques não são mais condizentes com os tempos atuais; o custo de sua manutenção é elevado pois demanda a disponibilidade de uma ou mais pessoas para tocá-los, sempre que necessário. Além disso, há os casos (e são numericamente significativos) de sinos rachados, sem badalo ou, ainda, sem local apropriado para serem instalados. (CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, IPHAN, 2009, p. 14).

Ao passo disso, a fim de evitar a desvalorização e desuso deste símbolo cultural, realizou-se o processo de registro visando perpetuar e salvaguardar a prática do toque dos sinos da comunidade são-joanense e de Minas Gerais. O IPHAN endossa essa iniciativa, pois acredita que em São João del-Rei a prática ainda está viva no cotidiano da cidade, evidenciando assim, o sentimento de identidade bem como a valorização por parte da comunidade:

Sabemos que é próprio da dinâmica social que algumas práticas se atualizem e permaneçam e que outras desapareçam, justamente porque perdem seu lugar social e seus significados. Em São João del-Rei, contudo, essa prática está viva e presente, longe de desaparecer. Nas outras cidades inventariadas encontramos também, em maior ou menor grau, reverberações e ressonâncias muito significativas das expressões sineiras. (IPHAN, 2009, p. 16).

O pedido de Registro do Toque dos Sinos apresentado por essas cidades mineiras expressa o sentimento de pertencimento a uma determinada paisagem sonora que lhes atribui uma especificidade, ao tempo que os reinsere nos processos de construção da identidade "nacional", como substrato comum de uma identidade brasileira formada a partir, por exemplo, de elementos de nossa religiosidade. (IPHAN, 2009, p. 17).

Logo, o capítulo a seguir tem como enfoque apresentar os resultados da pesquisa considerando as narrativas dos sujeitos e das observações

³⁹ Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2685/linguagem-do-toque-dos-sinos-de-minas-gerais-e-registrada-como-patrimonio-nacional>> Acesso em: 15 Jan. 2017.

empreendidas na pesquisa de campo, com vistas a apresentar as manifestações culturais que emergem do toque dos sinos de São João del-Rei.

CAPÍTULO 5 – AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO TOQUE DOS SINOS: AS NARRATIVAS DO SINEIRO SÃO-JOANENSE

Identificou-se por meio da pesquisa que as manifestações culturais que emergem do toque dos sinos são-joaneneses dizem respeito à herança festiva religiosa do período colonial mineiro o qual influenciou o cenário de São João del-Rei. A fim de exemplificar este contexto, serão apresentadas três manifestações, a primeira diz respeito ao combate dos sinos, uma disputa realizada desde os tempos coloniais entre os sineiros durante a Festa dos Passos; a segunda refere-se à função comunicativa, a qual abrange tanto o anúncio das horas, quanto as notícias gerais e aquelas de caráter religioso e festivo. Evidenciando assim, o papel do sino enquanto marcador do tempo civil, além de anunciador das notícias gerais e de anfitrião ao anunciar e convidar a população para os ritos religiosos e para as festividades; a terceira referente ao ofício de sineiro, o qual é constituído por inúmeras características, entretanto, as mais expressivas dizem respeito à aprendizagem, ludicidade, identidade, devocionalidade e corporalidade.

A partir disso, será apresentado um panorama acerca dessas manifestações bem como as nuances encontradas, alicerçado as narrativas dos sujeitos entrevistados juntamente as observações e incursões de campo realizadas durante a pesquisa.

Sobre o primeiro encontro com o sineiro, as torres, o sino, e os toques...

A primeira vez que me apresentei e falei sobre minha pesquisa foi com o sineiro da Igreja do Carmo. Ele prontamente abriu a portinha do altar da igreja, me convidou para subir no campanário e logo começou a contar sua história de vida, dos sinos, dos toques e até da igreja. Não esperava essa prontidão, abertura e tamanha hospitalidade.

Ao subir as escadarias estreitas da torre, sentia meu coração bater mais forte, era estreito, perigoso e com um cheiro forte, de pedra e de terra, e logo à frente o sineiro ESC dizia: *“Cuidado pra não cair, os rapazinheiros aprendizes de sineiro aqui sobe e desce essas escadas tudo correndo, até de olho fechado já*

tão tudo acostumado, mas quem vem na primeira vez tem que tomar cuidado porque é perigoso". E prosseguiu: *"São 68 degraus num é pouca coisa não... É uma queda boa"*. Quando terminamos de subir fiquei atrás dele olhando para cima esperando-o abrir uma portinha que dava acesso à torre. Ele passou e logo se virou e me deu a mão para me ajudar a subir. A sensação de estar na torre foi incrível:

[...] a torre me fez lembrar um mirante, eu sentia o vento forte batendo no rosto, enquanto admirava a cidade. A paisagem era tão nostálgica, bucólica e reconfortante, me fez refletir do porque os negros escravos sineiros usavam-na como refúgio. Você fica longe de tudo, praticamente não escuta nada. É só você, o sino, os toques, a torre e a paisagem. Sentia uma paz, uma quietude, uma tranquilidade, uma calma inexplicável, foi um momento bastante contemplativo eu diria. (Notas de campo).

O sino era um objeto peculiar, era bem maior e muito mais pesado do que eu imaginava. Os detalhes esculpidos na bacia do sino logo me chamaram a atenção, pois era uma riqueza de detalhes, divididos entre escrituras e desenhos, eram tão delicados. Após alguns momentos em silêncio, o sineiro ESC, começou a falar sobre os significados dos escritos: *"Cada um dos nossos sinos é batizado e tem um nome, ai às vezes escreve o ano que o sino foi fundido, o sineiro que fundiu, quem batizou, a irmandade do sino e o nome do sino"*.

[...] comecei a reparar o sino e os detalhes que ele carrega. O sineiro ESC só me observava calado. Para a minha surpresa o sino era bem maior do que eu imaginava, achei-o um tanto quanto imponente, achei-o emblemático. Enquanto tocava nos escritos ao redor da bacia sentia a textura, a dimensão e o peso do sino, mas a imagem de Jesus Cristo na cruz esculpido em bronze no sino foi o que mais me chamou a atenção, sobretudo pela riqueza de detalhes, fiquei curiosa e admirada com a habilidade do sineiro que fundiu aquela imagem naquele sino. (Notas de campo).

O toque dos sinos foi uma das minhas maiores surpresas, apesar do som ser extremamente alto, sobretudo quando escutado de dentro das torres, o toque carregava uma beleza singular, pois além de ser melodiosa, era nostálgica e melancólica concomitantemente:

Quando escutei de perto pela primeira vez o toque do sino, o som do sino achei muito alto, ensurdecedor eu diria, mas tinha uma beleza peculiar ao fundo, quando o badalo vibrava na campana eu escutava uma música tão melodiosa, nostálgica e um tanto quanto melancólica,

que eu me entreguei, fechei os olhos e deixei a música tomar conta de mim, a música vibrava no meu coração, fiquei arrepiada, fiquei emocionada. (Notas de campo).

5.1 O combate dos sinos: o cenário festivo religioso são-joanense

Impressionante! Essa é a expressão para definir o combate dos sinos, a postura dos sineiros, a festa em si e a festa dos próprios sineiros, aquela ocorrida dentro das torres durante a disputa, uma batalha saudável, tão esperada e tão celebrada por eles. Não parava de chegar sineiros, a torre já estava lotada, e eu me questionando curiosa: Como vai caber esse tanto de gente nessa torre? Durante a disputa eram um misto de tensão, gritos, comemoração e muito suor. A adrenalina parecia estar a mil, no final questionei um deles, o sineiro ESA sobre a sensação de dobrar os sinos e a resposta dele foi justamente: “é muita adrenalina, e muita satisfação também, quando eu to dobrando parece que to em outro lugar”. Fiquei me perguntando se é quase um estado meditativo que acomete os sineiros enquanto tocam. (Notas de campo).

A festa: um tempo de celebração, reflexão, união e encontro

O cenário festivo religioso são-joanense é amplo no qual ocorre um emaranhado de festividades durante todo o ano, porém, será explanado aqui o combate dos sinos de São João del-Rei, devido ao fato de ser a manifestação cultural mais esperada pelos sineiros. Assim sendo, iniciada nos tempos coloniais, a batalha dos sinos ocorre até os dias hoje, na Festa dos Passos, no período da quaresma. É a única festividade em que os sineiros disputam qual igreja consegue dobrar os sinos por mais tempo, considerando a técnica, habilidade e criatividade de cada um. As igrejas participantes são: Igreja São Francisco de Assis, Igreja da Nossa Senhora do Carmo e a Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Nos depoimentos abaixo os sineiros comentam um pouco acerca da origem e do funcionamento dessa disputa:

No combate é assim o depósito do Nosso Senhor dos Passos é na São Francisco e o depósito da Nossa Senhora das Dores é na do Carmo, então por ser uma festa que não tem repique não tem nada, os antigos acharam uma outra forma de fazer festa, porque a quaresma a gente não tem nossos tradicionais repiques porque a festa mesmo são os repiques, a festa de passos ela não tem o repique, então ela é só o dobre, na sexta a disputa é Catedral e Carmo, no sábado, Catedral e São Francisco, no domingo são as três, e o São Francisco é o mandante porque Nosso Senhor dos

Passos o dono da festa está lá, nos outros dias a Catedral é mandante porque o Senhor dos Passos é da catedral na sexta e sábado. Nosso combate a gente espera o ano todo né, é uma alegria uma adrenalina né, as torres ficam tudo cheias, tem muita festa muita comemoração. (ESM).

O combate dos sinos eu fiquei sabendo que foi feito pelos sineiros antigos, porque no período da quaresma não se repica os sinos é só dobro, aí durante o dia quando as imagens estão nas igrejas, eles começam a tocar tudo junto, e foi aí que começou essa rivalidade de quem gira mais, quem dobra mais, quem toca mais tempo. Todas três dobram junto no domingo entendeu? Eles devem ter conversado né pra poder fazer isso, aí até hoje tem essa rivalidade tem o combate dos sinos, é um dia de muita festa pra gente. (ESC).

Como é possível verificar nos relatos, o combate foi criado pelos antigos como forma de inventar uma nova maneira de se fazer festa, para os sineiros é um momento de alegria e celebração por meio um costume histórico remoto, vivenciando anualmente até os dias atuais. Esse contexto, muito se assemelha ao que Ribeiro Júnior (1982, p.50) defende sobre a festa ser uma forma de celebração, que “tem como ponto de partida e de referência um evento histórico, passado ou possível, cujo significado é vivenciado ritualmente por um grupo. Celebrar é fazer a afirmação da vida e da alegria”.

Nesse sentido, ao festejarem por meio do combate dos sinos, os sineiros celebram a afirmação da própria vida e seu lugar no mundo. Tal como Bakhtin (1987, p.7) aprofunda essa questão ao acreditar que o papel da festa, seja ela de qualquer tipo, é uma marca da civilização humana, em que de maneira geral as festividades “[...] tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo exprimiram sempre uma concepção de mundo”.

Verificou-se ainda, a fluidez o dinamismo do combate dos sinos, onde cada um dos sujeitos envolvidos reconhecia e desempenhava seu papel criteriosamente. Além disso, antes de iniciar o combate, notei uma grande movimentação dentro das torres, mesmo estando lotada, cada vez mais chegavam sineiros para participarem da disputa⁴⁰. Era muita alegria,

⁴⁰ É necessário frisar que não foi possível posicionar-se na torre onde ocorria a disputa dos sinos por dois motivos: 1) O sineiro responsável considerou perigoso alguém sem o costume e experiência atravessar o telhado da igreja para chegar à torre; 2) A torre estava com a capacidade de pessoas no limite.

cumprimentos, abraços e conversas: “Nunca havia visto a torre tão viva, tão alegre e tão cheia de festa” (Nota de campo). A figura 21, mostra a chegada dos sineiros à torre, e ao fundo vários deles aguardando a disputa.

Figura 21: Chegada dos sineiros a torre



Fonte: Arquivo pessoal

Conforme já apontado pelos entrevistados, na sexta-feira a Igreja do Carmo e a Catedral participam do combate, já no sábado, com Igreja de São Francisco de Assis como adversária, a batalha inicia-se com a Catedral tocando os sinos, devido à presença do Nosso Senhor dos Passos na igreja, conforme a Figura 22. E no domingo, o último dia do combate, as três igrejas dobram os sinos juntas, disputando quem consegue revirar o sino por mais tempo. Segundo os entrevistados, para dobrar o sino mais rápido e por mais tempo requer agilidade, técnica, habilidade e criatividade. Tal como encontrado na literatura acerca do perfil que o sineiro precisa ter para um bom desempenho do ofício. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

Cabe ressaltar ainda, que no decorrer do combate são utilizados dois tipos de panos (vermelho e branco). A figura 23 mostra um dos aprendizes do ofício de sineiro provocando o adversário com o pano vermelho, utilizado para desafiá-lo a dobrar o sino mais rápido.

Figura 22: Nosso Senhor dos Passos – Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 23: Aprendiz do ofício de sineiro com o pano vermelho do combate dos sinos



Fonte: Arquivo pessoal

Diante disso, um dos entrevistados explica detalhadamente acerca dos panos utilizados durante a disputa, bem como a mensagem e o significado de cada um deles. É por meio desses tecidos que os sineiros conseguem se comunicar e compreender o que está ocorrendo na torre:

Tem os dois panos que a gente usa o vermelho e o branco, o branco é quando acontece alguma coisa assim, ou quando acontece algum acidente na torre, ou tamo cansado, ou alguma coisa no sino. Ai a gente balança o pano na torre ai lá eles já tão sabendo que a gente vai parar. Agora o vermelho é pra poder ter mais agito. Querem que roda mais, provocar o adversário, entendeu? (ESC).

É válido frisar, segundo os depoentes, após o carnaval, no período da quaresma, não há repiques, ou seja, não são tocados essa modalidade, uma vez que os repiques apresentam a característica de serem festivos e com isso é incoerente tocar esse tipo de toque, devido ao fato de ser um momento voltado para a reflexão e recolhimento. Então, é por isso que o combate realiza-se apenas com o dobre do sino. Conforme expresso no depoimento abaixo:

No período da quaresma os repiques ficam sem uso, eles não são utilizados, justamente porque a quaresma é um tempo de reflexão,

oração, jejum, modificação, é um tempo de voltar mais a paixão de nosso senhor Jesus Cristo e nos preparar justamente para sua páscoa, a ressurreição. Então esse momento no lugar dos repiques a gente usa só os dobres, acontecem só os dobres e não tem repiques, porque os repiques são festivos. Então, nesse período da quaresma acontecem só os dobres para convidar os irmãos para a celebração da santa missa, que são as chamadas 18 pancadas espaçadas no sino principal. A gente faz a primeira chamada, depois a segunda chamada faltando uns 15 minutos antes da celebração e logo em seguida bate a entradinha no sino pequenininho indicando o padre que vai fazer a celebração. (ESF).

Esse quadro, apontado pelo sineiro sobre a quaresma ser um tempo de modificação e reflexão, dialoga com a perspectiva levantada por Bakhtin (1987, p.8) acerca da relação da festa com:

Os fins superiores da existência humana, a ressurreição e renovação, só podia alcançar sua plenitude e sua pureza, sem distorções, no carnaval e em outras festas populares e públicas. Nessa circunstância a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância.

Dessa forma, a festa do combate dos sinos adquire dois significados encontrados durante o combate dos sinos, tanto como um momento de celebração e “afirmação da vida” quanto de reflexão e recolhimento.

Para, além disso, a decoração feita pelos sineiros no contexto onde ocorre o combate foi uma característica que chamou a atenção. O penacho feito pelos sineiros, por exemplo, é uma espécie de “pompom”, em tiras com papel crepom, sendo afixado ao sino, com vistas a enfeitá-lo para as festividades, sobretudo aquelas que contemplam o dobre de sino, tal como na guerra dos sinos. Já nas entradas das igrejas são fixadas várias bandeiras contendo os símbolos das irmandades, além das bandeiras, o interior das igrejas é enfeitado com cortinas das cores de cada agremiação religiosa. (FIGURA 24 e 25):

Figura 24: Decoração da entrada da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 25: Decoração do interior da Igreja da Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Arquivo pessoal

Ao verificar a presença emblemática das bandeiras de cada irmandade nas igrejas durante a festividade, abre-se espaço para discutir o papel das instituições religiosas no cenário festivo. Pois de acordo com os entrevistados a tradição do combate dos sinos, assim como as festividades são-joanenses, existem devido à união entre as irmandades de São João del-Rei. Para os sineiros com a ausência dessas instituições religiosas tanto a batalha dos sinos, quanto o ofício de sineiro seriam erradicados:

Muitas coisas que nós temos hoje, graças a Deus, nós temos a nossa semana santa, nossos cortejos fúnebres, nossas festividades, nosso combate, graças a nossas próprias ordens terceiras, irmandades e confrarias, que estão unidas uma com a outra para ajudar a manter isso. Porque se não tivesse essas irmandades e ordens terceiras, eu acredito que muitas dessas coisas tinha acabado, o toque dos sinos tinha acabado também. (ESF).

Nossas irmandades é que seguram tudo isso aqui né, nossas festas, nosso sinos, nossos toques, nosso combate de sino, até nosso ofício, se não fosse nossas irmandades tudo daqui de São João nossas festas não ia ter mais não. (ESC).

Esse panorama resgata o que a literatura defende acerca do papel das irmandades no período colonial de Minas Gerais até os dias atuais, como sendo a principal promotora das festas religiosas das cidades, além de ensinarem a população o ritual religioso a ser seguido, prestavam assistência espiritual, física e cultural. Em que basicamente, o propósito era a manutenção da ordem social assim como regular a vida sociocultural dos membros por meio da religião. (BRASILEIRO, DANGELO, 2013; NEVES, 2009; SCARANO, 1978; BOSCHI, 1986; PEREIRA, 2011; CAMPOS, 2011; GOMES, 2009).

Similar a isso, Bakhtin (1996) acredita que na prática a festa religiosa

denominada “oficial”, ou seja, aquela realizada e permitida pela igreja, “olhava apenas para trás, para o passado de que se servia para consagrar a ordem social presente” (BAKHTIN, 1987, p.8). Dessa forma, o autor enfatiza o papel controlador da festa, feito para consagrar ou sancionar o regime vigente, com vistas a fortalecê-lo.

É válido mencionar, que além da união entre as irmandades conforme apontado pelos sineiros constatou-se o vínculo e a amizade também presente entre os próprios sineiros, pois, apesar da disputa dos sinos, os entrevistados enfatizam o companheirismo entre os sineiros de cada igreja:

O combate vamos dizer que é uma disputa saudável, essa disputa só acontece lá na torre, porque entre nós sempre uma torre com a outra tivemos uma amizade muito forte aqui, os sineiros de São João são bem unidos mesmo, a gente aqui tem muita amizade com o pessoal que toca sino no São Francisco, tem muita amizade, com o pessoal que toca sino no Carmo, a amizade nossa dos sineiros daqui de São João é muito forte mesmo. (ESM).

Os sineiros daqui de São João são muito unidos, a gente conhece todo mundo, sabe até quem ta em cada torre tocando. A gente sempre teve uma amizade muito forte um com o outro né, a gente é muito unido. (ESC).

De maneira geral, para os sineiros, o combate dos sinos é um momento festivo repleto de alegria, celebração e também de reflexão. Assim, pode-se caracterizá-lo como uma manifestação festiva religiosa, em que os sineiros vivenciam experiências de caráter no qual abre espaço para compreender a presença do lazer. Isso pode ser explicado nas palavras de Rosa (2007, p.197) em que a autora compreende a festa tanto como um:

[...] espaço de encontros, contradições, entretenimentos, reivindicações, disputas e mediações, ressaltando a possibilidade que ela abre para a vivência do lazer. Isso ocorre não só porque nela evidenciam-se elementos diretamente associados ao lazer, como o lúdico, o divertimento, a gratuidade e o prazer, mas também devido à pluralidade e diversidade de manifestações, bem como de experiências que propicia, estando muitas delas vinculadas a atividades e valores experienciados no tempo disponível, como a possibilidade de vivenciar ações criativas e críticas, podendo gerar contestação, mudança e transformação.

Nesse sentido, a disputa dos sinos pode ser pensada como um momento de encontro, em que o sineiro pode manifestar ludicamente a

criatividade e vivenciar o lazer por meio dessa experiência. Além disso, os sineiros têm a oportunidade de experienciar cotidianamente uma manifestação histórica, alicerçada aos resquícios de um momento histórico vivido no passado. Esse processo deixou “marcas”, culturais, históricas, sociais e religiosas, existentes até os dias de hoje na realidade são-joanense; em que tais marcas caracterizam-se como uma expressão cultural e ideológica de um modo de ser dos sineiros são-joanenses. (VELLASCO, 2007; SOUZA; 2011; DANGELO, 2007, ÁVILA, 1971).

5.2 Os sinos são-joanenses: “um meio de transmissão”

Os sinos de São João del-Rei, em sua função comunicativa, abrange três características: informa as horas, informam notícias gerais não religiosas e anunciam e convidam a comunidade para acontecimentos de caráter religioso e festivo, evidenciando também o seu papel de anfitrião. No que tange ao anúncio das horas, é válido salientar, que não é feito pelo sineiro e sim por meio de um martelo removível fixado ao sino. Conforme expresso na figura 26:

Figura 26: Martelo marcador das horas



Fonte: Arquivo pessoal

Entretanto, segundo o entrevistado ESA para esse martelo informar o horário automaticamente, é preciso que o sineiro dê corda em um relógio de

engrenagem manual. Além disso, de acordo com os relatos dos sineiros, apenas a Catedral do Pilar, por ser a igreja Matriz de São João del-Rei, foi selecionada para ser a igreja responsável por anunciar as horas na cidade. A partir disso, o sino assume a função de relógio e despertador, ainda muito utilizado pela população e pelos próprios sineiros, como pode ser verificado nos discursos abaixo:

Só no pilar que anuncia as horas, porque tem um martelo automático né, aí anuncia, mas só lá mesmo, porque é nossa igreja matriz né, nas outras igrejas não anuncia as horas não. (ESC).

Muita gente da cidade usa o sino como despertador, tem gente que usa o sino pra acordar pra ir trabalhar até hoje. (ESA).

Eu moro aqui pertinho do centro histórico então eu acordo com o sino da catedral, ele toca eu já sei que tá na hora de levantar. (ESM).

Além disso, segundo os entrevistados os sinos continuam transmitindo informações em que parte da população, sobretudo os moradores do centro histórico ainda conseguem identificar e assimilar os significados dos toques. Já no papel de anfitrião, o sino além de anunciar as notícias de caráter religioso, convida a população, para as missas e festividades religiosas:

Quando a gente toca para alguém que faleceu, a gente dá um toque fúnebre aqui o pessoal começa a ligar aqui pra igreja entendeu? E pergunta quem que é que faleceu ou quando eu saio na rua, às pessoas me perguntam, principalmente os mais velhos porque eles conhecem mais os toques, aí perguntam o que aconteceu, pergunta quem morreu, vem aqui na igreja me procurar pra saber o que aconteceu. Alguns jovens também sabem o que os sinos tão falando sabe. É porque a vizinhança aqui do centro histórico vai escutando os sinos, aí escuta também todo domingo, escuta de falecimento, ou de festas, aí a pessoa vai escutando e sabendo o que é o que significa. (ESC).

Os sinos antigamente era um meio de transmissão, ele dava notícia de tudo dentro da cidade, hoje em dia a gente não dá notícia de tudo mais por causa da mudança dos tempos com a tecnologia muita coisa mudou, mas a gente, os nossos sinos continua como um meio de transmissão, anunciando as horas, outras notícias que acontece na cidade, a gente continua anunciando nossas festividades e convidando os fiéis, as pessoas pra missa e pras nossas festas religiosas, então o sino chama e o povo vem. (ESF).

Assim sendo, como é possível inferir nos relatos acima, o sino ainda mantém a função similar desde os primórdios dos tempos coloniais enquanto

marcador temporal da vida civil, regulador do tempo cristão e anunciando acontecimentos e festividades além de convidar a população para os ritos religiosos. (LE GOFF, 1964; VENDRAMINI, 1981; BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

No que concerne às notícias gerais de caráter não religioso, por exemplo, um dos momentos considerados mais marcantes e característicos citado pelos sineiros é referente ao registro como patrimônio imaterial do toque dos sinos e do ofício de sineiro de São João del-Rei. O entrevistado ESF relembra com nostalgia e orgulho, acerca do momento no qual foi anunciado em rede nacional a concretização do registro. O depoente relata a felicidade sentida e como forma de homenagear essa conquista, os sineiros subiram nas torres e em uníssono todos os sinos dos campanários são-joanenses foram tocados como forma de espalhar a notícia pela cidade:

Quando os sinos foram registrados como patrimônio imaterial na época saiu em rede nacional, então quando foi anunciado, foi uma alegria muito grande pra nós, aí todos os sinos aqui de São João foram tocados nesse momento, todos nós sineiros subimos nas torres e tocamos nossos sinos, foi mais um elemento mais uma coisa boa uma conquista que conseguimos para os sinos e pra nós sineiros. É um orgulho para nós, nós conseguimos esse tombamento imaterial com o que nossos antepassados deixaram pra nós e por isso eu acho importante manter essa linguagem antiga dos nossos toques dos sinos. (ESF).

Outro anúncio não religioso feito pelos sinos é referente ao momento de passagem da tocha olímpica na cidade. Entretanto, é importante ressaltar que para anunciar as notícias gerais, é necessário passar pelo crivo dos superiores ligados a igreja, conforme aponta o entrevistado:

Os sinos anuncia outras coisas mais é com autorização do bispo ou do pároco. Então, quando a tocha olímpica teve aqui em São João que ela passou aqui é... Todos os sinos das igreja aqui do centro histórico foram repicados entendeu? Não dobrou, mas repicou, anunciando que tinha a tocha passando na cidade. (ESC).

Nesta conjuntura, ao retomar a genealogia da palavra sino proveniente de “sinal sonoro” (SOUZA, 2012), é possível verificar que o sino se configura como uma potência que media as relações humanas. Pois, a partir da emissão de um sinal sonoro que ao disparar, propaga tanto sob o viés convidativo

quanto informativo, um sistema comunicacional gerador de manifestações culturais, entrelaçando os sineiros, a população são-joanense, a igreja, os ritos e as festas.

5.3 Ofício de sineiro: “Uma paixão inexplicável pelos sinos, as torres e as coisas do ofício”

Cada sineiro que eu conhecia e conversava fui percebendo uma característica ímpar, um ponto em comum, uma convergência: a paixão pelo ofício! A honra em ser sineiro! Para mim essa é a maior identidade, talvez a única, o amor pelo o que fazem chega a saltar pelos olhos, era uma paixão pelos sinos, pelos toques, pelas torres, pela igreja. Os olhos brilhavam de uma maneira peculiar ao falarem do ofício, era visível o orgulho de ser sineiro são-joanense. Isso realmente me tocou, foi a primeira vez em minha vida que presenciei pessoas falarem com tanto amor, tanto entusiasmo, tanta devoção e paixão sobre seu trabalho, sobre seu ofício. Aliás, para os sineiros não chega a ser uma profissão e sim uma ideologia de vida. A exaltação e a valorização dada ao sino, ao ofício de sineiro realmente me impressionou. Não apenas os sinos são-joanenses me tocaram, mas também os sineiros são-joanenses. (Notas de campo).

Aprendizagem do ofício de sineiro: Uma prática iniciada na infância

O ofício de sineiro de São João del-Rei é uma prática iniciada desde cedo, segundo os entrevistados, começa entre os 5 a 12 anos de idade. Os depoentes relatam que o interesse pelos sinos iniciou-se na infância, muitos deles por influencia dos pais, tios ou primos sineiros, ou pela própria trajetória religiosa da família. Há ainda, aqueles que alegam já estarem inseridos no universo da igreja como coroinhas, e com isso acabaram se envolvendo com os sinos e seus toques, como é possível observar nos relatos abaixo:

Eu toco o sino desde os 5 anos de idade, eu era coroinha ai fui me envolvendo com a igreja e os ritos e ai fui aprendendo a tocar os sinos. (ESP).

Trabalho como sineiro tem 6 anos, mas toco desde meus 9 anos. Eu era coroinha da igreja, ajudava as santas missas néh e ai eu comecei a ter um gosto de aprender o toque dos sinos. Porque eu achava bonito néh e interessante também, pra igreja e pra cidade. (ESC).

Trabalho como sineiro desde os meus 15, mas que eu toco o sino que eu subo na torre mesmo é desde os meus 4 anos de idade.

Minha família é toda sineira né, meu pai foi sineiro da catedral, saiu tem pouco tempo, meu tio, meu padrinho. Ta no sangue né. (ESM).

Agora “to” completando meus 25 anos, minha boda de prata como sineiro. É muito gratificante é muito bom. Inclusive eu falo com a meninada tem que gostar do que se faz. Não adianta você “ta” ali por acaso ou por pura diversão. Tudo começou com a curiosidade, porque sou de família muito religiosa, participava com meus pais sempre acompanhando as procissões e celebrações, então, eu via ali o sino tocar e ficava curioso, curiosidade em saber por que o sino “ta” tocando, o que está acontecendo. Sempre tive interesse. Até que um dia quando eu tinha uns 14 anos, conheci o sineiro da época e pedi com jeitinho, a gente tem aquele jeitinho meio acanhado da gente né, ai cheguei e pedi para conhecer as torres conhecer os sinos, ficava acuado no cantinho vendo ele tocar o sino. Ai ele falou tem vontade de aprender a tocar sino? Tenho vontade sim. E ai comecei a tomar partido do sino, ter conhecimento sobre repiques e dobres. (ESF).

Já em relação ao processo de aprendizagem do ofício de sineiro são-joanense basicamente, está fundamentado na observação e prática. A persistência e vontade de aprender também é uma das características apresentadas pelos sineiros. Esse cenário reforça o que Brasileiro e Dangelo (2013) salientam que o aprendizado é dado pelo erro e acerto e treino constante a fim de aprimorar a prática. Observando atentamente, os depoimentos abaixo verifica-se a força de vontade e o empenho na busca para ser sineiro:

O sino é como um instrumento é um compasso, um compasso no compasso, a gente aprende ouvindo, observando, praticando, então desde pequeno eu observava e tive vontade de aprender, mas tem que gostar ter força de vontade, mas pra mim foi bem natural aprender, acho que foi porque eu nasci pra ser sineiro né. (ESM).

Eu estudava na época, então eu vinha no horário de meio dia, 15hrs não dava pra vir, porque eu tava no colégio. Mas saía diretamente do colégio cinco e pouco e já vinha diretamente pra cá para o sino das 18:00 e das 20:00, isso durante a semana, finais de semana, já vinha em todos os horários, para focar para aprender o que eu tinha que aprender. Eu tive o intuito de aprender, a força de vontade de aprender a repicar os sinos, mas tem que tê persistência né. Então com 15 anos fiz um objetivo de vida meu aprender a tocar o sino. (ESF).

Eu tava com uns 9 anos quando eu comecei a subir na torre e aprender com o sineiro da época, eu, na época eu ia todo dia na torre pra aprender, ai escutava, observava e praticava muito também néh. (ESC).

Os entrevistados relatam que atualmente, ainda há muitos jovens interessados em aprender a tocar os sinos, muitas crianças e adolescentes procuram os sineiros responsáveis de cada campanário e com isso começam a inserir-se no universo dos toques de maneira livre e voluntária:

Tem muitos jovens querendo aprender os toques, nos domingos vem uns 4 ou 5 rapazinhos, até mais e ta tudo aprendendo sabe, fora nas outras igrejas que vai uma turma também. Porque a turma gosta de ir pra uma igreja tudo por causa do jeito do sino, cada um vai pra aquela que eles acham o sino bão, bonito, que tem um som bonito, as igrejas que o sino toca direto. Então tem uma galera boa nas nossas igrejas. (ESC).

Aqui quem procura mais são as crianças, os jovens de são João del-Rei, tão preferindo a igreja do Carmo, igreja da Catedral, que são igrejas que tem toques que são mais contínuos né, que tocam mais dias. Aqui a gente repica quando tem enterro ou então todo domingo não é um sino que toca com frequência igual na catedral que são todos os dias. Então, eu to mais com a turma dos mascotinhos, meus pequenininhos de 5 a 12 anos. (ESM).

Muitos jovens procuram a gente pede para subir nas torres, começam a vir e observar, então tem muito jovem interessado em aprender o jogo dos sinos, porque os jovens se empolgam dentro das torres eles gostam muito da parte da adrenalina de revirar o sino. (ESF).

Assim, as torres da cidade acabam recebendo jovens interessados em participar cooperativamente, além de obedecerem ao ritmo e as regras que o ofício apresenta, também participam e partilham das experiências durante a aprendizagem do ofício, tornando as relações estabelecidas entre mestre e aprendiz do ofício de sineiro mais fluídas e engajadas. Nesta circunstância, Lave e Wenger (1991, p.93) tecem o argumento de que a aprendizagem é “uma prática improvisada: um currículo de aprendizagens explicitado nas oportunidades para se engajar na prática. Este não é especificado como um conjunto de preceitos sobre uma prática adequada”. Assim, a ideia dos autores versa na perspectiva de compreender que não estão nos mestres os conhecimentos, os saberes e fazeres, e sim na manifestação cultural em si, na qual os sujeitos (mestre e aprendiz) estão envolvidos.

Nesta conjuntura, ainda referente ao processo de transmissão dessa prática, segundo os depoentes, está nos repiques, eles alegam que para ser um "sineiro de verdade", a base de toda a aprendizagem do toque dos sinos, estão e são os repiques, devido ao fato de serem os toques realizados com

mais frequência no cotidiano festivo religioso da cidade:

A base do sino dentro da nossa cidade são os repiques, pra você ser um bom sineiro, um sineiro de verdade assumir o campanário de qualquer igreja, tem que saber repicar, o principal dos toques são os repiques, não é dobrar os sinos. O dobre do sino é o complemento do sino. Os repiques são feitos no dia a dia, nas celebrações, cerimônias que acontecem nas nossas igrejas. (ESF).

Eu procuro sempre mostrar para os que tão aprendendo a importância dos repiques, porque a adrenalina dos jovens maiores é dobrar o sino, colocar o sino a pino de ponta cabeça e não é isso, é bonito faz parte do jogo dos sinos, mas não é isso a base toda dos sinos para ser um bom sineiro, é ter uma base de todos os repiques de sinos. (ESC).

Ludicidade no ofício de sineiro: “O sino enche minha vida de sentido”

Para além deste processo de aprendizagem, devido ao fato deste ofício caracterizar-se enquanto uma expressão cultural e humana, por considerar a experiência e interação dos sujeitos em relação ao toque dos sinos, verifica-se a necessidade de discutir o aspecto lúdico do ofício de sineiro são-joanense.

Nesse sentido, de acordo com Gomes (2004, p. 1) no senso comum o “lúdico” está inserido apenas na fase da infância, fortalecendo assim a “crença de que pessoas de outras faixas etárias, preocupadas com as coisas “sérias” da vida, não podem se entregar às chamadas “atividades lúdicas”, nas quais predomina um suposto caráter inútil-improdutivo”.

A autora aponta ainda, que “em nossa sociedade capitalista o lúdico é equivocadamente relegado à infância e tomado como sinônimo de determinadas manifestações da nossa cultura (como festividades, jogos, brinquedos, danças e músicas, entre inúmeras outras)”. (GOMES, 2004, p.3) Quando na verdade existe uma gama de práticas culturais construídas social e culturalmente pelos sujeitos no contexto no qual estão inseridos. Diante dessa circunstância, Gomes (2011) acredita na necessidade de aprofundar as discussões acerca dessa temática compreendendo a “ludicidade enquanto linguagem humana, pois as práticas culturais não são lúdicas por si mesmas: elas são construídas na interação do sujeito com a experiência vivida”.

(GOMES, 2011, p. 34).

Mediante a isso, Gomes (2004) fundamenta-se em Debortoli (2002) ao corroborar que a ludicidade caracteriza-se com linguagem humana, na qual possibilita ao sujeito criar e expressar-se no sentido de (re) significar a própria existência. Para Debortoli (2002) a linguagem está além da fala “é expressão, é capacidade de tornar-se narrador”:

Se tomarmos a linguagem para além de seu entendimento restrito, como sinônimo de comunicação, se a entendermos como capacidade de significação e expressão, podemos também compreender nossa presença humana no mundo como narradores de nossa própria história, de nossa própria experiência, experiência que é partilhada e experimentada por outros seres humano. Nesse ponto, torna-se possível e necessário resgatar o que se tem denominado por múltiplas linguagens. (DEBORTOLI, 2002, p.75).

Assim sendo, enquanto linguagem humana, Gomes (2004, p.3) acredita que o lúdico se manifesta de “diversas formas (oral, escrita, gestual, visual, artística, entre outras) e ocorrer em todos os momentos da vida – no trabalho, no lazer, na escola, na família, na política, na ciência, etc”. Sendo estas algumas das características que compõem a dimensão lúdica.

Dessa forma, Gomes (2011, p.149) endossa que a ludicidade diz respeito à “capacidade do *homo ludens* – em sua essência cultural que brinca e joga – de elaborar, aprender e expressar significados”. Para a autora, a ludicidade “é construída culturalmente e cerceada por vários fatores, tais como normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência. Reflete, assim, as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em cada sociedade”. (GOMES, 2011, p. 149). Tal posicionamento dialoga com o ofício de sineiro na medida em que essa prática se configura como tradição histórica permeada de valores, contradições, crenças, comportamentos e costumes. Assim sendo, os depoimentos seguintes evidenciam algumas crenças e valores presente no imaginário dos sineiros acerca do ofício:

Os sinos, as torres, os toques e os ritos da igreja, nos ensina muito

sobre a vida, ter respeito, ter educação, o sino educa minha filha, ensina a gente a ter respeito com os outros companheiros, ensina a gente a respeitar as regras e aprender que tudo tem um limite. (ESF).

O toque dos sinos é uma tradição da nossa cidade, é uma coisa muito nossa muito são-joanense. (ESC).

Os sinos é um legado dos nossos antepassados, é nossa história, é minha história de vida é a cultura da nossa cidade, os sinos pra mim é uma tradição de São João. (ESM).

Ademais, a partir do depoimento seguinte, o ofício de sineiro pode ser considerado uma manifestação que abre espaço para a expressão da ludicidade trazendo um sentido para a vida dos sujeitos por meio da experiência social e cultural que o ofício lhes provocam:

Ah minha filha quando eu to na torre repicando tocando para nossas festividades aquilo enche minha vida, enche minha alma de satisfação, não parece um trabalho o que eu faço parece meus momentos de lazer de relaxar. A gente toca quando é pra festejar, pra comemorar, pra rezar, a gente toca quando alguém falece, então é toque de tristeza, de dor, toca pra avisar outras coisas boas que acontece na nossa cidade. Então eu sinto a importância que o meu ofício como sineiro tem e o que ele faz também, porque ele faz as pessoas sentirem emoção e até eu também quando eu to tocando, eu sinto uma emoção muito grande, uma satisfação de fazer parte das nossas festas dos sinos fazerem parte da minha vida. Eu quando toco que o toque é triste eu também fico triste, quando o toque é alegre eu também fico alegre. (ESF).

Diante desse relato, vê-se a presença da ludicidade no ofício de sineiro trazendo sentido para a vida do entrevistado, bem como para a experiência sentida e a interação vivida em relação ao ofício. Como é possível verificar o depoente chega a afirmar que o ofício é um momento de lazer. Nessa conjuntura, o lúdico para Gomes (2011, p. 149) é a “essência do lazer”, pois é “aquilo que confere sentido as experiências culturais desfrutadas pelos sujeitos em distintos contextos”. Mediante a isso, é válido salientar, que o lazer, mencionado anteriormente, é aqui compreendido como uma dimensão da cultura, o qual é caracterizado:

Pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço social. Constituído conforme as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual é desenvolvido, o lazer implica “produção” de cultura – no sentido da reprodução, construção e transformação de práticas culturais vivenciadas ludicamente por pessoas, grupos,

sociedades e instituições. (GOMES, 2011, p. 149).

É passível esclarecer que as práticas culturais mencionadas acima, são exemplificadas pela autora como sendo: “a festa, o jogo, a brincadeira, o passeio, a viagem, as diversas práticas corporais, a dança, o espetáculo, o teatro, a música, o cinema, a pintura, o desenho, a escultura, o artesanato, a literatura e a poesia, a virtualidade e as diversões eletrônicas, entre incontáveis possibilidades”. (GOMES, 2011, p. 35).

Gomes (2011) defende ainda o papel da ludicidade de estimular os sentidos dos indivíduos, uma vez que “exercita o simbólico e exaltam as emoções, mesclando alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite”. Essa característica da ludicidade acaba perpassando os sentidos e sentimentos experienciados pelos sineiros, pois ao tocarem os sinos, ocorre a vivência emoção, tensão, concentração, além de alegria e satisfação em tocar. Conforme ressaltado pelos depoentes:

Eu fico muito concentrado quando to tocando, tem que ter cuidado para não errar nada, sinto uma satisfação, um orgulho, uma alegria quando toco os sinos. (ESA).

Eu sinto uma satisfação muito grande quando to tocando o sino é mais um orgulho nosso, eu tenho muito orgulho de ser sineiro. (ESM).

Eu sinto uma satisfação, uma emoção por estar tocando pra Deus, pra mim mesmo e pra outras pessoas da nossa cidade. (ESP).

Quando eu to tocando eu me sinto muito bem, uma sensação boa né de bem estar, é gratificante pra mim sabe, é uma satisfação uma alegria grande mesmo sabe? (ESC).

Como pode ser observado nos relatos acima, vê-se a própria fruição da ludicidade, é visível o estado de bem-estar que acomete os sineiros enquanto tocam os sinos, nesse sentido, Freinet (FREINET, 1998, p.304) alega que na perspectiva lúdica esse sentimento nada mais é do que: “a exacerbação de nossa necessidade de viver, de subir e de perdurar ao longo do tempo. Atinge a zona superior do nosso ser e só pode ser comparada à impressão que temos por uns instantes de participar de uma ordem superior cuja potência sobre-

humana nos ilumina”. Para o autor esse “estado de bem estar” não se restringe apenas na individualidade dos sujeitos, é uma forma de exaltação íntima da potência dos sujeitos na vida e no contexto no qual estão inseridos. Freinet (1998 - 1896) acredita que este estado contribui para que os sujeitos descubram e exaltem as potências internas mais íntimas. Logo, esse processo segundo o autor, permite aos indivíduos vivenciarem abundantemente a dimensão lúdica.

Identidade no ofício de sineiro: “É uma honra muito grande ser sineiro são-joanense”

Um aspecto que chamou a atenção, diz respeito à perspectiva identitária do ofício de sineiro. A partir disso foi possível identificar cinco aspectos em que a identidade dos sineiros é descrita: 1) O toque denominado repique; 2) Imutabilidade do toque dos sinos; 3) A influencia de matriz cultural africana; 4) A influencia da música e 5) A presença unicamente masculina no ofício;

O repique e a “imutabilidade” do toque dos sinos:

Em primeiro lugar, de acordo com os entrevistados a principal característica que marca a identidade do ofício de sineiro, diz respeito ao toque denominado repique, para os sineiros a base dos sinos são-joanenses e do ofício propriamente dito são os repiques:

O importante dentro de uma torre é o repique, e não o dobrar os sinos, revirar o sino, catar o sino, é repicar, é onde nossa identidade está, tá no repique dos sinos. (ESF).

A base dos nossos sinos do nosso ofício são os repiques, é a identidade de qualquer sineiro daqui de São João. (ESM).

A gente aprende desde pequeno que a base do toque dos sinos é repicar, é onde tá tudo do nosso ofício, no repique, no repicar o sino, é a identidade dos nossos sinos, é repicar nas torres. (ESC).

Como pode ser verificada nos relatos acima, para os depoentes, a identidade do ofício está nos repiques do sino. Isso pode ser explicado devido à frequência em que essa modalidade é tocada, pois os repiques estão

presentes em grande parte do código sonoro da Linguagem do Toque dos Sinos de São João del-Rei, conforme já apresentado por Brasileiro e Dangelo (2013), sendo tocados cotidianamente na cidade. Diante disso, os entrevistados asseguram que para se tornar um sineiro é preciso aprender a base dos toques, ou seja, os repiques.

Entretanto, é possível discutir a constituição da identidade do ofício de sineiro de maneira mais aprofundada a partir da compreensão da identidade enquanto uma interação entre os sujeitos e a sociedade, em que Hall (2006) chama a atenção para o contínuo diálogo existente entre os indivíduos e o mundo cultural exterior, bem como as diversas identidades oferecidas por esse meio. Para o autor a identidade é construída ao longo do tempo inconscientemente e está em constante processo de formação.

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas. (HALL, 2006, p. 12).

Essa visão permite compreender que a identidade além de ser uma construção do sujeito, ela é dinâmica. Nesse cenário, observa-se nos relatos abaixo, por exemplo, a resistência dos sineiros em relação ao processo de transformação que o ofício de sineiro está começando a apresentar, por parte dos jovens. Se por um lado os sineiros desejam a imutabilidade dos toques, ou seja, manter a prática tal como ela é, afirmando ser esta a identidade dos sinos, por outro, os jovens estão inovando, reinventando e tentando criar novos toques. Porém, essa postura não é bem aceita e com isso não é permitida as crianças e aos jovens a criação de toques, bem como a incrementação naqueles já existentes, pois para os sineiros caso isso ocorra à linguagem e a identidade dos sinos se perderá:

Tem muito rapazinho aí que eles tão meio que inventando alguns repiques entendeu? E tipo assim já tá aí não tem nada que inventar

tem que manter a tradição. Se deixar eles dobram os sinos ai pra qualquer imagem, pra qualquer um, ai a gente fica encima disso sabe, porque não pode deixar, porque o dobro do sino é um complemento da festa, então se você ficar girando o sino pra qualquer festa, na festa do padroeiro perde o gosto. Porque ai o povo acha assim, uai é uma festa tão grande assim pro sino ta dobrando? Será que é padroeiro de novo? Pode confundir as pessoas entendeu? E os antigos fica de ouvido ligado, ai se acontece alguma coisa fora eles vem aqui e falam, eles falam: uai num era assim uai, porque ta acontecendo isso? Quem mandou fazer isso ai? Eles ficam encima da gente. (ESC).

Todo cuidado é pouco, porque a meninada de hoje quer criar, incrementar, e eu falo com eles o toque dos sinos você não tem que tirar nem colocar, a nossa identidade como sineiro são os toques do passado dos nossos antepassados. Então não tem que tirar nem inventar mais nada. Já tá pronto, tá ali. Se você mexer você tá quebrando a linguagem tradicional dos nossos sinos. Esse é o cuidado que nós devemos ter pra gente não perder essa identidade nossa de sineiro. Porque a gente fica preocupado de perder, eu to começando a ficar preocupado justamente com isso de perder a nossa identidade. (ESF).

A gente não tem que mexer nos nossos toques, eles já tão tudo pronto, não da pra inventar, a gente tem que manter eles e ensinar para os que tão vindo para eles não se perderem. Porque todos os toques a gente deve aos nossos antepassados. Então, a gente sempre tenta manter o que os antigos deixaram, querer subestimar e querer mudar a coisa agora não faz sentido né, são 300 anos de tradição ai, então a gente não tem que chegar agora e tentar fazer alguma coisa. (ESM).

Vale frisar ainda, que esse desejo de manter o toque dos sinos fiel ao passado, tão amplamente defendido pelos sineiros, abre espaço para dialogar com quebra do mito da autenticidade e fidelidade as origens, pois Gomes (2009, p.83) afirma “é impossível preservar um núcleo imutável e atemporal”. Entretanto, apoiada em Hall (2003), a autora acredita que “os mitos têm o potencial para moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados as nossas vidas e dar sentido a nossa história”. (GOMES, 2009, p.83 *apud* HALL, 2003, p. 29). Tal fator pode ser verificado no discurso dos entrevistados ao acreditarem que a prática deva ser mantida de maneira fiel e imutável. Como enfatizado no relato abaixo:

Cabe a cada um de nós, que somos os responsáveis, cada um do seu campanário manter a tradição. Por isso to sempre debatendo sobre isso, porque isso é um bem nosso, é um legado que foi deixado para nós. Cabe a nós deixar esse legado para outros que vão vir. A gente como responsável tem que manter isso, manter a ordem nas

torres e evitar que se fuja daquilo que é. Para não se perder amanhã, porque uma coisa que você perde hoje é difícil recuperar amanhã. Quem somos nós pra destruir o que foi deixado para nós? Isso é uma história pra nós. Se nós temos esse patrimônio aqui hoje, graças aos nossos antepassados, quem sou eu pra chegar e falar que vou destruir isso aqui. Não cabe nós fazermos isso, isso é história para manter para outros que vierem, pra própria sociedade que está pra vim, ver isso aí ver nossa história. E saber que eu fiz parte daquele patrimônio, daquele legado, é o que vai ser mais bonito. Ter um filho ou um neto e falar é pai, é vô eu sei que você teve participação no toque dos sinos. Então a tradição da nossa cidade viva é isso o sino então precisa ser mantida é um legado nosso. (ESF).

Entretanto, ao se pensar no processo de transformação e na dinâmica das “coisas”, da vida, da identidade e da cultura, bem como a interação dos indivíduos com esses processos. Debortoli (2002, 74), comenta que criar algo novo permite que os sujeitos atribuam novos sentidos e significados as “coisas”:

Podemos reconstruir as regras, reinventar palavras e jeitos de falar, recriar o mundo com nossas pinturas, esculturas, festas, brincadeiras etc. Como seres humanos, somos artistas e artesãos e podemos atribuir constantemente novos significados as coisas. É por isso que dizemos que somos sujeitos, que somos atores sociais. (DEBORTOLI, 2002, p.74).

Com isso por meio da reconstrução das “coisas” a identidade dos sujeitos também irá se transformando, pois como conforme afirma Louro (1997) tanto os adultos quanto as crianças não interrompem o processo de (re) elaboração da identidade e da própria cultura. Além disso, de acordo com Pires (2007) é através da interação das crianças com os adultos e o mundo a sua volta, ocorre a produção, reprodução e compartilhamento da própria cultura. Nessa conjuntura, a cultura na visão de Ingold (1994) por não se caracterizar como algo pronto, fechado e externo, se revela enquanto um elo de relações entre os sujeitos e as experiências vivenciadas. O autor acredita que o mundo se dá de maneira contínua e está em plena interação com os seres humanos.

Nesse sentido, Debortoli (2002, p.76) envereda pelo caminho das: “[...] múltiplas possibilidades dos seres humanos expressarem suas possibilidades de construção de conhecimentos, e, sobretudo a capacidade e o direito não

apenas de se apropriar da cultura, mas de reconstruí-la, reelaborando os sentidos, que emergem das experiências humanas”. O autor acredita na importância de se “[...] apresentar um olhar das crianças e dos jovens, tomados como sujeitos nas relações sociais, seres humanos construtores, criadores e recriadores da cultura”. (DEBORTOLI, 2002, p.76).

Assim, mais do que manter os toques antigos ditos como identitários para os sineiros, vê-se a importância de dar vazão para a (re) invenção de novos, como forma de trazer mais sentido para a experiência dos sujeitos envolvidos. Oportunizar as crianças e aos jovens são-joanenses a desenvolverem seu potencial criativo, poderá entre outros benefícios - para a própria vida e o modo de se relacionarem, - contribuir para que se sintam cada vez mais parte da construção do ofício e da prática cotidiana do toques dos sinos da cidade.

Seguindo esta mesma linha de discussão, ratifica-se a transformação que os toques já sofreram. Por meio do depoimento seguinte, o entrevistado alega que alguns toques do período colonial, na atualidade foram suprimidos, uma vez que no decorrer dos anos e com o avanço tecnológico perderam o sentido de serem tocados. Como por exemplo:

Tem vários toques extintos né, hoje pela própria globalização, eles já num tem mais fundamento, que era o toque de parto, que era o toque de agonia, o toque de parto hoje já não tem mais sentido porque se a parturiente tiver algum problema no parto faz a cesariana e “cabou”. Então você não tem mais que ficar ali tocando sino pra parturiente ter um bom parto. Toque de agonia hoje a gente tem recurso médico para os doentes de uma infinidade né, então hoje alguns toques se perderam por isso. (ESM).

Além disso, há ainda aqueles toques que não foram extintos, o toque de anjinho, conforme apresentado por Brasileiro e Dangelo (2013) era um toque muito comum nas cidades coloniais mineiras para falecimento de crianças com idade inferior a sete anos. Apesar de ter menos utilidade devido à queda na taxa de mortalidade infantil no decorrer dos séculos, ainda é tocado esporadicamente. Como observado pelo depoente:

O toque de anjinho que é toque pra criança né, nós ainda fazemos, felizmente graças a Deus hoje as crianças, tem uma taxa de mortalidade mínima, hoje é só uma fatalidade se a medicina

realmente não encontrar uma solução, teve caso, já vi, e já até fiz esse toque de anjinho, mas os antigos ai tocavam direto, era recorrente esse toque, toda semana tinha pra anjinho porque a taxa de mortalidade de criança era muita, natimorto era praticamente todo dia né. Nascia um num tinha recurso “murria”, então alguns toques foram se perdendo, outros tem menos utilidade, porém ainda tem. (ESM).

Então, diante desse panorama, nota-se que a linguagem do toque dos sinos são-joanense já sofreu alterações ao longo dos anos, corroborando assim, a perspectiva da dinâmica das identidades e produções culturais humanas, afinal “a cultura não é, portanto, uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar, o que envolve modificações e descontinuidade” (GOMES *et al.* 2009, p. 83). Evidenciando dessa maneira, o caráter mutável da prática do toque dos sinos, a qual ainda assim continua sendo mantida. Neste contexto, além do discurso dos entrevistados abrirem espaço para dialogar com essa “impermanência” e dinamicidade das coisas, dialoga também com a capacidade do ser humano de recriar o mundo. Assim sendo, Debortoli (2002, p.74) salienta:

Quando chegamos ao mundo, o encontramos repleto de sentidos e significados, de conceitos e valores. O que não significa que as coisas devam permanecer eternamente do mesmo jeito. Nós participamos da construção e reconstrução dos sentidos, nós participamos da construção e reconstrução da história, nos participamos da construção e reconstrução do mundo.

O autor ressalta que sempre é possível incluir algo novo, uma vez que os seres humanos não são pessoas prontas e passivas, para Debortoli (2002, p.74) mesmo que pareça imperceptível pode-se (re) criar algo novo “algo que é nosso, que é fruto da nossa história e de nossas experiências”. Nessa posição, verificam-se, que além dos sineiros, as crianças e os jovens interessados no toque dos sinos, apresentam um potencial para ressignificar o toques dos sinos de São João, podendo criar novos toques e novas formas de tocar o sino, como forma de atribuir novos significados para o ofício de sineiro.

Nesse sentido, averigou-se a (re) criação por parte dos sineiros, mesmo que pareça “imperceptível”, eles reinventam de alguma maneira os toques.

Conforme já demonstrou Montanheiro (2001) acerca da apropriação dos toques por parte dos sineiros, o autor defende que os sineiros colocam certa subjetividade na forma de tocar os sinos, variando de sineiro para sineiro mesmo que sutilmente. Este cenário pode ser verificado nos seguintes relatos:

A gente faz muita variação dentro do repique né, a gente nunca muda nada, mas faz floreio, tem aquela padronização de toque, porém a gente consegue fazer alguma coisa diferente que caiba dentro daquele padrão, entendeu? Cada sineiro floreia do seu jeito né e dá pra gente saber quem é. Ai ao invés de você fazer 3 tempos de repique você faz 6, faz 7, você aumenta, você consegue variar ali dentro, claro do compasso do sino, dentro daquilo que o repique pede, porém você consegue fazer coisas diferentes. (ESM).

Tem os floreio né que a gente faz, os floreios a gente sempre faz, o tencão festivo é o toque que eu mais gosto de florear, que eu acho mais bonito. Ele bem tirado fica bonito, o meião e o sininho eles vão marcando o ritmo, e o grande ele vai ficando tipo assim... tremendo Você vai tremendo ele entendeu? Você vai tremendo o sino, dá umas pancadas, ai você começa a fazer os floreios entendeu e vai embora a gente chega a tirar uma hora tocando e floreado o tencão. (ESC).

Assim sendo, esse contexto retoma o que Montanheiro (2001) comenta sobre o sineiro imprimir uma marca pessoal no modo de tanger os sinos, em que os sineiros conseguem identificar pelo toque quem está na torre tocando o sino. O autor defende ainda, que isso não significa que os toques mudam entre os sineiros, e sim que essas pequenas sutilezas e variações se assemelham aos diferentes sotaques de falantes de uma mesma língua ou das diferentes entonações das vozes dos falantes pertencentes a uma localidade.

O panorama exposto desvenda que a capacidade inventiva e criativa dos sineiros e aprendizes não é totalmente suprimida, pois, apesar do padrão a ser seguido, faz-se a incrementação nos toques. Uma vez que o sineiro acaba imprimindo novas características, bem como sua forma de tocar os sinos através dos denominados “floreios”. Segundo o entrevistado ESM, os repiques de São João del-Rei contemplam certa “liberdade” pois permitem ao sineiro fazer essas variações: “Os nossos repiques te dão uma liberdade te dão um espaço muito grande pra florear”. (ESM). Afirmando o que a literatura aborda acerca da existência de pequenas variações e “ornamentos” na execução dos

toques, porém a estrutura sonora dos sinos permanece a mesma. (IPHAN, 2009).

A influência de matriz cultural africana e da música no toque dos sinos

Conforme supracitado, essa “liberdade” presente nos toques, conduz a reflexão do papel dos sinos e dos toques criados nos tempos coloniais. Pois, para além do caráter de refúgio, resistência e resgate cultural, os toques representavam “liberdade”, para os “escravos sineiros” da época, uma vez que tiveram a oportunidade de criar “livremente” os repiques e formas de tocar os sinos. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013). Imprimindo dessa forma a marca africana nos toques. O posicionamento a seguir destaca:

[...] os repiques foram tirados da capoeira né, assim o embasamento do repique é a capoeira, então o sino é igual o berimbau você consegue fazer infinitas coisas no berimbau dentro do ritmo, você consegue fazer infinitos floreios no berimbau. (ESM).

Conforme expresso nesse relato, os repiques são de origem da capoeira. Então, isso acaba revelando a influencia da matriz cultural africana no ofício de sineiro são-joanense. E concomitantemente, a literatura encontrada, afirma acerca da estrutura e ritmo dos toques dos sinos serem similares tanto as rodas de capoeira, quanto aos toques de tambores dos terreiros de candomblé e do samba de roda (BRASILEIRO, DANGELO, 2013; IPHAN, 2009). Assim sendo, os depoimentos seguintes corroboram acerca dessa influencia dos “negros escravos sineiros” na conformação do toque dos sinos são-joanenses como sendo mais um elemento pertencente à identidade do sineiro:

O sino é bem uma raiz africana mesmo, tem aquela pegada africana, a verdade o sino hoje, a linguagem do sino, a linguagem dos sinos são-joanense principalmente, é toda africana, a gente deve muito aos escravos. Porque o Vô do falecido sineiro seu Rizinga, foi um dos percussores do toque da senhora é morta, o avô dele quem criou esse toque, e ele era escravo. Ele era escravo mesmo, num era descendente ele viveu a escravidão. Então a gente deve muito a eles, nossa identidade sineira é africana né. Principalmente porque como é que você imagina subir pra torre com um sino desse no lombo? Na época a gente não tinha tecnologia a gente não tinha nenhuma ferramenta pra fazer isso, no máximo um sistema de roldana, mesmo assim pra subir com um sino de 1200 kilos, imagina quem carregou? Os escravos! Eles construíram essa cidade! A gente deve muito a

eles, eu falo que os negros que foram escravos eles tem influencia não só na cultura são-joanense, mas na cultura nacional, eles tem uma importância muito grande na nossa história. Nosso ritmo aqui eu São João eu falo ele é bem bem bem africano mesmo, isso aqui tudo, os sinos nossa cultura toda é bem africana. (ESM).

Tudo que nós temos, nossos sinos, nossos toques a gente deve aos nossos antepassados, é um legado que os escravos que foram sineiros deixaram pra gente. (ESF).

Outro aspecto a ser destacado diz respeito à presença da música na vida dos sineiros, em que muitos apresentam uma relação com as músicas tanto populares quanto eruditas, fazendo parte de bandas, escolas de samba, liras, orquestras locais, folias e congadas, além de saberem tocar outros tipos de instrumentos. (IPHAN, 2009). Segundo os entrevistados saber tocar algum tipo instrumento facilita para o sineiro tocar os sinos:

A música é muito forte na minha vida né, eu tinha um grupo de pagode, agora eu sou vice presidente da mocidade independente de Santo Antônio, que é uma agremiação mirim aqui de São João, eu sou muito envolvido com música pra te falar a verdade, gosto de tocar cavaquinho, percussão, ou qualquer coisa parecida, o ritmo, a música eu falo que tá no meu sangue, sou bem apaixonado com isso, com a música em si, ela é bem apaixonante né. E nossos pequenos se interessam muito por música em participar das baterias de escola de samba daqui, se interessam muito pelos sinos, graças a Deus porque aí não acaba o ofício né. (ESM).

Eu penso em ensinar pros meus filhos a tocar os sinos, e também vou colocar eles pra participar de alguma banda local algum grupo das nossas escolas de samba, ou em alguma orquestra aqui da cidade pra eles participar igual eu aprender igual eu. (ESP).

Eu não fiz e não faço parte de nenhuma banda não, mas a meninada tem muitos dentro de orquestras, bandas, no carnaval tocando algum instrumento de percussão, estão sempre atuantes na música. São João é a cidade da música então nós temos essa influencia toda da música. Aí se a pessoa tem facilidade em tocar algum instrumento, ela tem mais facilidade em aprender a tocar os sinos né. (ESF)

Como é possível verificar nos relatos, a música é influente na vida tanto dos sineiros quanto dos aprendizes do ofício, reforçando a tradição da música presente nos ritos são-joanenses. (VELLASCO, 2007). De acordo com a literatura a música sempre acompanhou as cerimônias religiosas, uma vez que cada festa religiosa apresentava sua música própria, como forma de dar vida as solenidades. (REZENDE, 1989; LANGE, 1960). Já na visão de Merriam (1964) ao relacionar a música e religião, o autor considera a religião como uma

das funções sociais da música, em que a mesma se caracteriza como um elemento de expressão humana social e cultural. Similar ao que Laburthe - Toira e Warnier (1997) defendem ser a música uma das manifestações mais íntimas da religião, e juntamente as diversas formas de expressão humana, contribuem para a manutenção do equilíbrio social. Para esses autores, a religião carrega a música enquanto um elemento de representação simbólica imprescindível para as distintas expressividades religiosas e expressões culturais humanas.

A mulher e o ofício de sineiro: “o mito de que torre é pra homem”

No que diz respeito à presença unicamente masculina na prática do toque dos sinos são-joanense, esse quadro abre espaço para discutir o papel da mulher em relação ao ofício de sineiro de São João del-Rei. Fator este que também permite relembrar o modo como era transmitido os ensinamentos sobre os toques para as mulheres conseguirem entender a comunicação dos sinos.

Sob esse ponto, Brasileiro e Dangelo (2013) apontam que as mulheres recebiam uma explicação didática, porém a literatura não apresenta indícios de mulheres sendo levadas para a torre para aprenderem da mesma forma que os homens eram ensinados (observação e prática diária). Uma vez que os autores enfatizam que os ensinamentos dedicados a mulher eram passados durante o dia a dia da vida doméstica. No contexto atual, as mulheres que desejam entrar para o ofício de sineiro, por exemplo, precisam de autorização. Assim, o posicionamento dos entrevistados demonstra a influência da herança patriarcal difundida pela igreja:

Aqui em São João del-Rei não tem mulher sineira não, aqui tem esse mito “né” de que torre é pra homem, então acaba que torre é um pouco mal falada. Eles falam que lá encima ninguém vê nada, então eles não sabem o que pode acontecer lá encima, então falam que é melhor deixar só pros homens, então é uma coisa assim meio... Não sei retrograda, meio difícil assim né. (ESM).

Pra gente poder ensinar de verdade pra mulher ser sineira a gente precisa do consentimento da administração da igreja que vai autorizar se a gente pode ou não ensinar as mulheres que tiverem interessadas a tocar sino. (ESF).

Se eu tiver um menino ele vai ser sineiro e entrar pra alguma banda, agora se for menina ela vai entrar só pra banda. Porque sei lá torre é mais pra homem né, tem muito homem dentro da torre, ai não dá, e aqui a administração da igreja tem que autorizar e também aqui não tem tradição de mulher sineira né, então se for menina ela só vai participar da banda mesmo. (ESP).

Nesta circunstância, a obrigatoriedade de solicitar a autorização da igreja para a mulher se tornar sineira e a discriminação da mulher através do mito da torre da igreja e do ofício de sineiro ser para homem, são elementos que cerceiam no bojo das discussões da tradição masculina na religião. (FERNANDES, 2005; NUNES, 2005; FURLIN, 2008; GIDDENS, 2005; BOURDIEU, 2011).

Nessa conjuntura, para Nunes (2005) a sociedade fundamentou-se nos valores patriarcais e estes foram amplamente difundidos pela igreja. Isso leva a refletir sobre as questões de gênero no âmbito social da religião, o qual a autora defende ser um campo mais atrasado no que se refere ao reconhecimento da igualdade da mulher na sociedade. A autora enfatiza que as religiões:

[...] são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é “sagrado” nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso. (NUNES, 2005, p. 363).

Nesse sentido, Nunes (2005) garante que o lugar da mulher na religião continua silencioso e os motivos não são explicitados. A autora afirma que “o lugar das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e frequentemente ainda não é, dos mais felizes”. Tal como Giddens (2005) o qual também acredita na tradição predominantemente masculina na religião, sobretudo na Igreja Católica, e por isso as mulheres sofrem uma discriminação nesse campo. O autor prossegue argumentando que esta condicionante faz-se presente em grande parte das sociedades e religiões do mundo, para ele “as

igrejas e denominações são organizações religiosas com sistemas definidos de autoridade. Nessas hierarquias, assim como em outras áreas da vida social, as mulheres são, na maioria das vezes, excluídas do poder”. (GIDDENS, 2005, p.434).

Dessa maneira, a religião dominante acaba por moldar e influenciar a cultura, o comportamento e as crenças dos sujeitos, bem como estabelecendo os papéis a serem desempenhados pelos homens e pelas mulheres. Mediante a isso, Fernandes (2005) endossa que por ser a religião um espaço de poder institucionalmente marcado pela presença masculina, são os homens quem determinam os locais e cargos que as mulheres devem ou não ocupar na igreja. Esse posicionamento envereda pelo caminho de concluir o motivo pelo qual as mulheres são excluídas de certas áreas da religião, como no caso do ofício de sineiro são-joanense. Ratificando assim, a força da dominação masculina no cenário religioso até os dias atuais.

Entretanto, é crucial mencionar que embora haja essa tradição masculina no ofício de sineiro da cidade, há casos de mulheres sineiras na região, conforme enfatizado abaixo:

Em Rio das Mortes que fica aqui na região de São João é que tem mulheres sineiras, elas tocam sino melhor que muito homem ai, que muito homem mesmo. Lá pra te falar a verdade o fluxo sineiro é muito maior o lado feminino que o masculino. Lá as mulheres se interessam muito mais pelos sinos do que os homens. (ESM).

Tem cidades históricas aqui, que tem senhoras de idade que sobe nas torres para tocar os sinos. Então quem sabe futuramente isso acontece na nossa cidade de São João del-Rei. (ESF).

Além disso, o sineiro EFS relata a experiência de uma mulher de São João del-Rei interessada em conhecer e aprender o toque dos sinos são-joanense:

Aqui em São João que eu saiba mulher sineira não teve, já teve interesse, mas não virou sineira. Foi até o caso de uma amiga muito amiga interessada em conhecer o sino, eu falei vamos subir lá na torre, ela subiu lá começou a ver a gente tocar o sino, ai eu perguntei você tem vontade de aprender, eu tenho, ai eu comecei a ensinar ela. Mas depois ela teve que sair, não pode dar continuidade, porque ela passou na faculdade, então ela ficou meio sem tempo, era muita correria. Mas ela começou sim a tomar conhecimento, e tinha muita

facilidade, ela tava tendo uma facilidade tão prática de aprender sabe? Eu gostei de ensinar ela, eu tive esse prazer de poder passar algumas coisinhas sobre o toque dos sinos pra ela. Ai falei com ela quem sabe futuramente, não descarta isso não. (ESF).

Sob esse enfoque, apesar do cenário de dominação masculina vigente nas instituições religiosas, tal como no universo do ofício de sineiro, há casos de mulheres que conquistaram seu espaço no ofício, tornando-se sineiras em localidades próximas a cidade.

Logo, este contexto alia-se a posição de Bordieu (2011) ao salientar que não é mais inquestionável a dominação masculina no campo religioso, especialmente em função das conquistas que o movimento feminista adquiriu. Para o autor esse processo rompeu com algumas barreiras sociais e culturais. Touraine (2010) compartilha da mesma ideia ao enfatizar a crescente força da intervenção das mulheres e de sua voz ser ouvida nos mais diversos âmbitos da sociedade, sendo um desses espaços o próprio ofício de sineiro

Devocionalidade no ofício de sineiro: “O sino eu falo com a meninada é um instrumento imaterial sagrado”

De maneira geral a palavra devoção é compreendida como um “sentimento religioso: orar com devoção. Práticas religiosas: gastava muito tempo em devoções. Dedicção as coisas religiosas. Dedicção íntima. Objeto de especial veneração: tu es a minha devoção. Veneração; afeto”⁴¹. Nesse sentido, a devoção está ligada a prática religiosa na qual o devoto dedica-se intimamente as questões religiosas. No tocante ao sentimento de devoção dos sineiros são-joanenses em relação ao ofício, foi possível constatar a presença da devocionalidade na vida dos sineiros, um exemplo disso, está presente no discurso do entrevistado ESF, o qual alega ter recebido uma bênção divina no momento em que se tornou o sineiro da igreja:

⁴¹ Significado de Devoção. Disponível em: <<http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>> Acesso em 10 de Abril de 2017.

Quando eu entrei aqui pra torre tava sem sineiro na época, ai ficava a torre sem tocar o sino, passava a procissão era uma coisa dolorosa, e a gente via o sino e não podia fazer nada. Então qual foi meu objetivo maior, virar sineiro, fui na cara e coragem né, fui procurar a administração da igreja para poder dar continuidade ao toque dos sinos. Conversei com os responsáveis, eles me apresentaram para todos que trabalhavam na igreja e na reunião diante deles eu expus a situação, eles também estavam por dentro da situação dos sinos ficarem sem tocar, e eu falei que queria dar continuidade ai eu fui designado a tomar frente dos campanários da torre de São Francisco. Isso foi em 1992, 24 de setembro de 1992. É onde eu tive a complacência da benção de Nossa Senhora das Mercês de poder entrar aqui na nossa igreja. No dia tava acontecendo a procissão dela e ela estava passando em frente a nossa igreja, aconteceu que deu um temporal, e o lugar mais próximo para ela entrar era aqui, ai ela teve que entrar aqui dentro, eu tive esse prazer e essa benção dela, eu fui iluminado por ela por poder ta subindo a torre virando sineiro dessa torre no dia dela. Então eu sou muito devoto a ela, eu agradeço muito a Deus e ela por ter sido abençoado por ela no meu primeiro dia como sineiro. (ESF).

Na relação devocional, como mencionado, os devotos costumam apresentar certa veneração especial por algum objeto. Diante disso, verificou-se que os sineiros mantêm uma devoção ao objeto sino, para os sineiros o sino é sagrado, e com isso mantêm uma relação de respeito e afeto:

O sino eu falo com a meninada é um instrumento imaterial sagrado, a gente deve ter respeito e pudor diante deles. Ele nos transmite uma paz, o sino pra mim transmite uma paz interior para minha alma, uma elevação muito grande, uma tranquilidade muito boa. Então, se ele transmite algo de bom pra gente porque eu também não posso transmitir igual para ele. Isso é muito importante na vida de um sineiro ser responsável pelos nossos sinos. (ESF).

Os sinos a gente tem respeito por eles, porque é um objeto sagrado, eu sempre passo para os rapazinhos essa importância dos nossos sinos pra nós que é sineiro. (ESC).

Os sinos ensinam a gente muita coisa sobre a vida né, a gente aprende muito com os sinos principalmente sobre religião, o sino a gente tem que ter respeito por eles, eu respeito muito os sinos porque é um instrumento sagrado. (ESM).

A partir disso, como é possível perceber, a devoção é caracterizada pela religião e está repleta de crenças, isso remete a constatação de Durkheim (2003, p.32) o qual afirma ser a religião um: “[...] sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles a que ela aderem”. Com isso, na visão dos depoentes, a crença do

sino são-joanense ser considerado um objeto sagrado pode ser devido ao fato dos sinos serem batizados e receberem um nome conforme os relatos abaixo:

Todos os nossos sinos são batizados e têm um nome que eles recebem. Por isso eles são sagrados, porque são batizados eles têm a benção de Deus. (ESF).

Os sinos aqui de São João têm até nome, nossos sinos são sagrados porque são tudo batizado. (ESM).

Cada sino um dos nossos sinos antes de entrar pra torre foram batizados né, e cada um tem um nome diferente, é por isso que os sinos daqui são sagrados né. (ESC).

Esse quadro retoma ao que Lesage (1959) endossa acerca da necessidade da igreja de santificar seus objetos como forma de oficializar a sacralidade dos bens pertencentes aos seus ritos tornando-os assim, uma crença no imaginário social e cultural dos indivíduos. De acordo com Laburthe-Toira; Warnier, (1997, p.259) a religião enquanto uma expressão cultural é determinante, pois modela as crenças e a conduta dos seres humanos na vida em sociedade. Para os autores a religião: “[...] mantém estreitas relações com os outros domínios da vida social, e contribui para formar o *ethos* de uma sociedade, isto é, o conjunto de referências morais, de valores e costumes que dominam o dia-a-dia”. Essa perspectiva pode ser encontrada no depoimento abaixo o qual evidencia a conduta a ser adotada e repassada no ofício:

Aqui em São João cada torre tem seu responsável para manter a disciplina e a ordem dentro da torre. Eu falo com a meninada tem que ter disciplina, uma ordem, uma educação, eu passo isso pra eles, os sinos nos ensinam tudo isso. (ESF).

Além disso, outra crença que permeia o imaginário da devoção dos sineiros, refere-se ao que os entrevistados alegam acerca da existência de uma conversa entre os sinos, uma linguagem própria, frisando ser este o motivo de São João del-Rei ser a “cidade onde os sinos falam”:

São João pra mim é a terra onde os sinos falam mesmo sabe, você não encontra tantos toques assim em outros lugares “né”. A gente tem os toques antigos até hoje, cada solenidade na igreja tem um toque certo, tem a linguagem dos sinos. (ESC).

Aqui nossos sinos falam mesmo, por isso a gente é conhecido como a cidade onde os sinos falam, porque o sino tem uma conversa, tem

um intercambio entre eles, o pequeno chama, o médio vai perguntar o que o pequeno ta chamando, e o grande vai responder o que o médio ta perguntando. Então se você pega logo o grande que ta dando a resposta não tem como porque você não sabe qual é a pergunta, não sabe porque o pequeno ta chamando. (ESF).

Por meio dos relatos destes entrevistados, vê-se a semelhança encontrada na literatura acerca da conversa existente entre os sinos, onde cada um apresenta uma função e sonoridade específica. Assim, é a partir dessa associação que as mensagens são transmitidas adequadamente contribuindo para a função comunicativa do sino. (IPHAN, 2009; BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

Além disso, a visão dos depoentes é similar às ponderações encontradas na literatura ao acreditarem que essa conversa dos sinos, ou seja, a linguagem dos sinos se preservou ao longo dos séculos por meio da tradição oral do ofício. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013). O relato a seguir explica detalhadamente essa oralidade:

Eu passo pra meninada tudo do jeitinho que eu aprendi, do jeito que me foi passado essa nossa tradição. Porque cabe a nós respeitar e preservar esse legado que foi deixado para nós. Eu sempre incentivo a meninada falo quando eu tenho que ficar brabo, quando eu tenho que dar um castigo eu dou sim, eles vão entender o porque daquilo ali. E entendem. A verdade é essa. Às vezes eles falam comigo você é chato, não sou chato, futuramente vocês vão me agradecer, como eu já agradecei aqueles que me ensinaram e fizeram isso por mim, e vão saber a importância disso. Eu falo com eles que hoje eu to aqui amanhã serão vocês, eu to aqui preparando vocês para um dia vocês estarem no meu lugar. Vai ser uma satisfação muito grande pra mim saber que tudo que foi passado pra vocês, vocês aprenderam e tá dando continuidade a esse nosso legado, a essa nossa tradição sendo passada de mão pra mão pra não se perder. (ESF).

Nesse sentido, a devoção que permeia o universo do ofício de sineiro de São João del-Rei, está ligada ao fatos dos sineiros mais do que serem devotos a prática religiosa em si que emerge do ofício, mas serem ainda mais devotos ao objeto sino suas nuances, histórias e a tradição que carrega e é passada de geração em geração. Para além da religião, pode-se afirmar que os sineiros são-joanenses são devotos ao sino e seus toques.

Corporalidade no ofício de sineiro: “À medida que você ta batendo o sino parece que você ta se materializando dentro do próprio sino”

Ah minha filha, eu posso falar de coração e alma aberta os sinos pra mim é a segunda família que eu tenho na minha vida! O sino me transmite muita paz, uma paz muito grande, muito boa, na minha pessoa, no meu interior, na minha alma, para que o sino conversa comigo, porque à medida que você ta batendo o sino parece que você ta se materializando dentro do próprio sino. (ESF).

Ao se falar em corporalidade é preciso compreender o processo de interação dos seres humanos com os objetos. Para isso, Debortoli e Sautchuk (2013, p.2) tecem o argumento de que recentemente a antropologia tem se preocupado com as diversas formas de sociabilidade as quais “relacionam humanos, não humanos e artefatos em diferentes contextos”. Desse modo, fundamentados em Mauss (2003) para os autores a ideia é pensar nas práticas humanas, a partir da ótica da “matriz de relações” entre a pessoa, a técnica e o ambiente, de maneira associada em detrimento de uma visão separatista. Uma vez que tais elementos “não se revelam objetivados e estáticos, mas de forma integrada em diferentes experiências culturais. (DEBORTOLI; SAUTCHUK, 2013, p. 3).

Nesse sentido, a perspectiva da corporalidade no ofício de sineiro, se fundamenta na relação entre o sineiro e o objeto sino, em que esta interconexão gera um emaranhado de manifestações culturais. Essa conexão do sineiro com o sino caracteriza-se como a principal ferramenta geradora de manifestações culturais, que irão emergir dos toques produzidos, uma vez que o sineiro ao tocar o sino comunica notícias gerais e religiosas além de anunciar e convidar a população para as festividades.

Diante disso, será explanado a relação do sineiro e o sino, a partir das duas categorias de toques são-joanenses existentes (Dobre e repique). Assim, para existirem os toques na modalidade dobre, por exemplo, é preciso que o sineiro realize um movimento corporal com o sino. Antes de iniciar o toque, o sineiro faz o ato de “catar” o sino, o qual de acordo com os depoentes e em consonância com a literatura é o movimento que o sineiro faz ao mesmo tempo em que o sino até conseguir colocá-lo a pino, ou seja, de boca para cima, com

vistas a iniciar o dobre. (BRASILEIRO; DANGELO, 2013).

Segundo os depoentes é preciso movimentar o corpo simultaneamente ao movimento do sino, criando dessa maneira, o dobrar dos sinos. Com o dobre iniciado, entretanto, é preciso de dois sineiros tocando juntos, cada qual se posiciona em lados opostos e fazem uma movimentação única e sincronizada, onde corpos e objeto se misturam ao movimento de dobrar o sino, como se fosse um só. Isso pode ser verificado na figura 27:

Figura 27: Dobrando os sinos são-joanenses



Fonte: Disponível em: <https://diretodesaojoaodelrei.blogspot.com.br/2014/11/> Acesso em 10 Abr. 2017.

Os depoentes garantem que um movimento errado, seja mais lento ou rápido, o sineiro pode ser golpeado pelo sino, e até mesmo arremessado da torre, mediante a isso, os sineiros alegam que é preciso movimentar-se de maneira ritmada:

Enquanto a gente vai dobrando a gente vai revezando, os novatos quando ta aprendendo a gente deixa eles começarem a dobrar o sino, a gente não deixa eles pegarem quando ta no embalo entendeu? Porque como eles tão aprendendo eles ainda não tem a prática, porque você tem que ter uma agilidade, você tem que tá numa velocidade igual o sino tá entendeu? A jogada do seu corpo tem que tá igual a do sino, porque se você perde tempo, diminui o

ritmo ele te esbarra, pode até te jogar pra fora da torre, então você tem que movimentar junto com o sino na mesma velocidade. (ESC).

Como é possível notar, é necessário que os sineiros tenham a técnica e habilidade para conseguir dobrarem os sinos. Nessa sequência, a habilidade na perspectiva de Ingold (2000) está relacionada à sociedade na medida em que possibilita compreender não apenas os processos das produções, mas também de transformação do mundo por meio da ação humana e como esses processos são reproduzidos social e culturalmente no decorrer dos anos. Para o autor esses processos permitem o engajamento dos indivíduos. No contexto do ofício, o sineiro que já adquiriu a habilidade necessária reproduz para os aprendizes todo o processo de aprendizagem de tocar os sinos, inclusive o movimento corporal a ser realizado. Segundo os entrevistados, além da observação e da prática constante, às vezes é preciso que o sineiro auxilie o aprendiz a tocar o sino:

Tudo do jeitinho que eu aprendi eu ensino pra meninada que ta chegando, às vezes nos repiques quando a gente ta ensinando a criançada eu pego na mão dela e vou ajudando a repicar o sino, quem não tá acostumado chega até sentir dor no braço. (ESF).

Diferente do dobre, o repique mencionado pelo depoente, é aquele em que o sineiro utiliza a corda para tocar o sino, não sendo necessário movimentar todo o corpo, apenas o braço. Nessa modalidade, associa-se o gancho o qual é afixado no sino e a corda de couro cru trançado. A conexão desses elementos facilita o toque, uma vez que torna mais leve o peso do badalo nas mãos do sineiro, contribuindo assim para ter um maior controle e variação rítmica dos toques são-joanenses. É válido lembrar que essa técnica foi criada pelos sineiros de São João del-Rei, e por isso os ritmos e toques são mais estruturados e complexos. (BRASILEIRO, DANGELO 2013; IPHAN, 2009). De acordo com os sineiros, para se fazer o repique é preciso muita técnica:

Quando a gente repica os sinos tem que ter muita concentração e muita técnica também, saber o porquê ta repicando, saber a hora certa de repicar, de pausar o repique, saber o repique de cada uma das nossas solenidades, então eu falo mesmo que o repique ta no meu sangue, eu tenho que ter todo esse conhecimento. (ESM).

Dessa maneira, ao se falar em habilidade, fala-se também em técnica, Debortoli e Sautchuk, (2013, p. 4-5) enfatizam a necessidade de a técnica ser compreendida por meio de um processo dinâmico e relacional, em que “não pode ser pré-determinada ou pré-conformada por nenhuma máquina, ferramenta, função ou significado”. Nesse sentido, sustentados em Ingold (2000), os autores entendem a “tecnicidade humana” a partir do processo de “transformação das relações sociais”. E prosseguem argumentando que tanto na perspectiva social quanto histórica, a técnica não é vista como um atributo de um “indivíduo isolado, mas como um sistema de relações”. A importância de entender a técnica por esse viés, segundo os autores se dá por dois aspectos:

[...] se por um lado, rejeita explicações baseadas em causas físicas e naturais, por outro, não abandona completamente o dilema das relações entre cultura e natureza. Procura, entretanto, afastar-se de visões deterministas, anunciando um olhar ao ritmo da vida social e seus efeitos no *corpo*. (DEBORTOLI; SAUTCHUK, 2013, p. 4).

Como é possível verificar no relato do depoente, além da técnica de tocar o sino, o sineiro precisa se conectar com todo o sistema relacional em que o ofício de sineiro está inserido. Ratificando assim o que Debortoli e Sautchuk, (2013) defendem sobre a técnica não ser um atributo de um “indivíduo isolado”, uma vez que a tecnicidade do ofício de sineiro ao tocar o sino, envolve toda uma teia relacional geradora de manifestações sociais e culturais e religiosas.

Aprofundando ainda mais esse ponto de vista relacional, os autores mencionam a noção da “atenção e percepção”, para além do movimento em si, questionando o que move, mobiliza e afeta os seres humanos em relação aos objetos, de tal maneira que “artefatos a princípio inertes revelam-se animados em alguma medida, pois são geradores de forças e possibilidades de relação e envolvimento”. (DEBORTOLI; SAUTCHUK, 2013, p. 15). Isso pode ser verificado na perspectiva do ofício de sineiro, em que os depoentes alegam para além da relação estabelecida entre humano (sineiro) e artefato (sino), o envolvimento entre ambos é tão profundo que os entrevistados acreditam na necessidade do sineiro e o sino se tornarem apenas um:

*Quando você revira o sino você e o sino vira um só entendeu?
Quando eu “to” dobrando o sino, o sino sou eu e eu sou o sino*

entendeu? (ESA).

O sino pra mim é minha vida, quando eu to tocando o sino que é festivo eu me sinto bem, sinto feliz, a gente sente uma satisfação né, quando eu toco o sino que é toque fúnebre eu fico triste, então assim... não é só a gente que não toca o sino, o sino me toca também, a gente toca junto com o sino. (ESC).

Eu quando toco eu sinto que parece que os sinos tão tocando, tão batendo junto comigo, junto com meu coração dentro do meu peito sabe. (ESM).

Dessa maneira, vê-se que o sino afeta o sineiro mutuamente, consistindo assim, em um envolvimento contínuo e dinâmico. Esse processo permite que sineiro e sino sejam movidos e afetados reciprocamente pelos processos de aprendizagem, conhecimento, participação, produção, partilha e união. Conforme Debortoli e Sautchuk, (2013, p. 15-16) a técnica e o movimento em relação com os artefatos:

[...] revela-se como processo de aprendizado, conhecimento e significado. Abrimo-nos, nesse sentido, a uma antropologia que não tem a pretensão de uma Técnica, Corpo e Arte a descrição de algo estático e acabado. Mas à descrição de processos em que a técnica emerge, unindo pessoas e coisas em movimentos, formas de participação, produção da prática e de si mesmo.

Sob esse prisma, o campo relacional que envolve o sineiro e o sino, é um processo, no qual possibilita o encontro e interação entre eles, entre as festividades, além de produção e transmissão de conhecimento. A corporalidade no ofício contempla o envolvimento de humanos e artefatos, associados às narrativas históricas de ambos; em que tais narrativas estão circunscritas na cultura e na dinâmica social cotidiana do ofício de sineiro, promovendo, dessa forma, a partilha de experiências entre o sineiro e o sino.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da pesquisa direcionou-se para o entendimento das manifestações culturais que emergiam do toque dos sinos da cidade de São João del-Rei. Mediante a isso, foi preciso conhecer o universo do ofício de sineiro, o qual está em constante diálogo com a história e linguagem dos sinos, além da conformação dos toques e com a herança festiva religiosa do período colonial até os dias atuais, resultando assim, nas mais variadas expressões culturais.

Dentre as inúmeras alternativas que a pesquisa proporcionou, a investigação se propôs apresentar a riqueza desse cenário do toque dos sinos, enveredando assim, por um caminho de descobertas e escolhas, em que algumas temáticas foram priorizadas em detrimento de outras. Entretanto, essa investigação, abriu um leque de possibilidades de desdobramentos da pesquisa bem como um estímulo para formulação de novos estudos que tratem sobre o toque dos sinos. Considerando, assim, uma fonte infindável de temáticas a serem trabalhadas para além dessas que aqui se encerra.

A partir disso, constatou-se que as manifestações que emergem do toque dos sinos se desembocam em três: festiva religiosa, função comunicativa e ofício do sineiro.

Referente à manifestação festiva religiosa, constatou-se que essa é composta por uma gama de celebrações ocorridas ao longo de todo ano na cidade de São João del-Rei, em que os toques se fazem presentes e para cada uma delas há distintos toques e significados. Sendo este panorama amplo e rico, optou-se por exemplificá-lo por meio do “Combate dos Sinos”, por ser um dos momentos festivos mais esperados pelos sineiros são-joanenses, devido a toda história secular que carrega, e por se repetir ininterruptamente até os dias de hoje.

O funcionamento do combate se dá de maneira fluída e dinâmica, cada um dos sujeitos envolvidos sabia seu papel durante a celebração. Assim, sendo notou-se que as tarefas de cada participante eram muito bem definidas e seguidas. O Combate dos sinos além de carregar essa vertente festiva, carrega também o caráter religioso, de ser um tempo de recolhimento, reflexão e

modificação, traços estes mencionado pelos entrevistados. Desse modo, a disputa dos sinos possibilitou compreender até mesmo a concepção de mundo, e a própria afirmação da vida dos sujeitos envolvidos.

Para os entrevistados, a continuidade, tanto do combate quanto das demais festividades do município, se dão pela força e união das irmandades religiosas são-joanenses. Esse argumento sustenta-se, a partir do histórico das agremiações religiosas, uma vez que foram criadas como uma forma de manutenção da ordem e do controle social, tendo como pano de fundo as festividades religiosas. Afinal, fundadas em um período de tensões e de conflitos sociais e étnicos, as instituições religiosas serviram para “amenizar”, sobretudo o cenário escravista que imperava Minas Gerais. (SCARANO, 1978; BOSCHI, 1986). Porém, com o fim da escravidão, e o avanço dos tempos, isso leva a questionar o motivo pelo qual essas irmandades ainda seguem tão atuantes nos dias de hoje.

Mais do que a união das irmandades tão mencionada pelos entrevistados, identificou-se o companheirismo, a união e a amizade entre os próprios sineiros. É indiscutível, o respeito que compartilham entre eles. Assim sendo, acredita-se que o cenário festivo religioso é sustentado pelos próprios sineiros, pois sem a paixão pelo ofício, até mesmo o combate não existiria. Dessa maneira, verificou-se que a disputa dos sinos para os sineiros, constitui-se um momento festivo, repleto alegria e celebração, no qual promove a possibilidade do encontro, aprendizado, reflexão, partilha e da troca de experiências.

Nesse sentido, o combate dos sinos promove encontros e interações sociais não apenas nas festividades fora da torre, mas também dentro das torres, entre o mestre sineiro e o aprendiz de sineiro, ou seja, entre os adultos, os jovens e as crianças, e esses sujeitos estão em constante relação com a experiência do ofício de sineiro são-joanense.

No que tange a manifestação da função comunicativa do toque dos sinos, constatou-se ser aquela que dá início a todo o ambiente festivo da cidade, pois além de informar as horas, os sinos anunciam o começo das solenidades e convidam as pessoas para dar vida a essas festividades. Além disso, também informam notícias gerais que sejam pertinentes para a comunidade. Dessa

forma, os sinos, continuam sendo um meio de transmissão para a sociedade, característica essa existente desde os primórdios do surgimento do sino. (LE GOFF, 1964; VENDRAMINI, 1981; BRASILEIRO, DANGELO, 2013).

No contexto de São João del-Rei, por exemplo, além da população sobretudo aquela que vive no centro histórico, os próprios sineiros usam o sino como despertador. Então, mais do que transmitir as horas, anunciar e convidar a população para as celebrações averiguou-se a potência do sino enquanto um objeto mediador das relações humanas, possibilitando o encontro e a interação social e cultural entre os sujeitos envolvidos nesse processo.

Já a manifestação do ofício de sineiro foi escolhida e caracteriza-se como a protagonista, pois é o sineiro quem faz todo esse universo entrar em movimento e em confluência, é o gerador das outras duas manifestações supracitadas. Então, o sineiro é o provedor dessa associação entre o cenário festivo religioso e o comunicacional; Promovendo assim variados elementos, tais como: a partilha de experiências; a possibilidade do encontro nas festividades; a vivência do lazer; a aprendizagem e a preservação e valorização da prática. Dessa forma, o sineiro anuncia as solenidades, convida as pessoas por meio de um disparo sonoro, além de dar vida às festividades através dos mais variados toques.

Apesar das inúmeras características do ofício de sineiro, para o presente estudo focou-se em cinco delas: 1) Aprendizagem; 2) Ludicidade; 3) Identidade; 4) Devocionalidade; e 5) Corporalidade. Essas foram escolhidas devido ao fato de serem as características mais expressivas identificadas durante as incursões de campo.

Na aprendizagem foi possível notar que o ofício de sineiro é uma prática iniciada desde cedo, ainda na infância. Para os entrevistados, inserir-se no ofício foi relativamente fácil, pois muitos tinham familiares nesse ramo, ou a influência de uma família tradicionalmente religiosa ou já atuavam na igreja como coroinhas.

Para aprender a tocar os sinos, os entrevistados alegaram a necessidade de observação e treino constante, para eles é preciso força de vontade e empenho além de afeição pelo ofício. Verificou-se ainda, um grande interesse

por parte das crianças e dos jovens em aprender a tocar os sinos, sugerindo assim, a perpetuação da prática na cidade. Nesse sentido, o diálogo estabelecido entre os aprendizes e os mestres se constitui de uma relação de experiências, partilhas e de engajamento, em que o saber fazer da prática não está no mestre e sim na manifestação em si, na qual os sujeitos tanto o mestre quanto o aprendiz estão envolvidos. (LAVE; WENGER, 1991).

No que tange a ludicidade, caracterizada enquanto linguagem humana refere-se basicamente ao fato do ofício possibilitar além da sinergia entre os sujeitos e a experiência vivida, a ideia de expressão, criação e ressignificação da própria existência. (GOMES, 2009; DEBORTOLI, 2002). Dessa forma, o sineiro ao tocar o sino, apresenta algumas das diversas formas em que o lúdico pode se manifestar, em especial a questão gestual, visual e artística e a sua ocorrência se dar em um ambiente considerado de trabalho. (GOMES, 2009).

A ludicidade no ofício de sineiro reflete ainda as tradições, valores e costumes sociais e religiosos, concebendo as crenças que fazem parte do imaginário dos sineiros. O lúdico também provoca uma experiência tão profunda nos sujeitos, levando-os a interagir e sentir uma conexão tão profunda com o ofício, que o mesmo é considerado um momento de lazer e sendo a ludicidade a “essência do lazer”; Isso leva a um processo de dar sentido às experiências culturais para os indivíduos. Nesse quadro, a dimensão lúdica reverbera na fruição da vida, uma vez que estimula os sentidos e as emoções dos sujeitos. (GOMES, 2011).

Na perspectiva da identidade, notou-se que ofício de sineiro está fundamentado sob 5 aspectos, para os entrevistados a identidade do ofício são os repiques do sino, por ser a modalidade tocada cotidianamente desde o período colonial. E mediante a isso, os sineiros defendem a necessidade de manter a prática fiel ao passado, pois dessa forma continuará sendo preservada. Nesse sentido, não é permitido às crianças e aos jovens aprendizes inovarem e recriarem toques além daqueles existentes. Porém, verificaram-se as tentativas dos jovens de incrementar os toques da cidade.

Então, esse cenário levou a discussão do caráter mutável e dinâmico que as produções humanas estão sujeitas, quer os indivíduos queiram ou não;

Assim como o processo de reconstrução das “coisas” pelos seres humanos, com vistas à ressignificarem as experiências, atribuir novos sentidos e significados as “coisas”, como forma de se sentirem cada vez mais parte das produções humanas e culturais. Afinal as crianças e os jovens são importantes reconstrutores e (re) criadores da cultura. (DEBORTOLI, 2002).

Verificou-se ainda a identidade de matriz cultural africana na conformação dos toques são-joanenses, uma vez que a estrutura rítmica é similar aos batuques de tambores dos terreiros de candomblé, das rodas de samba e de capoeira (BRASILEIRO, DANGELO, 2013; IPHAN, 2009). Além disso, apesar da escassez de informações, houve vários africanos sineiros em São João del-Rei que criaram toques e foram atuantes no ofício. Os depoentes alegam veementemente a presença da raiz africana no ofício de sineiro.

A identidade musical também foi outro elemento que chamou a atenção, uma vez que a grande maioria dos sineiros fez ou faz parte de bandas, congadas, escolas de samba, orquestras e liras da cidade e sabem tocar algum tipo de instrumento. Os entrevistados asseguram que essa imersão no mundo da música, facilita o processo de aprender a tocar os sinos. Assim, o ofício de sineiro e os ritos religiosos constituem-se por meio do elo com a música.

A identidade predominantemente masculina no ofício serve para descortinar a força do patriarcado nas instituições religiosas. Território em que a mulher muitas vezes se viu silenciada, por ser um espaço de poder tradicionalmente masculino. E com isso, os valores patriarcais são amplamente difundidos pela igreja e acabam fazendo parte do imaginário social e cultural dos sineiros.

No que tange a devocionalidade, percebeu-se a força entre o sineiro e o sino, pois os sineiros mantêm uma relação de afeto e respeito, sendo o objeto venerado por eles. Nessa relação devocional, cada sino tem um nome, é batizado e tem sua própria linguagem. Assim, mais do que a devoção pelo ofício em si, os sineiros são-joanenses são devotos ao sino.

A corporalidade do ofício de sineiro permitiu dialogar com a interação dos seres humanos com os artefatos, na tentativa de mostrar como se dá esse processo relacional. Nesse cenário, a conexão entre sineiro e sino é geradora de práticas e manifestações culturais. Desse modo, a associação entre ambos

(sineiro e sino) se dá de maneira tão profunda que ao tocar o sino, ao movimentar o corpo do sino, é preciso que o sineiro movimente o próprio corpo no mesmo ritmo. Ao se fazer esse movimento entrando em sintonia, os depoentes alegam não existir mais a separação ser humano e artefato, pois nesse processo ambos tornam-se apenas um.

Além dessas questões apresentadas como resultados desse trabalho. O estudo aqui compreendido vislumbrou desdobramentos importantes de serem frisados. Então, em meio às diversas possibilidades de pesquisas futuras serão apresentadas sete delas. A primeira refere-se a trabalhar a perspectiva do sineiro fundidor de sinos, como forma de compreender esse processo ritualístico de fundição do objeto sino em relação ao sineiro fundidor. Pois, não menos importante que o sineiro tocador de sino, está o sineiro fundidor de sinos, o qual em diálogo com a matéria dá vida ao sino, permitindo que todo esse contexto do toque dos sinos aconteça. A fundição de São João del-Rei, adota uma prática milenar de fundir sinos, além de fundirem peças sacras de vários tipos. Um aspecto que mais chamou a atenção durante a visita na fundição refere-se ao que o sineiro fundidor alegou sobre a técnica de fundir sino, atualmente ser a mesma usada antigamente, para ele fundir sinos é similar a uma produção artística, considerada quase um ritual. Além disso, o fundidor assegura ser preciso todo um conhecimento, uma habilidade, além de muito cuidado e muita paixão: *“Eu amo o que eu faço, eu nasci pra fundir sinos”* (ESS). Essas poucas palavras resumem a riqueza encontrada que pode ser aprofundada em pesquisas futuras.

Outra pesquisa pode ser feita considerando a visão e a importância do toque dos sinos para a comunidade são-joanense, na tentativa de descobrir os sentidos e os significados dos toques para a população. Como terceira possibilidade encontra-se a discussão de gênero que embora não tendo sido aprofundada nesse estudo, gerou grande curiosidade conhecer e aprofundar nesse universo das mulheres sineiras que trabalham na região. Assim como, outro tipo de estudo seria aquele voltado para investigar a perspectiva das crianças e dos jovens aprendizes de sineiro.

Um aspecto que também ficou evidente na pesquisa diz respeito à influência de matriz cultural africana nos toques dos sinos de São João del-Rei, embora seja um tema desafiante pelo fato da escassez de dados, investigar a memória social dos “escravos sineiros”, mostra-se uma pesquisa extremamente instigante.

Também se mostrou como uma possibilidade de pesquisa estimulante a compreensão do processo de patrimonialização do toque dos sinos e do ofício de sineiro tendo São João del-Rei como referência, além de contemplar oito cidades mineiras, como forma de se fazer um levantamento acerca do toque dos sinos do estado de Minas Gerais.

Por fim, a tecnologia também foi um dos aspectos que chamou a atenção, pois, durante toda a pesquisa, os estudos encontrados sobre os sinos, consideravam a tecnologia como uma “vilã”. Sendo culpabilizada pela perda de grande parte do código sonoro são-joanense e de Minas Gerais, onde o toque dos sinos foi substituído por equipamentos eletrônicos, extinguindo assim o ofício de sineiro em diversas localidades. Porém, no cenário de São João del-Rei, foi unânime entre os entrevistados a crença de que o toque dos sinos são-joanense não será substituído pelos aparelhos eletrônicos. Pois os depoentes alegam que a máquina não conseguirá tocar os repiques: *“Nenhuma igreja aqui de São João usa aparelho eletrônico, pra tocar o sino, é tudo manual. E tanto é que aqui no centro histórico não vai ser fácil eles colocar isso não, por causa dos repiques principalmente né, a máquina não vai fazer o que a gente faz entendeu?” (ESC).*

Entretanto, durante a pesquisa identificou um aplicativo denominado “Som dos Sinos”, criado como forma de tornar a tecnologia uma “aliada” do toque dos sinos. Nesse sentido, aprofundar na temática acerca do toque dos sinos em relação à tecnologia se mostra uma pesquisa interessante, passível de ser relacionada até mesmo à tecnologia do lazer. Afinal, segundo Rojek (1995) foi por meio da tecnologia que ocorreu a ampliação das opções de práticas de lazer. E de maneira mais aprofundada Gomes (2009, p.84) salienta:

As novas tecnologias impulsionam novas relações entre a cultura e o território. Essa constatação reforça ainda mais a complexidade característica de nosso tempo, uma vez que vivemos em uma sociedade globalizada e, sob esse ponto de vista, sem fronteiras nítidas para demarcar o que é próprio ou não de um determinado contexto.

Logo, considerando a tecnologia e as diversas formas dela relacionar-se com a cultura, como no caso do toque dos sinos são-joanense, mostra-se uma possibilidade de análise instigante.

Faz-se imprescindível mencionar à questão patrimonial, conforme apresentado neste estudo, o toque dos sinos e o ofício de sineiro são registrados como patrimônio imaterial pelo IPHAN, desde 2009. Sob essa perspectiva identificou-se nas narrativas dos sujeitos entrevistados, dois aspectos relacionados a essa temática, por um lado a maioria dos entrevistados acredita que ocorreram mudanças após o registro como patrimônio imaterial. Um exemplo disso, diz respeito ao aumento na manutenção dos sinos:

Depois que virou patrimônio assim conserto e restauração de sino aconteceu sabe. Porque tinha igreja ai que os sinos tava muito ruim, entendeu? Tava assim que não daria nem pra poder ser usado, e ai foram arrumados, mas essa arrumação só aconteceu depois que virou patrimônio. (ESC).

A gente teve o conserto de muitos sinos, a manutenção dos sinos aumentou também, então pra parte material teve esse ganho né. (ESM).

Além disso, segundo o entrevistado ESF aumentou a procura de pessoas de outras cidades solicitando a realização de oficinas sobre os sinos, para serem apresentadas em outras comunidades e em escolas locais e de regiões vizinhas. O depoente alega ainda o interesse por parte da mídia em relação ao toque dos sinos e com isso favoreceu a elaboração de documentários e entrevistas sobre o toque dos sinos.

Ih minha filha depois que nossos sinos virou um bem imaterial, a procura aumentou demais da conta, as cidades vizinhas vieram procurar a gente, pra ajudar eles, pra eu fazer oficina nas escolas, nas comunidades. Até certificado eles deram. A televisão também começou a procurar a gente pra fazer documentário, pra entrevistar a gente. (ESF).

O sineiro ESF relata ainda, acerca do aumento da procura de cidades vizinhas, solicitando ajuda, com a intenção de resgatar o toque dos sinos de sua localidade, uma vez que perderam grande parte de sua tradição sineira:

As cidades vizinhas nossas perderam muita coisa, Ouro Preto, Mariana, Sabará. Tanto é que muitas vezes vem o pessoal de outras cidades entra em contato comigo para saber o que poderia ser feito para revitalizar os sinos da cidade. Eu sempre falo uma coisa que se perde minha filha, para você resgatar é muito difícil, você pode resgatar sim, mas é bem difícil e no sacrifício, porque vai depender de muitas pessoas pelo tempo que já passou isso não é fácil não. Mas eu tento ajudar, mas é muito difícil resgatar sabe. (ESF).

Entretanto, por outro lado, após o registro, apesar do aumento na restauração de sinos, do interesse por parte da mídia e de outras cidades, citado pela maioria dos depoentes, como um fator de melhoria tanto para o toque dos sinos quanto para o ofício. O depoente ESM, não considera que tenha ocorrido uma mudança significativa na profissão em si que beneficiasse o sineiro, sobretudo nas questões trabalhistas. Ele aponta dois aspectos que o incomodam, a primeira refere-se à nomenclatura da profissão na carteira de trabalho, o entrevistado relata que atualmente na carteira, o ofício é expresso ou como auxiliar de serviços gerais ou sacristão, e não como sineiro. A segunda é devido ao fato do sineiro não receber os direitos trabalhistas de insalubridade e periculosidade, com isso, para o depoente o registro do ofício de sineiro não contribuiu para a melhoria da profissão, assim, ele ainda considera uma atividade muito desvalorizada:

O ofício de sineiro pra mim é uma coisa muito são-joanense, não é uma coisa que ta tendo uma visibilidade nacional. Teve uma visibilidade quando a cidade foi capital da cultura em 2007 e quando a linguagem dos sinos foi tombada como patrimônio imaterial em 2009 né, aí que a gente teve assim um pouquinho mais de notoriedade e umas manutenções de sinos. Mas nada que se manteve nada que a gente colheu algum fruto, é um ofício ainda muito desvalorizado. Então eu penso assim que de que adianta preservar o conjunto material se o ofício de sineiro não for preservado e valorizado né. (ESM).

Nesse sentido, respaldando no principal questionamento do depoente, acerca da preservação ser mais focada no conjunto material em detrimento do imaterial, retoma o que Rodrigues (2003) aponta sobre o patrimônio ao longo da história, estar ligado a valorização daqueles bens materiais, e os imateriais

não apresentarem o mesmo reconhecimento. Embora nos dias atuais esse cenário tenha mudado, ainda assim o material se sobrepõe ao imaterial. Isso pode ser facilmente verificado ao se deparar com a “lista” de bens materiais tombados em relação aos imateriais registrados.

Entretanto, mais do que compor uma lista de bens, sob um enfoque mais amplo Machado e Dias (2009) apontam que o patrimônio não é aquele composto apenas por “objetos do passado” reconhecidos oficialmente, para o autor o patrimônio diz respeito a tudo que irá conectar o ser humano com o seu passado e a atribuição dada por ele ao legado tanto imaterial quanto material:

[...] o patrimônio cultural se reconhece como a memória e o modo de vida da sociedade, compreendendo tanto elementos materiais como imateriais. Constitui-se como patrimônio cultural, o conjunto dos elementos para os quais se reconhecem valores que identificam e perpetuam a memória e referências do modo de vida e identidade social. (MACHADO, DIAS, 2009, p.2).

O toque dos sinos nesse cenário se configura como uma expressão cultural aliada a um objeto, em que os sineiros se reconhecem como parte integrante desse patrimônio. Consistindo assim como um bem do passado dotado de valor social, cultural e identitário. O toque dos sinos permite aos sineiros lembrar e ampliar cotidianamente o sentimento de pertencimento, de partilha, fornecendo até mesmo um sentido para a vida dos indivíduos.

A investigação aqui proposta permitiu reconhecer e vivenciar as peculiaridades de um contexto, que a princípio se mostrou tão simples, porém no decorrer, desvelou um emaranhado de histórias que se entrelaçam até tornar-se a expressão cultural conhecida como toque dos sinos. Dessa forma, foi possível problematizar uma prática repleta de celebração, sociabilidade, ludicidade, aprendizagem e, sobretudo de sentido para os sujeitos que a vivencia cotidianamente, podendo concluir assim que o toque dos sinos de São João del-Rei pode ser caracterizado como uma das diversas formas de manifestação do lazer.

Assim, problematizar o lazer nessa realidade permitiu conhecer o desenrolar da vida do sineiro, que se mostrou repleta de particularidades, significados e sentidos, e possibilitou ainda, presenciar a troca de afeto, de experiências, de aprendizagem e da própria transformação dos saberes e

fazeres do ofício. Portanto, as manifestações culturais que emergem do toque dos sinos são-joanense além de entrelaçar vidas, permitem aos envolvidos no processo vivenciarem “histórica, social e culturalmente”, assumindo assim “um papel peculiar para os sujeitos”.

Finalizo essa dissertação enveredando pelo caminho no qual São João del-Rei me levou, pois trilhar por esse universo do ofício festivo religioso do toque dos sinos, trouxe mais cor e mais vida para minha alma, me fazendo traçar um caminho para um momento poético inspirador. Expresso por meio de um poema minha homenagem a cidade São João del-Rei.

Ode a São João del-Rei

Oh São João del-Rei fruto do auge da mineração do período colonial brasileiro.

Oh terra onde cantam os sinos, onde os toques falam, onde os sinos conversam entre si, ecoando nas paredes das igrejas tocando as paredes do meu coração.

Oh cidade barroca das Minas setecentistas construída sob a esfinge da escravidão, onde cada pedra esconde o suor, o sangue, o sofrimento e dor dos meus negros irmãos.

Oh minha amada ritualística São João del-Rei com sua veemente devoção, com a sacralidade pulsante nas veias do bronze de cada sino.

Oh terra adorada onde o sino canta e tem vida, conclama e convida, educa e ensina, respeita e ama.

Oh minha terra do coração onde os sineiros são mestres, são história, são vida, são o legado de um tesouro de uma nação.

Joyce K. C. Pereira

REFERÊNCIAS

ADÃO, Kléber do Sacramento; NASCIMENTO, Andréa Cristina Silva. Lazer e sociedade na cidade de origem colonial. In: **Lazer em São João del-Rei: aspectos históricos, conceituais e políticos**. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

_____. **Devoções e diversões em São João del-Rei: um estudo sobre as festas do Bom Jesus de Matosinhos - 1884-1924**. 2001. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 2001.

ANDRADE, Mário de. **A arte religiosa no Brasil**. São Paulo: Experimento, 1993.

ÁVILA, Affonso. Uma Encenação Barroca da Morte: as solenes exéquias de Dom João V em São João del-Rei. **Barroco**, Belo Horizonte, n.3, p.41-7, 1971.

BALLART, Josef. **El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso**. Barcelona: Ariel, 1997.

BARBOZA, Rosangela; SÁ, Marco Antonio, 2013. **Os sinos falam**. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/familiacrista/ptbr/?system=news&action=read&id=4218> Acesso em: 28 Fev. 2017.

BAKHTIN, Mikhael. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BRASILEIRO, Vanessa Borges; DANGELO, André Guilherme Dornelles. **Sentinelas Sonoras de São João del-Rei**. Belo Horizonte: Estudio 43 – Artes e Projetos, 2013.

BENEVOLO, Leonardo. **Introdução à arquitetura**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. O Mecenato dos Leigos: cultura artística e religiosa. In: **Arte sacra no Brasil colonial**. Belo Horizonte: Edita C/Arte, 2011. p.95-111.

CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. **A Marcha da Civilização: as vilas oitocentistas de São João del-Rei e São José do Rio das Mortes - 1818/1844.** 1998. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** 3. ed. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006.

CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ACERBISPADO DA BAHIA. Feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. São Paulo: Typographia2 de Dezembro de 1893. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222291> Acesso em: 28 Mar. 2017.

DANGELO, Andre Guilherme Dornelles; FRIGO, Fernando. **Inventário de Campanologia de São João del-Rei Minas Gerais,** São João del-Rei, 2013.

DANGELO, André Guilherme Dornelles; BRASILEIRO, Vanessa Borges. **Sentinelas Sonoras de São João del-Rei.** Belo Horizonte: Estudio 43 – Artes e Projetos, 2013.

_____. **Os sinos da quaresma, mensageiros da alma barroca mineira.** São João Del Rey, 2002.

DANGELO, José Geraldo. **O sagrado e o profano.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/ Suplemento Literário de Minas Gerais, 2007.

DEBORTOLI, José Alfredo. Lazer, Envelhecimento e Participação Social. **Licere,** Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.

_____. Linguagem: marca da presença humana no mundo. In: CARVALHO, Alysso *et al.* (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem.** Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX-UFMG, 2002. p.73-76.

_____; SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Técnica, Corpo e Arte: aproximações entre antropologia e motricidade. **Licere,** Belo Horizonte, v.16, n.2, jun/2013.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.** Trad. Sérgio Milliet, Tomo Terceiro, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Valor patrimonial: memória social e poder. In: COSTA, Everaldo Batista; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo (Org.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre a história, território e poder.** São Paulo: Outras Expressões, 2012. p.137-155.

DIAS, Ângelo; MANEIRA, Angelo; MONTENEGRO, Daniel; HORTA, Elton; GONTIJO, Joana; MENDES, Juliana; ANDRADE, Marcelo. **A Linguagem dos Sinos de São João del-Rei**. Belo Horizonte: Faculdade de Comunicação e Artes, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DICIONÁRIO ABERTO. **Significado de devoção**. Disponível em: <<http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>> Acesso em 10 Abril 2017.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. A não-ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na igreja católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as. **Revista Estudos Feministas**. v. 13, n.2. Florianópolis, 2005.

FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. **A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro**: a gênese de uma rede institucional alternativa. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a04.pdf> Acesso em: 20 Mar. 2017.

FREINET, Célestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Trad. Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. rev.ampl. Rio de Janeiro: UHRJ/Minc/Iphan, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FURLIN, Neiva. Inserção feminina nos territórios do saber teológico: Uma perspectiva de gênero. In: **Fazendo Gênero 8** - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

GRAEFF, Nina. **Samba de Roda**: comemorando identidades afro-brasileiras através da performance musical. 2013. Disponível em: <https://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a173.pdf> Acesso em: 20 Jan. 2017.

GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOMES, Christianne. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista brasileira de estudos do lazer**, Belo Horizonte, v.1, n.1, jan./abr. 2014.

_____. Mapeamento histórico do lazer na América Latina: em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. (Org.). **Estudos do Lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 145-164.

_____. Lazer e formação profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, Janice Lúce Martins; GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011. p. 33-46.

_____. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais, cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne; OSÓRIO, Esperanza; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo. (Org.). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.67-122.

_____. Verbete Lúdico. In: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.141- 146.

GOMES, Daniela Gonçalves. **As Ordens Terceiras em Minas Gerais: Suas interações e Solidariedades no Período Ultramontano (1844-1875)**. 2009. Dissertação Mestrado – Universidade Federal de Ouro Preto – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/as_ordens_terceiras_em_minas_gerais.pdf Acesso em: 25 Mar. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Pensando a diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv; NOGUEIRA, Adelaide. La Guardia. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

INGOLD, Tim. Introduction to culture. In: _____. (ed.) **Companion encyclopedia of antropology**. London: Routledge. 1994, pp. 329-349.

_____. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/> Acesso em: 02 Jan. 2017.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Infográficos:** dados gerais do município. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=316250&search=%7Csao-joao-del-rei> Acesso em: 02 Jan. 2017.

_____. **São João del-Rei.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=316250> Acesso em: 02 Jan. 2017.

IPHAN – INSTITUTO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em: 03 Jan. 2017.

_____. **O Toque dos Sinos em Minas Gerais.** DOSSIÊ DESCRITIVO IPHAN. 2009. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20toque%20dos%20sinos(1).pdf) Acesso em: 29 Abr. 2017.

_____. PARECER IPHAN. **Processo nº 01450.011821/2009-82.** 2009. Disponível em: http://www.ihgsaojoaodelrei.org.br/repositorio/File/parecer_toque_sino.pdf Acesso em: 16 Jan. 2017.

_____. PARECER IPHAN. **Processo nº 27/GR/DPI.** 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20Toque%20dos%20Sinos.pdf> Acesso em: 16 Jan. 2017.

_____. **Linha do tempo** – IPHAN 80 anos. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1211> Acesso em: 03 Jan. 2017.

_____. **Proposta para a composição do dicionário.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1028> Acesso em: 05 Jan. 2017.

_____. **Linguagem do Toque dos Sinos de Minas Gerais é registrada como patrimônio Nacional.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2685/linguagem-do-toque-dos-sinos-de-minas-gerais-e-registrada-como-patrimonio-nacional> Acesso em: 15 Jan. 2017.

_____. **Bens Tombados.** Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126> Acesso em: 05 Jan. 2017.

_____. **Livros de Registros.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122> Acesso em: 06 Jan. 2017.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Ofício de sineiro**. Disponível em: <<https://portal.iphan.gov.br/mg/pagina/detalhes/70>> Acesso em: 20 Jan. 2017.

_____. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso 20 Jan. 2017.

_____. **Patrimônio Material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>> Acesso em: 20 Jan. 2017.

LABURTHE-TOIRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia antropologia**. 2. ed. Tradução de Anna Hartmen Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge Press, 1991.

LANGE, Francisco Curt. A Música Barroca. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. Tomo 1.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1984.

LESAGE, Robert. Os sinos. In: **Vestes e objetos litúrgicos**. São Paulo: Flamboyant, 1959.

LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LONDONO, Fernando Torres. Cuestiones teológicas en el Brasil colonial. In: SARANYANA, Josep Ignasi. **Teologia en América Latina**. v. II/1. Madrid: Iberoamericana, 2005. p.393-419.

LOURO, Guacira. A construção escolar das diferenças. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 9, 1997, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p. 21-37.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MACHADO, Cassia de Gilmar; DIAS, Reinaldo. **Patrimônio Cultural e Turismo: Educação, Transformação e Desenvolvimento Local**. 2009. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/file.PostFileLoader.html?id=5745f84bdc332def7d14e58e&assetKey=AS%3A365709466062848%401464203339240>> Acesso 25 Mar. 2017.

MARTINS, Roberto Borges. **A Economia escravista de Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves. CosacNaify, 2003.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Cultural**. 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO.pdf Acesso em: 05 Jan. 2017.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3. ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MERRIAM, P. Alan. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MONTANHEIRO, Fábio César. **Quem Toca o Sino não acompanha a Procissão**: toques de sino e ambiente Festivo em Ouro Preto. 2001. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Montanheiro,%20Fabio%20C.pdf> Acesso em: 28 Fev. 2017.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e tradições populares no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: USP, 1979.

NEVES, Breno Bello de Almeida. **Parecer referente ao processo Iphan 01450.011821/2009-82**. 2009. Disponível em: http://www.ihgsaojoaodelrei.org.br/repositorio/File/parecer_toque_sino.pdf Acesso em: 20 Fev. 2017.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. **Revista Estudos Feministas**. v. 13, n.2. Florianópolis, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PLANALTO. **DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto-Lei/Del0025.htm Acesso em: 03 Jan. 2017.

_____. **DECRETO Nº 3.551, DE 04 DE AGOSTO DE 2000**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm Acesso em: 06 Jan. 2017.

PFEFFER, Renato Somberg; LUNA, Moisés. Breve História da Música Antiga em Minas Gerais. **Revista Pretexto**, v. 6, n. 1 - janeiro/junho 2005, 33-44. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/410/406> Acesso em: 02 Jan. 2017.

PEREIRA, Cassia Farnezi. Vida religiosa e mudanças sociais no Distrito Diamantino nos séculos XVIII e XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26. São Paulo, 2011. **Anais...** Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300685151_ARQUIVO_Textocompleto.pdf Acesso em: 25 Mar. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. Disponível em: <http://www.saojoaodelrei.mg.gov.br/> Acesso em: 02 Jan. 2017.

_____. **Projeto básico:** Termo de Referência. 2014. Disponível em: http://www.saojoaodelrei.mg.gov.br/adm/gestor/Salvar_arquivo.php?INT_ARQ=4090 Acesso em: 02 Jan. 2017.

PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mau-assombro?** Religião e Infância no semi-árido nordestino. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PORTAL SÃO JOÃO DEL-REI TRANSPARENTE. Disponível em: < <http://saojoaodelreitransparente.com.br/events/index/type:fixed>> Acesso em: 04 Jan. 2016.

_____. **Combate dos sinos.** Disponível em: < <http://saojoaodelreitransparente.com.br/events/view/3577>> Acesso em: 04 Jan. 2017.

_____. **Sinfonia dos sinos.** Disponível em: < <http://saojoaodelreitransparente.com.br/events/view/927>> Acesso em: 04 Jan. 2017.

_____. **Festa de Passos.** Disponível em: < <http://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/1131>> Acesso em: 04 Jan. 2017.

_____. **Onde os sinos falam:** São João del-Rei. Disponível em: < <http://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/691>> Acesso em: 04 Jan. 2017.

_____. **Linguagem dos sinos de São João del-Rei.** Disponível em: < <http://saojoaodelreitransparente.com.br/projects/view/341>> Acesso em: 04 Jan. 2017.

RESENDE, Edna Maria. **Entre a Solidariedade e a Violência:** valores, comportamentos e lei em São João del Rey, 1840/1860. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

REZENDE, M. V. **Não se pode servir a dois senhores.** Lins: Irmãos, 1989.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN. In: _____. (Org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbetes). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacio%20nal.pdf> Acesso em: 25 Mar. 2017.

RIBEIRO JÚNIOR, J. C. N. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo, & PINSKY, Jaime (Org.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-24.

ROJEK, Chris. **Decentring Leisure: Rethinking Leisure Theory**. Londres: Sage Publications, 1995.

ROSA, M. C. As festas e o lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

ROSADO, Maria José. O Impacto do feminismo sobre o estudo das Religiões. **Cadernos Pagu**. n.16. Campinas: Unicamp, 2001. p. 79-96.

SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

SANTOS, Maria do Carmo Ferreira dos; MONTANHEIRO, Fábio César. **Edição de manuscritos campanários: contributo para a memória de uma forma de Expressão**. 2016. Disponível em: <http://www.ichs2.ufop.br/caletroscopio/revista/index.php/caletroscopio/article/view/150/97> Acesso em: 28 Abr. 2017.

SARTHOU, Carlos. **Relíquias da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Atheneu, 1965.

SENADO Disponível em: http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_2_16_.asp Acesso em: 03 Jan. 2017.

SINOS ANGELI. **Fundação artística Paulistana LTDA**. Disponível em: <http://www.sinosangeli.com.br/> Acesso em: 18 Fev. 2017.

SOBRINHO, Antônio Gaio. **Sanjoanidades São João del-Rei: a voz do lenheiro**, 1996.

_____. **História do Comércio em São João del-Rei**. São João del-Rei: Sindicato do Comércio Varejista, 1997.

SOUZA, Adalberto dos Santos. Os espaços públicos de lazer da cidade de São João del-Rei: Necessidades e perspectivas. In: **Lazer em São João del-Rei: Aspectos Históricos, conceituais e políticos**. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

SOUZA, Devanilson Álvares de. **Formação Litúrgica: a vida litúrgica é a alma pastoral**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lp9lBQAAQBAJ&pg=PA70&lpg=PA70&q=sino+%C3%A9+de+origem+do+latim+que+significa+signum,+autor&source=bl&ots=rtZeWVO5eB&sig=iAU4TYpcyg72Ovvs3gseYZRWQCE&hl=ptBR&sa=X&ved=0CCwQ6AEwA2oVChMI3oHPmoiWyQIVh4SQCh0RzAnC#v=onepage&q=sino%20%C3%A9%20de%20origem%20do%20latim%20que%20significa%20signum%2C%20autor&f=false> Acesso em: 20 Fev. 2017.

SANTOS, Maria do Carmo Ferreira dos; MONTANHEIRO, Fábio César. Edição de Manuscritos Campanários: Contributo para a memória de uma forma de expressão. **Caletroscópio**, v. 4, n. Especial / II DIVERMINAS, 2016.

SÜSSEKIND, Flora. As vítimas-algozes e o imaginário do medo. In: Joaquim Manuel de Macedo. **As vítimas-algozes: quadros da escravidão**. São Paulo: Scipione, 1988.

TENCÕES E TARENTENAS SÃO JOÃO DEL-REI. **Encontro de sineiros de Minas Gerais: da voz do bronze a voz dos homens em São João del-Rei**. Disponível em: <https://diretodesaojoaodelrei.blogspot.com.br/2014/11/> Acesso em: 10 Abr. 2017.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TURATO, Egberto Ribeiro. A questão da complementaridade e das diferenças entre os métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: GRUBITS, S. & NORIEGA (Org.). **Método Qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p.17-51.

VELLASCO, Ivan de Andrade. **São João del-Rei uma vila imperial**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/Suplemento Literário de Minas Gerais, 2007.

VENDRAMINI, Maria do Carmo. Sobre os sinos nas igrejas brasileiras. In: **Musicae Sacrae Brasiliensis**. Roma: Urbaniana University Press, 1981.

VIEGAS, Aluizio José. **A Linguagem dos Sinos de São João del-Rei**. 2013 (1990). Disponível em: <http://www.gazetadesaojoaodelrei.com.br/site/2013/12/sao-joao-del-rei-idade-onde-os-sinos-falam/> Acesso em: 04 Jan. 2017.

ANEXOS

ANEXO A

CAPA ANUNCIE EXPEDIENTE EDITORIAL PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO FALE CONOSCO



GAZETA

DE SÃO JOÃO DEL REI

SÃO JOÃO DEL-REI, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2017 • ANO XIX • O JORNAL DO CAMPO DAS VERTENTES

Cidade
Radar
Opinião
Variedades
Acontece
Vertentes
Esporte
Colunas
Classigazeta

Especial 300 Anos: São João del-Rei, cidade onde os sinos falam!

Postado por Gazeta de São João del-Rei em 7 de dezembro de 2013

Aluízio José Viegas
músico e pesquisador

Na comemoração dos 300 anos de elevação a Vila, quando então foi denominada de São João del-Rei, os sinos de suas igrejas e capelas deverão dobrar e repicar festivamente, celebrando essa efeméride.



Avenida Tancredo Neves antigamente – foto: Divulgação



CAPA DA SEMANA



Edição 981 de 17 de Junho de 2017



Mais que uma rádio



A TV QUE PASSA VOCÊ

PESQUISAR

PAIXÃO POR SÃO JOÃO É...

"dirigir com cautela e obediência às leis de trânsito"

FOTO DA SEMANA



Na tarde da última segunda-feira, 12, o distrito de São Gonçalo do Amarante, Caburu, sofreu com uma forte chuva de granizo. Após meia hora, as pedras de gelo já alcançavam altura de 5cm - Foto: Maria Estefânia Angela /

ANEXO B

Fundição de São João del-Rei

